

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Faculdade de Educação

Mestrado em Educação

DO PÁTIO DA ESCOLA ÀS PASSEATAS NA RUA

Maria dos Anjos Lopes

Dissertação apresentada como exigência parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação (área: Ciências Sociais Aplicadas à Educação) à Comissão Julgadora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. OK/2006

BELO HORIZONTE

-1987-



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

ATA DA 87ª APRESENTAÇÃO DE DISSERTAÇÃO NO COLEGIADO DO CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO DA UFMG.

Aos vinte dias do mês de novembro de mil novecentos e oitenta e sete, realizou-se na sala nº 64 do prédio da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, mais uma reunião para a apresentação da defesa de dissertação, para obtenção do título de Mestre em Educação, da aluna MARIA DOS ANJOS LOPES, sob o título: "Do Pátio da Escola às Passeatas na Rua". A Banca Examinadora foi composta pelos seguintes professores: Miguel González Arroyo (Orientador), Léa Pinheiro Paixão e Lúcio Kreutz - UFV/MG. Os trabalhos iniciaram-se às quatorze horas e dez minutos, com a síntese da dissertação feita pela mestrande. Em seguida, os senhores membros da Banca Examinadora fizeram uma arguição pública à candidata. Após o relato do orientador, a Banca foi unânime em aprovar a dissertação de MARIA DOS ANJOS LOPES, que passa a Mestre em Educação, devendo encaminhar à Secretaria do Curso a versão final em 10 (dez) exemplares. Nada mais havendo a tratar, eu, Lúcia Assis Alves, Secretária do Curso de Mestrado em Educação, lavrei a presente ata, que depois de aprovada será por mim assinada e pelos membros da Banca Examinadora. Belo Horizonte, 20 de novembro de 1987. x.x.x.x.x.x.x.x.x.x

Miguel G. Arroyo
MIGUEL GONZÁLEZ ARROYO - Orientador

Léa Pinheiro Paixão
LEA PINHEIRO PAIXÃO

Lúcio Kreutz
LÚCIO KREUTZ

Lúcia Assis Alves
LÚCIA ASSIS ALVES

Secretária do Curso de Mestrado em Educação - UFMG.

DOAÇÃO

925388-02

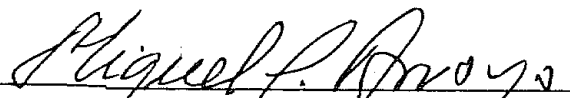
N.º REGISTRO

19.05.88

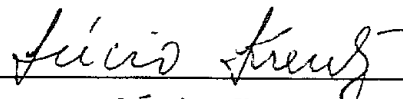
DATA

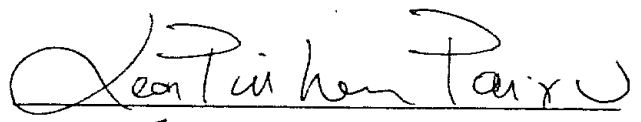
Universidade Federal de Minas Gerais

BANCA EXAMINADORA


Miguel González Arroyo

Orientador


Lúcio Kreutz


Léa Pinheiro Paixão

Aos meus pais Antônio e Izabel, pelas palavras—
presente colhidas nas lições da vida.

À Júlia, Dora e Toninho, meus irmãos-camaradas.

Hoover, Sandrine, Jordânia, "Juninhos" e mais
alguém que vem por aí, toda a minha ternura.

Ao Tião, que na invasão permitida, ocupa meu coração.

A todas as mulheres-trabalhadoras, especialmente
aquelas da E.E. Antônio Lopes Soares, de Canaã,
pelas lições de liberdade.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho contou com a colaboração de muitas pessoas que de diferentes formas contribuíram para que muitos obstáculos fossem superados.

Aos professores do Curso de Mestrado em Educação pelo apoio, sugestões e críticas construtivas que em muito ajudaram na releitura das questões educativas; aos colegas do curso, pelo convívio e pelo desvelar da mulher e trabalhadora; a Prof. Olinda Maria Noronha pela leitura e discussões de parte do trabalho e pelas sugestões bibliográficas muito oportunas, debito grande parte daquilo que me foi possível desenvolver; ao Prof. José Maria de Paiva que ajudou-me a descobrir caminhos; a Ana pela presença constante e amiga nas horas de desânimo; a Thide e Maria do Carmo com quem aprendi a melhor explorar o avesso e o direito da vida.

Um agradecimento especial ao amigo e Prof. Miguel G. Arroyo por sua orientação e apoio no decorrer do curso e durante a elaboração da dissertação e que, pela densidade dos seus trabalhos publicados, desafiou-me a percorrer este caminho.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
CAPÍTULO I	
SENHORES DA SOCIEDADE E GENTE DA ESCOLA	
. Flashes: Sujeitos, Situações e Cenário	21
. Flashes Repetidos: A Ausência e Presença Estatal na Escola	27
. O Início da Produção: Rumo à Escola.....	45
CAPÍTULO II	
A LAPIDAÇÃO DO TRABALHADOR DO ENSINO	
. Um Dia na Escola.....	59
. A Divisão do Trabalho	69
. Os Limites do Espaço de Cada Trabalhador ou À Procura de um Culpado	91
. No Encalço do Especialista.....	104
. Pelos Poderes dos Métodos e Técnicas.....	118
. O Professor	123
. O Aluno: Réu ou Vítima?.....	136
. As Serventes ou Serviçais	142
. Dilapidação e Imobilização da Força de Trabalho	147
CAPÍTULO III	
O PATRÃO SEM AS VESTES DO SUPER-HOMEM	
. Estatuto do Magistério:A Regulamentação da Carreira.....	156
. O Regime Funcional	165
. Movimentação do Pessoal	184
. O Regime Disciplinar	194
. Direitos, Vencimentos, Vantagens e Incentivos	205
. A Outra Ponta da Mesma História	216
CAPÍTULO IV	
DO PÁTIO DA ESCOLA ÀS PASSEATAS NA RUA	
. Revirando Gavetas — Encontrando as Chaves	224
. Dificuldades na Saída: Redutores de Velocidade.....	238
. Sinal Verde: Pode Passar	248
. A Lição da Sombra	259
BIBLIOGRAFIA	263
ANEXOS.....	270

INTRODUÇÃO

*Todo lado tem dois lados: é de-
feito de vista quem só vê o di-
reito. (Nilma Gonçalves Lacerda)*

E o avesso, o diverso, o aparentemente disperso? A necessidade de trazer a escola e seus profissionais mais uma vez em cena, é decorrente de uma certa insatisfação reinante no cotidiano do trabalho escolar, quanto as formas usuais de se falar sobre esta prática. As produções teóricas existentes, destinadas a abordar a escola, pareciam sufocar nas grandes sínteses o trabalhador concreto, sua existência cotidiana. A escola aparecia como numa aerofotografia, olhada de cima sem penetrar nos seus subterrâneos ou era observada do lado de fora, sob o ângulo da clientela que a reivindicava. Faltava algo para descrevê-la como de fato ela é e foi por esse caminho que assumimos a tarefa de adentrá-la, percorrer seus cômodos, revirar as gavetas, acompanhar o fermentar das relações de trabalho aí existentes.

Tirar da sombra, a escola e seus profissionais, revelá-los por inteiro através da repetição de flashes para a descoberta de ângulos poucos explorados, é uma forma de sair do filme em negativo e apresentar os profissionais do ensino a eles próprios. Um cartão postal não só em preto e branco, mas apontando outras tonalidades que vão sendo acrescentadas por sujeitos sociais em relação, cons-

truindo a História.

A partir desta perspectiva, esse universo aparentemente pobre, ganha vida. É tirado das covas, do aprisionamento das celas conceituais que parecia separá-lo do resto da ordem social. Na análise desse espaço o que surge não é mais um fantasma que nos assusta e nos causa pesadelo mas espécies muito fecundas e vivas que precisam ser redescobertas para que não se limitem ao reino das espécies em extinção.

Acompanhar o desenrolar das relações de trabalho na escola e colocar a nu sua ligação atávica com a estrutura sócio-econômica vigente, vai no sentido de melhor dividir neste campo, o Estado e seus gestores desdobrando-se de todas as formas tentando definir as relações professor/professor, professor/especialista, professor/processo educativo, escola/sociedade e ainda se embrenhando nas salas de aula, no material didático produzido, nos grupos criados, afinal na forma de administrar o trabalho e a vida na escola. Neste transitar de mão dupla surgem os sinais: alguns respeitados, outros ignorados, mascarados, invertidos e muitos recriados pelos profissionais do ensino, apontando-nos o fluxo escolar de modo muito rico, como produto de uma construção histórica onde, na relação, se negocia e se reordena a continuidade e a atividade escolar.

Escola aberta, entrada permitida, trânsito livre, mesmo regulamentado. Profissional do ensino: espécie em extinção ou espécie buscando outro nicho ecológico, outro pouso?

Esse é o nosso problema de estudo. A forma de abordá-lo não foi cedendo lugar ao romanesco mas procurando encontrar na escola os seus profissionais vivendo, produzindo, elaborando um saber e dele sendo expropriado, em condições de trabalho, e muito específicas.

Que trabalhador é este? São os profissionais do ensino desse "Fim de Mundo",^{*} desse "ponto perdido no mapa de Minas" e espalhados sempre que necessário pelas escolas rurais do Suspiro, São Luiz, Tombo da Cachoeira, Papagaio, Poaia, Água Fria, PRM^{**} e na zona urbana de Canaã. Profissionais que nos trazem lembranças do Professor Raimundo, Dona Maria e outros, das escolas da Vila São José, Vila São Raimundo, Liberdade e Freguezia nas beiras dos rios do Amazonas, tão bem "fotografados" por Carlos Brandão em sua "Casa de Escola."

Os sujeitos deste trabalho integram uma população de 47 profissionais, contando-se ainda a entrada de outros que surgiram no cenário em substituição àqueles licenciados ou afastados do cargo para assumirem outras funções.

Em todo o momento deste estudo esteve sempre presente a preocupação de não aprisionar a escola dentro dela mesma mas inscrevê-la na trama real onde a educação se rea-

* Nome colocado por um professor, numa carta a mim endereçada, em substituição ao nome do município.

**Nome atribuído a uma pequena comunidade rural onde está situada uma das 8 escolas do Estado, em homenagem ao Partido Republicano Mineiro.

liza. Outra preocupação foi de não considerar o Estado e seus gestores como "vilões" da História e os profissionais como vítimas, tentando estabelecer uma ponte entre a história cotidiana e a história de um movimento social mais amplo. Devo confessar que aconteceu-me muitas vezes ficar perdida em meio a fatos que para este estudo pareciam pouco acrescentar e que se repetiam dia após dia, sem nada aparentemente novo: as conversas à porta das salas, nos corredores, as licenças, entradas e saídas, os grupos formados, os assuntos discutidos na hora do recreio, etc. A escola se apresentava parada. Como perceber o movimento? Como ir além dos fenômenos tal como se apresentavam e penetrar no modo pelo qual são produzidos? Por onde começar? Era preciso ampliar a visão da escola para além do observável e, neste intento o conceito de classe aliado ao de vida cotidiana em muito contribuiu para um avanço.

Se vou com as categorias já prontas para estudar a classe e tento aplicá-las à situação estudada, corro o risco de violentá-la. Estas categorias precisam porém estar bem definidas sem entretanto perder de vista a categoria histórica para apreender a classe se fazendo. Uma releitura de textos que tratavam especificamente destes conceitos* e

* E.P.Thompson. "La sociedad inglesa del siglo XVIII: Lucha de clases sin clases?" In: —. *Tradición, revuelta, y consciencia de clase ... crítica*, Grijalbo, 1979, esp. p. 33-9; Elsie Rockwell e Justa Ezpeleta. "La escuela: relato de un proceso de construcción inconcluso." In: MADEIRA, Felícia Reicher e MELLO, G. Namoro de (coord.). *Educação na América Latina: os modelos teóricos e a realidade social*. São Paulo, Cortez, 1985, p. 151-172; Maria Ester B. Dias. "O cotidiano e o projeto: reprodução da reprodução ou produção da vida." In: —. *A dialética do cotidiano*, São Paulo, Cortez, 1982, esp. p. 95-6.

a própria prática delinearam outros caminhos. Após idas e vindas, registros, foram se acumulando e foi possível um avanço. Que motor impulsionava a partida e ao mesmo tempo gerava solavancos?

Fui de encontro ao trabalhador, percorrendo desde a abertura do portão da escola, até o final do turno.

Além do registro diário, observação participativa, questionários, conversas informais fora da escola, foram utilizadas leis, portarias, questionários sobre o Dia "D", matrizes que a Delegacia de Ensino envia às escolas para coleta de informações sobre os problemas que a escola enfrenta, indicadores, alternativas de solução, obstáculos, todos já preenchidos pelos professores e ainda questionários que a própria escola distribuía, na mesma linha dos anteriores e outros materiais que foram surgindo no decorrer da pesquisa.

A idéia de cotidiano associada ao fazer e refazer diário das condições de existência, implica atividades que se dão além do campo especificamente escolar e que se concretizam em outros âmbitos. Como, pois, dar conta dessa heterogeneidade do cotidiano sem perdê-lo ou perder-se nele? A única forma de se dar conta do heterogêneo é a de reconhecê-lo como produto de uma construção histórica onde as atividades individuais contribuem para processos específicos de produção e reprodução social, recuperando e redefinindo instituições construídas de antemão.¹ Nesse ca-

1. E. Rockwell e J. Ezpeleta. Op. cit.

minho a escola começa a despontar sobre outros ângulos.

A vertente de pesquisa escolhida para abordar esta temática foi o estudo de caso, com vistas a oferecer condições de destacar as relações de trabalho, colocando frente à frente interesses de empregador e empregado, tentando não perder de vista o trabalhador enquanto tal e o próprio movimento de transformação de suas práticas políticas. Isto posto, também contemplar estas práticas invisíveis que no cotidiano vão reconstruindo as relações de trabalho, os mecanismos de dominação e resistência.

A familiarização com o contexto não foi difícil, pois trabalho na escola desde 1974, sendo este período conjugado com 5 anos de afastamento, devido a um período de desemprego (1979), trabalho em outro município (1980) e 3 anos de Autorização Especial (1984-1987) para frequentar o curso de Mestrado, o que de certa forma não impediu alguns contatos com os trabalhadores, embora os tenha limitado. Soma-se a isto as precauções tomadas para não partir da observação participante para a participação observante e resvalar para a militância.²

O trabalho de campo voltado para a tese iniciou-se em julho/86 através de observação participativa e caminhou até dezembro/86, quando fui levada a pedir a revogação do

2. Eunice R. Durhan. "A pesquisa antropológica com populações urbanas: problemas e perspectivas." In: CARDOSO, Ruth (org.). *A aventura antropológica: teoria e pesquisa*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986, p. 17-37.

ato de Autorização Especial que vigoraria até 01 de março/87. Com o crescente número de remoção de professores da zona rural para a urbana (motivos políticos), antecipei a volta para evitar o risco de trabalhar na zona rural em um cargo e na zona urbana em outro, o que dificultaria em muito a continuidade da dissertação. Começo então em janeiro/87 já como professora, supervisora e pesquisadora "integrada à linha de montagem." A escola, agora mais aberta para mim como trabalhadora, impunha os limites à pesquisadora. Acredito ter conseguido me policiar o suficiente sem partir para a militância. Foi um momento rico, pois agora contava com maior acesso ao espaço, além das ricas conversas fora da escola, das visitas costumeiras às casas, participação nas reuniões, procurando acompanhar de perto todas as atividades, fazendo um malabarismo com o tempo.

O trabalho ficou estruturado em quatro capítulos.

No primeiro — "Senhores da Sociedade e Gente da Escola" — procuramos acompanhar o percurso dos profissionais do ensino rumo à escola e tentamos realçar neste trânsito sinais colocados pelo Estado para demarcar a caminhada e impedir outras passagens.

O segundo capítulo — "A Lapidação do Trabalhador do Ensino" — explora alguns destes sinais analisando mais detidamente a organização do trabalho e suas implicações no cotidiano destes sujeitos. Procuramos trazer este universo de trabalho tentando penetrar nos seus detalhes: a divisão do trabalho, o disciplinamento, o apertar os laços que se dá

em vários momentos e como nessa tejedura os trabalhadores vão percebendo, mesmo ainda de forma precária, os fios se cruzando.

No terceiro capítulo são analisados alguns itens significativos da copiosa legislação utilizada para administrar e organizar o trabalho escolar, revisitando alguns pontos da história da configuração do sistema educacional, apresentando "O Patrão sem as vestes do Super-Homem", posto que ele não é, nem nunca será o único sujeito da História e é por estar ciente disso que lança a rede de caminhos burocráticos, onde os profissionais do ensino por seu turno, vão aprendendo transitar.

No quarto e último capítulo — Do "Pátio da Escola às Passeatas na Rua" — procuramos amarrar as questões que foram tratadas em todo o trabalho e centralizá-las em torno da forma pela qual esta categoria profissional enfrenta o cerco e atua neste terreno e como em cada luta vai emergindo um novo saber em direção aos seus interesses.

Desenrolando os fios, traçando linhas, desmanchando algumas já traçadas os olhos vão aprendendo a bem enxergar, apesar das deficiências. Encerramos este estudo com "A lição da sombra". Uma espécie de ponto de interrogação ou reticências postos ao final do capítulo de uma História ainda em construção.

CAPÍTULO I

SENHORES DA SOCIEDADE E GENTE DA ESCOLA

A questão que aqui se coloca é antes de tudo a necessidade de se olhar com particular interesse para esse campo, quase sempre anônimo e obscuro, que é o trabalho escolar cotidiano e a partir daí "tirar das covas" os sujeitos trabalhadores de ensino que vêm, muitas vezes anonimamente, fazendo a história: Tirar os professores, a escola e os alunos da clausura à qual foram condenados constitui tarefa urgente. Os professores condenados pelo despreparo profissional, pelo excesso de amor, dedicação, zelo e vocação ou pela carência de espírito crítico, de compromisso político e outros tantos males. Por outro lado, a escola aparece em muitas análises como num filme que ainda não foi revelado, onde só discernimos os contornos da fotografia. A visão dos alunos constitui outro entrave na análise do cotidiano escolar: pobres, carentes, indisciplinados, folgados e outros conceitos que são tem por função ocultar o que é evidente: que são filhos de trabalhadores e que o sistema tudo faz para que sejam trabalhadores.¹

Esta forma de fotografar a escola, a prática escolar, tem aumentado em muito a insatisfação dos trabalhadores do ensino, ao mesmo tempo que os tem levado a uma mesmice aguda

1. Miguel G. Arroyo. Operários e educadores se identificam: Que rumos tomará a educação brasileira. In: Educação & Sociedade, Cortez, São Paulo, (5); 1980 p. 5-23.

ou mesmo a tomarem atitudes radicais e descabidas na tentativa de colocar a casa em ordem. Outras vezes impera o "deixar estar para ver como é que fica." O culpado é sempre o "sistema", o Estado que administra mal, os conteúdos que não estão adequados à realidade dos alunos, a organização do trabalho escolar, o estado de miséria da maioria das escolas, falta disso, falta daquilo. Esse culpado parece muitas vezes imbatível aos olhos dos professores, torna-se um Super-Homem. Superestimando-se o inimigo, enfraquece-se o outro lado. Se se apresenta o Estado tão forte, tão senhor de si e dono dos outros que a ele se acham ligados pela venda da força de trabalho, não se chega a perceber que essa história é única, porém feita por duas classes em confronto que possuem interesses contraditórios.

Essa tendência de se focalizar a vivência da classe trabalhadora (neste caso os profissionais do ensino), tendo no centro o Estado, transmite uma visão enviesada da história e da luta de classes. Os trabalhadores aparecem como aqueles que só reagem em resposta a determinada ação.

É na tentativa de fazer emergir esse cotidiano com sua rede de brigas internas, rivalidades entre os pares, que se pode apresentar a positividade da escola. Positividade esta que a revela como local de trabalho e onde os sujeitos específicos experimentam, conhecem, reconhecem e transformam a realidade escolar. Adentrar esse cotidiano, explorá-lo, poderá fornecer as pistas para superá-lo. Não se trata simplesmente de ruminar o cotidiano mas reconstruir as redes que o compõem para descobrir as suas ligações com outros âmbitos. Isto implica

em colocar a nu as relações de trabalho na escola. Questões estas que são tratadas com extrema cautela e acabam no vazio, pois não se avança, não se colocam as relações de classes que estão aí. É criado todo um clima de medo do conflito e todo o cuidado para não ferir o outro, questionar suas atitudes, suas posições frente ao grupo. E nesse clima de não "ferir as sensibilidades" continua a guerra fria, as "panelinhas", a suposta perseguição pessoal, o grupo dos "neutros", dos competentes ou daqueles que não querem nada.

Cuidar dessa pedagogia do cotidiano não é deixar-se fascinar pelo clima da fofoca mas proporcionar aos trabalhadores a condição de perceberem estas questões cotidianas como questões coletivas de vida; é tratar os aspectos que condenam a escola, professores e alunos, com outro foco de luz que revele por inteiro o local de trabalho. É lançar um olhar de frente para melhor divisar os limites e as possibilidades, é portanto, avançar.

Assim, desvelado o caminho, a prática dos profissionais do ensino passará a adquirir sentido, porque vista como forma de ação no jogo das relações sociais. Não se trata, neste ponto, de negar ou relegar a segundo plano estas formas de administração e organização do trabalho escolar, mas extrair dessa escola, em negativo, sua positividade. Positividade no sentido de ver a escola não em si mesma, mas trazendo o fermentar das relações que acontecem no dia-a-dia. Revelar esta fotografia é ir analisando cada detalhe, decompondo-o e sempre relacionando-o com a totalidade, sem perder de vista sua produção histórica. É apreender a escola nas suas

peculiaridades e não deixar que esta apreensão se esgote no interior da própria escola. Não se trata de buscar aí um culpado mas tentar entender, a princípio, o seu acontecer diário e suas relações com o contexto sócio econômico e político: as conversas à porta da sala e na cantina sem preocupação com o tempo, as festas para arrecadar fundos para a Caixa Escolar, a distribuição de tarefas, a invasão do espaço doméstico pelo trabalho escolar, as licenças constantes, a preocupação com o acesso, quinquênio, aposentadoria, salário, a moralização, a entrada e saída de alunos e professores, as filas, rezas e cantigas, a figura do "Chefe", os armários trancados a chave, a eleição para diretor, as "panelinhas", a evasão, a repetência, a dobra de turnos, a greve, o horário, o aspecto dos alunos e professores, a quantidade de professores excedentes, o privilégio de uns funcionários e a "marcação" com outros, as reuniões, as fofocas... É a escola, é a máquina pública!

A partir desse emaranhado de fios, pode-se descobrir o autor da tecedura. Os avanços e recuos fazem parte dos mecanismos pedagógicos usados pelo Estado e outros empresários da indústria do ensino para constituir o trabalhador do ensino. Educá-lo. Educar o trabalhador não simplesmente para obter a submissão e passividade mas porque *quanto mais incompleto e até imperfeito for o trabalhador parcial, mais será ele perfeito como trabalhador coletivo.*²

2. Karl Marx. Da manufatura à fábrica automática. In: GORZ, André (org.). *Crítica da divisão do trabalho*. Martins Fontes São Paulo, 1980, p. 23-36

Desenterrar estes fantasmas implica em olhá-los de frente, sem pudor, sem forçá-los a corresponder a modelos pré-fabricados, para que se possa descobrir seu lado negligenciado.

Esse outro lado da leitura da escola nos é trazido por Justa Ezpeleta e Elsie Rockwell: *O intrincado conceitual existente para observar a escola, para abordá-la como unidade do sistema escolar, servia normalmente para comunicar o que nela não existia, para elencar suas deficiências e carências. A parte da teoria social que devia dar conta da escola, caso seja certo que se trate de uma instituição, não parecia superar a dicotomia do normal e do patológico... A maior parte dos estudos sobre escolas, realizados no México, tem a tendência de descrevê-la em termos negativos. Dizem o que não há nelas ou o que não corresponde ao modelo de análise adotado.*³

Adentrar a escola dia após dia, ano após ano, é tarefa que nos leva à intimidade, que põe a nu este espaço aparentemente pobre e sem novidade e nos traz a realidade viva dos trabalhadores do ensino: o ritmo de trabalho, a execução de gestos impostos, a vida, os músculos e nervos reagindo, revoltando e resistindo, as conversas de corredores, de gabinete, o protesto, o medo, diretor, supervisor, afinal o trabalhador. Trabalhador datado e localizado com sua história,

3. Justa Ezpeleta e Elsie Rockwell. La escuela: Relato de um proceso de construccion inconcluso. IN: MELLO, Guiomar e MADEIRA, Felicia R. (coord.). *Educação na América latina: Os modelos teóricos e a realidade social*. Cortez, São Paulo 1985. p . 151-172.

às vezes figura central em mais uma página como esta, outras vezes espécie ameaçada de extinção, marcada para o esquecimento, para ir sumindo devagarzinho, como nos lembra Rubem Alves quando fala do desaparecimento dos tropeiros e caixeiros assim como do desaparecimento de outras profissões: *Aconteceu com elas o que aconteceu com aqueles velhinhos de quem a morte se esqueceu, e que vão aparecendo cada vez menos na rua, e vão emagrecendo, encolhendo, sumindo, lembrados de quando em vez pelos poucos amigos que lhe restam, até que todos morrem e o velhinho fica, esquecido de todos. E quando morre e o enterro passa, cada um olha para o outro e pergunta: "Mas, quem era este?"*⁴

É na tentativa de sair desse clima funesto de morte, covas, fantasmas e enterro que se faz necessário trazer as escolas ou "casas de escola" mais uma vez ao palco, redescobrimo suas forças verdadeiras, o conteúdo de luta subsumido no esmagamento do cotidiano. Por mais que se preocupe com a relação Estado-sociedade civil, o importante não é só *situar funções da instituição escolar dentro do Estado ou da sociedade civil... O que importa é buscar a presença estatal e civil na realidade cotidiana da escola.*⁵ É olhar a escola de baixo para cima. Entrar pela porta dos fundos e observar as relações peculiares e imprevistas, a desarrumação da casa,

4. Rubem Alves. "O preparo do educador." IN: BRANDÃO, Carlos R. (org.). *O Educador: Vida e Morte*: Rio de Janeiro, Graal, 7 ed., 1986. p. 13-28.

5. Justa Ezpeleta. Op. cit. p. 156

a poeira e as tentativas de faxina. A partir daí, a entrada pela porta da frente é menos inibidora e mais rica, pois já se pisou o terreno clandestinamente.

Flashes: Sujeitos, Situações e Cenário

Os personagens centrais dessa história são alguns dos milhares de "sofressores" (como bem caracterizou uma professora), que começam a falar grosso e pensar alto as questões salariais, as condições de trabalho, a organização de trabalho escolar e que no dia-a-dia vão dando adeus ao culto hipócrita da missão que lhes foi confiada. O cenário escolhido para pensar estas questões, foi uma escola de 1º grau (1a. à 8a. série) situada no município de Canaã, na Zona da Mata de Minas Gerais.

Canaã é uma cidade fundamentalmente voltada para a agropecuária e com a população de 5.327 habitantes, segundo o censo de 1980. A população é predominantemente rural, sendo de 918 o número de habitantes na zona urbana e 4.409 o da zona rural.⁶ Canaã dista 31 Km da BR-120, a 37 Km de Viçosa, 82 de Ponte Nova e 256 de Belo Horizonte. Todas as estradas que cortam o município são de terra e a maioria delas em estado precário.

Predominam as pequenas propriedades com área inferior a 50 ha, representando 85,2% do número total de estabelecimentos e ocupam 42,4% da área dos mesmos. A larga utilização, em todo o município, da mão de obra familiar visa a

6. Fonte IBGE. Censo de 1980.

superar os problemas de falta de braços provocado pelo acen- tuado êxodo rural. O setor secundário (indústrias) é bem reduzido. Apresenta baixa capacidade de emprego e, em geral, o próprio proprietário encarrega-se dos trabalhos.

O comércio é estritamente de caráter local: 2 far- mácias, 1 posto de gasolina, 3 lojas de tecidos e aviamentos, alguns pequenos bares e mercearias.

No setor de serviços, há um Posto de Saúde na sede municipal, mantido pelo Estado, e ao qual presta serviço al- gum médico residente na cidade que aí não permanece por mui- to tempo, havendo de tempo em tempo um novo profissional. O atendimento odontológico fica a cargo de 2 dentistas prá- ticos.

O município pertence à 20a. Delegacia Regional de Ensino, localizada em Ponte Nova. Para os serviços de edu- cação, Canaã conta com 11 estabelecimentos escolares (8 esta- duais e 3 municipais). Na sede do município estão localizadas duas escolas: uma estadual com o 1º grau completo e uma mu- nicipal com 2º grau no curso de Habilitação para o Magistério de 1º grau. Os demais estabelecimentos escolares estão loca- lizados na zona rural.*

A cidade é composta praticamente de uma única rua, pois sua topografia dificulta seu crescimento mais compacto, permitindo apenas o desenvolvimento urbano linear ao longo

* Estes e outros dados referentes ao município foram forneci- dos pela Prefeitura Municipal.

da estrada que liga Viçosa a Araponga. A margem esquerda da única rua no sentido Viçosa a Araponga, está sujeita a inundações e a margem direita é formada por terrenos abruptos. Apenas em algumas áreas menos íngremes, pequenos trechos de ruas estendem-se em posição perpendicular à via principal. Estes trechos são denominados "grotas", e aí quase a totalidade dos moradores habitam em casas semelhantes às descritas por Engels em *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra* e onde também experimentam semelhante degradação física, moral e intelectual.

Essa descrição um pouco prolongada sobre a posição geográfica, dados sobre população, infra-estrutura básica, comércio e serviços e também sobre a estrutura da cidade faz-se necessária porque este contexto específico de desamparo e abandono concorre para dificultar uma ação mais efetiva dos professores na organização da categoria e cria de certa forma resistência ou indiferença da comunidade em relação aos movimentos dos mesmos. Ser professor, para a maioria dos pais de alunos, é ter uma boa profissão, salário certo todo mês, afinal, ganhar bem. O professor aqui é "elite" e alguns testemunham, pelas jóias que usam, pelas boas roupas, casas e móveis, seu privilégio social em relação a certos grupos locais. Estes símbolos de status, muito sutilmente, os separam dentro da própria escola. O excesso de presença que estes signos transmitem, falam a linguagem do prestígio e encobrem de certa forma o trabalhador que existe nestes profissionais.

Outros entraves à organização efetiva dos professores é a permanência, no município, de traços bem acentuados do mandonismo do político mais forte (o prefeito neste caso),

do filhotismo, conforme deixa bem claro Vitor Nunes Leal em *Coronelismo enxada e voto*. É nesse clima que se cria toda uma ordem de favores pessoais a parentes e amigos, como *arranjar emprego, emprestar dinheiro, avalizar títulos...*, *providenciar médico ou hospitalização nas situações mais urgentes...* *dar pousada e refeição... batizar filho ou apadrinhar casamento...* ⁷. No caso dos professores é ajudar na remoção de uma escola rural para uma escola urbana, resolver problemas de erros ou injustiças cometidas com algum funcionário, reservar a vaga para a diretora, "dar um jeitinho" de colocar a filha, sobrinha ou esposa de fulano... e essa rede compreende outras amarras que ajudam a bloquear o caminho da luta.

É importante captar, então, estas formas sutis de desarmar os trabalhadores do ensino e que não são usadas inocentemente. Elas estão aí impregnando toda a nossa vida, o nosso cotidiano, a família, o trabalho e a cultura. Compreender este cotidiano como todo um modo de luta pode vir a ser elemento importante na percepção das condições de gestão da força de trabalho. Os favores e conchavos políticos aliados à máquina estatal tentam controlar o trabalhador e também reorganizar sua vida fora do ambiente de trabalho. Nesse aparente anonimato e numa suposta inocência, esta trama educativa vai se desenrolando e tentando regular além do lazer, saúde, habitação, transporte, etc., as relações no interior da escola: relação professor/aluno, professor/professor, escola/

7. Vitor Nunes Leal. *Coronelismo, enxada e voto*. 2 ed. São Paulo, Alfa-Ômega, 1975. p. 38.

/comunidade e se embrenhando nas salas de aula, no material didático produzido, nos grupos criados, afinal criando e recriando formas de organizar a vida no interior da escola. Porém este processo não é unilateral. Thompson, em *Tradición, revuelta y conciencia de clase*, deixa claro que a classe é definida pelos homens ao viver sua própria história e afirma logo adiante que as classes não existem como entidades separadas que, olhando ao redor, encontram uma classe inimiga e começam logo a lutar. Pelo contrário, as pessoas se encontram em uma sociedade estruturada em modos determinados, experimentam a exploração, identificam pontos de interesse antagônico, começam a lutar por estas questões e no processo de luta se descobrem como classe e chegam a conhecer este descobrimento como consciência de classe e finaliza: classe se define a si mesma em seu efetivo acontecer.⁸

As condições e trajeto de vida dos trabalhadores no "seu fazer-se", as experiências concretas por eles vividas como precárias condições de trabalho, insuficiência de salário, degradação física, formas de reivindicações amortecidas com promessas, "jatos d'água" * são, dentre outros, momentos

8. E.P. Thompson. "La sociedad inglesa del siglo XVIII: Lucha de clases sin clases?" In: — *Tradición, revuelta y conciencia de clase*, Grijalbo, 1979. p. 34-39.

* método usado em algumas ocasiões, para dissolver as manifestações grevistas dos professores.

do seu existir cotidiano, de sua luta contra condições que lhe são adversas e que levam de fato à interpretação de sua própria dominação. Entretanto, as "mal casadas"* professoras assim como outros trabalhadores, continuam a luta. E é evidente que o patrão, neste caso específico, o Estado, percebe esta resistência e tenta se adiantar para legitimar seu espaço dentro ou fora da escola. Ciente de que o trabalhador não nasce feito e que vai se fazer como classe em seu efetivo acontecer é que fica colocada a questão de formar, fabricar, constituir, afinal educar o trabalhador. Como se dá esse processo educativo com relação aos trabalhadores do ensino? Como eles se defrontam com o patrão? Que mecanismos a máquina estatal usa? Como é constituído o homem que tem que aceitar se vender como força de trabalho e necessite fazê-lo? Como se consegue fazer este trabalhador com essa outra ética?

Dirigindo um foco de luz neste quadro, pode-se descobrir que sujeitos são estes, que escola é esta e, assim, melhor divisar quem está por trás dessa fotografia e que ângulos faz-se necessário realçar. Os trabalhadores do ensino não aparecem sozinhos, como figuras isoladas. São sujeitos inseridos em relações de trabalho e muito específicas, agrupados em espaços bem quadriculados onde reina toda uma complexidade de leis, burocracias e hierarquias que visam imprimir certo rumo nas suas trajetórias. Invadir este terreno na tentativa de colocar a nu as relações de trabalho na escola, delineando seus contornos, é uma forma de encontrar a

* Palavras usadas por um ex-governador do Estado num período de greve: As professoras não são mal remuneradas, são mal casadas.

escola como ela é; é penetrar seus subterrâneos e descobrir que alguém está sendo feito e ao mesmo tempo se fazendo como sujeito que contesta e protesta frente às formas de disciplinamento. Nesse movimento, torna-se possível melhor compreender as relações sociais de trabalho e divisar o Estado numa fotografia inteirada, realçando o trabalhador enquanto tal e o próprio movimento de transformação de suas práticas políticas. Acompanhar o desenrolar dessa pedagogia entranhada no cotidiano escolar torna-se relevante na medida em que os trabalhadores do ensino são tirados da sombra e aparecem por inteiro no seu agir, reagir e nos momentos que são impedidos de fazê-lo, porque banhados em práticas impostas pelo capital e gestores das coisas públicas. Estes, como num passe de mágica, aparecem e se ocultam na escola abrindo uma rede de caminhos sinuosos (leis, portarias, pareceres, resoluções, documentos, ofícios, quadros, gráficos, etc.) onde devem transitar os trabalhadores do ensino para assegurarem a continuidade da escola.

Flashes Repetidos: a Ausência e Presença Estatal na Escola

Entreí para o Estado há 15 anos atrás. Estou a servir, servir, servir...

E aqui retomo as palavras de Rubem Alves. Por que nos tornamos animais domésticos? Por que nos esquecemos dos nossos sonhos? Que ato de feitiço fez adormecer o educador que vivia em nós? Aqui é fácil encontrar explicações apontando para os donos do poder: foram eles que nos castraram.

Tenho, entretanto, a suspeita de que esta não é toda estória a ser contada. Pergunto-me se nós mesmos não preparamos o caminho. Quando os ferros em brasa nos marcaram, não é verdade que já éramos boi de carro, há muito tempo?⁹

Algumas questões precisam ser colocadas na tentativa de proporcionar maior clareza a essa servidão que não é voluntária mas necessária às relações sociais de produção impostas pelo Estado com suas formas de administrar o trabalho escolar: Para que e para quem contribui a fiscalização dos próprios companheiros de trabalho? A aceitação de normas impostas, sem questioná-las? A quem culpar pelos descaminhos da educação? — Diretor? Supervisor? Professor? Pais? Alunos? Até quando aceitar a mordaca? Que espaço está reservado para a vocação, abnegação e sacerdócio na vida do trabalhador do ensino? Haverá ainda forte presença desses traços, que possam anular a condição de mulheres trabalhadoras? Por que viver à espera de um elogio dos superiores? Por que não levantar e apoiar uns aos outros nas reivindicações da categoria?

O eco de um grito isolado contra os próprios pares não se fará ouvir mas é o desse grito surgido aqui e ali contra o mentor que tenta fazer fracos os trabalhadores que comprou, que se vai juntar os clamores e constituir o "grito inteirado". Ele junta o meio grito dele, com mais o do outro e junta com mais outros que estão em outro lugar. Assim, um dia ele vai poder dar o grito inteirado. Mas esse ele não vai

9. Rubem Alves. Op. cit. p. 24.

*poder dar sozinho, não.*¹⁰

Tudo isso colocado pode levar a uma melhor compreensão do "Clube do Bolinha", que se vê transformado o espaço de trabalho escolar. Diretor e supervisores cantam, a todo tempo, o compromisso político com os alunos, porém estes só aparecem na hora dos problemas e conflitos como forma de desviar o eixo das questões. Tentando camuflar um autoritarismo, justificam atitudes típicas desse comportamento como sendo a favor do ensino, a favor do aluno. Porém nunca se questiona ensino para que e para quem, a favor de quem ou contra quem?

Neste espaço a escola vai se fechando em si mesma e o Estado assim como os proprietários das redes particulares de ensino vão tecendo os fios para dificultarem aos trabalhadores uma reflexão sobre as relações sociais de trabalho que aí ocorrem. Envolvidos na heterogeneidade do cotidiano, acabam por se perderem nele e uma imagem de escola que não corresponde ao real teima em cristalizar-se. Uma escola que aparenta não ter dono, devido estar sua continuidade atrelada à comunidade, pais, alunos e professores, que vão assumindo no dia-a-dia grande parte do ônus da assistência que o próprio Estado deveria assumir. Parece este fato fortalecer a idéia

10. EQUIPE das comunidades de base e de agentes da diocese de Goiás. "O meio grito: um estudo sobre as condições, os direitos, o valor e o trabalho popular!" IN: BRANDÃO, Carlos R. (org.) *Pesquisa Participante*. Brasiliense, São Paulo, 5 ed. 1985, p. 130.

que a escola pertence um pouco a cada um que nela trabalha, dependendo, pois dos trabalhadores sua salvação. Entretanto os caminhos percorridos para "salvar" a escola são justamente aqueles que os "donos" da sociedade e do poder deixam à vista: os caminhos de uma rede escolar de segunda categoria ou seja, a preservação da escola que aí está. Não são divisados muitos outros e a maioria das saídas buscadas consiste em colocar remendos velhos numa peça já gasta: metodologias, adaptação do currículo à realidade dos alunos e outros tantos retalhos que acabam por ofuscar o pano de fundo: o sistema escolar não foi montado para servir aos interesses da classe trabalhadora. O dono da escola se omite. Evasão, repetência e carência persistem. Fica reforçada a idéia de que serão os próprios trabalhadores que fiscalizando uns aos outros, renovando métodos, assistindo os alunos, dedicando ou habilitando-se em cursos, poderão salvar a escola que outros destruíram. A confusão generaliza-se quando se quer buscar soluções com os próprios pares. Não cabe aqui negar a contribuição dos trabalhadores neste intento, desde que o verdadeiro culpado pela situação atual da escola pública, seja melhor divisado.

Nesta trama torna-se difícil estabelecer aquilo que de fato constrói a escola. Tenta-se começar de alguma forma e o primeiro passo é fazer um levantamento daquilo que cada um poderia fazer pela melhoria da escola e sugestões sobre o que se espera que cada companheiro faça. Segue-se o mesmo caminho delineado pelo Estado e seus agentes quando enviam quadros às escolas para serem preenchidos, onde deverão consos problemas, dificuldades e as soluções viáveis, mas que dependam da comunidade. Por detrás destes quadros, vêm papéis

e mais papéis (pedidos de informações, ofícios com solicitações diversas), o grandioso Dia "D" da Educação, onde tem imperado o lema "Vocês têm que dar um jeito". Se as soluções ficam na dependência da comunidade e dos trabalhadores, os problemas que surgirem para sua implementação não são de responsabilidade do Estado omissor. Por esse caminho, reforça-se a idéia do micro, esquecendo-se que estas questões são mais globais.

Aproximemos um pouco mais dessa imbricada rede que são as relações sociais cotidianas, retomando o discurso dos professores, quando solicitados a opinarem sobre o que cada companheiro de trabalho, na sua função específica, poderia fazer para a melhoria da atuação da escola em 1985^{*}

— *Espera-se do Diretor:*

- . Mais apoio e incentivo aos professores.
- . Apreciação do trabalho dos mesmos.
- . Ouvir seus subordinados, ouvir sugestões.
- . Fazer elogios.
- . Propiciar ao aluno melhor serviço escolar para que
- . a permanência dos alunos na escola seja útil e agradável.
- . Ser mais humano.

* Este questionário foi elaborado pela direção da escola e distribuído aos outros funcionários. A direção ficaria pois encarregada de analisar as respostas e propor alguma coisa no sentido de melhorar a atuação da escola. Aos professores caberia atribuir funções para si e seus companheiros e ao diretor, logicamente, mandar cumprí-las.

— *Do Supervisor:*

- . Appreciar o trabalho dos professores.
- . Incentivar professores a atualizarem seus conhecimentos.
- . Realizar o trabalho num clima de cooperação.
- . Ouvir opinião dos professores.
- . Fazer elogios, ouvir sugestões.
- . Dar liberdade ao professor.
- . Planejar, acompanhar e rever ações e métodos utilizados.

— *Do Professor:*

- . Estimular boas maneiras dos alunos.
- . Manter boas relações com os colegas.
- . Cobrar mais do aluno
- . Trabalhar com mais vontade, entregar-se ao magistério com dedicação.
- . Pensar mais no educando que em si própria.
- . Tornar a sua aula a mais importante de todas
- . Trabalhar com mais entusiasmo.
- . Ser mais sincero com outros professores.

— *Do Aluno:*

- . Chegar mais cedo na escola.
- . Fazer as tarefas dadas pelo professor.
- . Saber cumprir ordens.
- . Conservar o prédio e o mobiliário escolar.
- . Conscientizar-se da posição que ocupa na escola e, então, ter mais responsabilidade com seus deveres.
- . Usar de boas maneiras, companheirismo e amizade.
- . Preocupar mais com o estudo e esquecer as "colas".

— *Dos Serventes:*

- . Fazer a merenda como se fosse para sua família.
- . Preocupar mais com a limpeza
- . Tratar a todos com o máximo carinho e dedicação.

— *Dos Pais:*

- . Incentivar a frequência dos filhos
- . Ajudar nas tarefas escolares.
- . Procurar mais a escola.
- . Dar mais autonomia de ação para as professoras.
- . Participarem das reuniões de pais e mestres e, antes de acreditar no filho, procurar conversar com o professor.

Percebe-se, através desse discurso, a necessidade que tem o professor de uma boa apreciação dos superiores. Espera-se mais que uma apreciação, espera-se o elogio para continuidade do trabalho, com mais prazer, mais garra. Procura-se um "carreiro" para guiar o carro, um guru, um santo forte. De onde vem essa fraqueza do profissional do ensino? Ao mesmo tempo que estas atitudes são esperadas, projeta-se no diretor e supervisor um poder que eles não têm, como, por exemplo, proporcionar ao aluno melhor serviço escolar ou incentivar professores a atualizarem seus conhecimentos. Na verdade, dar mais apoio e incentivo ao trabalhador do ensino é função do Estado, como este se ausenta e se faz presente na figura dos especialistas, exige-se deles estes comportamentos, pois muitas vezes personificam esta autoridade. Vestem-se de uma autonomia que não possuem e tentam controlar o trabalhador de linha. A ambigüidade da figura dos especialistas na escola fica clara nestes

discursos. Ao mesmo tempo que ele é uma personificação do Estado, do poder, ele é visto como mais um entre os trabalhadores de linha e, como tal, é chamado a ser mais humano, ouvir sugestões e dar liberdade, afinal jogar no seu time e não no campo adversário. Se num primeiro momento os professores se autopercebem como impotentes, fracos, desqualificados, num outro (como será mais detalhado no capítulo II) há o momento da crítica dessa hierarquia, há luta para mudarem a situação que aí está e qualquer bandeira que acene neste sentido é logo empunhada pela maioria.

Com relação aos pais, serventes e alunos, que de certa forma são subalternos, a relação inverte. Agora é o professor que se coloca como o guia. Os alunos precisam aprender a cumprir ordens, fazer tarefas, usar as boas maneiras, enquanto os pais devem procurar mais a escola, dar mais autonomia de ação para o professor "punir" seus filhos. O lugar da servente fica aqui bem traçado: na cozinha, fazendo a merenda como se fosse para sua família. Tudo dividido, com cada um no seu lugar.

A pontualidade, a dedicação, a submissão, a entrega, a disciplina são elementos que estão sempre presentes nas cobranças do dia-a-dia de trabalho escolar. São estes mesmos elementos que o Estado preza e vai tentando reforçar: cada um no seu lugar, no horário, trabalhando com dedicação, respeitando o chefe, exigindo mais dos companheiros de trabalho. Só mesmo dividindo os trabalhadores, tentando fazê-los voltar-se uns contra os outros, poderá ele reinar mais facilmente.

A Freira, a Tia, a Mulher Trabalhadora

Outro retoque dado a esta fotografia é colocar tons azuis celestes numa cena feita de cinzento. Os trabalhadores do ensino precisam aprender a conviver com esse arremedo de escola, com sua miséria e abandono para que o problema central seja escamoteado: a escola para os filhos das camadas trabalhadoras não faz parte da vontade política do Estado e do capital. Percorre-se diferentes caminhos para desviar o eixo desta questão. O centro das discussões passam a englobar as causas do fracasso na desqualificação dos trabalhadores do ensino, nos métodos e técnicas e até o próprio povo é culpado de sua ignorância. Enquanto isso o Estado omissivo e falido enquanto responsável pelos serviços públicos, é inocentado. Os culpados são outros. É este o filme que faz parte do cotidiano das escolas, ano após ano e ainda em cartaz. Prêmio Nobel da escola carente.

Conviver com a carência, miséria e abandono requer novo floreado para melhor delinear a figura da profissional. Aparece o magistério como troca afetiva, a escola como um lar, todos constituindo uma grande família. Os problemas, as brigas internas, a falta de condições materiais para o trabalho devem ser resolvidos "em casa". O Estado não é o grande responsável, nem o capital tem nada a ver com isso. Resta aos trabalhadores vencer pela fé e nesse caminhada devem assumir o encargo de missionários, catequistas e sacerdotes. Existirá missão mais nobre, mais azul celeste? Com isso, tenta-se encobrir a relação mercantil que permeia o ato educativo. Se é um trabalho que tem muito mais de divino do que

propriamente de trabalho, a relação que pode então aparecer, a recompensa que se pode receber não é o salário e sim a redenção que carrega junto a si a abnegação, o amor e o sacrifício.* O interesse do Estado é que estes profissionais tirem o uniforme de trabalhador e se apeguem à toga e à beca para pregarem a fé na escola como salvadora da humanidade, e, assim, catequizar os "cegos das letras", preparando-os para a vida. É preciso buscar as raízes que persistem atuando na direção desse dom sacerdotal com o objetivo de desviar a centralização dos debates, na reflexão pedagógica.

Teria a catequese desempenhado papel tão marcante na sobrevivência e conservação da sociedade? Seriam os trabalhadores do ensino, assim como os jesuítas, os fiéis pregadores da mensagem de uma ordem estabelecida? Que capas fabricar para vestir os ordeiros professores? É redesenhado um novo tipo de educador, traçada uma figura diferente. Não é um trabalhador comum, é o servidor, a estrela luminosa, a fonte do saber, o espelho e, por isso, seu trabalho é uma missão que se aproxima do divino. E em tom, gestos e posturas pré-fabricadas, devem professar as "verdades" pedagógicas e

* Questões sobre a glorificação da ação educativa são tratadas mais detalhadamente pelos autores relacionados: Bernard Charlot. *A mistificação Pedagógica*. Zahar, Rio de Janeiro, 1983 esp. p. 53-98; Guido de Almeida. *O professor que não ensina: uma leitura do discurso do profissional do Magistério*. FAE/UFMG, 1983. Tese de Mestrado; Guiomar Namó de Melo, *Magistério de 1º grau: Da competência...* 5 ed. Cortez, São Paulo, 1985. esp. p. 77-141. Lúcio Kreutz. *Magistério: Vocação ou Profissão?* Educação em Revista, Belo Horizonte (3) 12-16, jun. 1986. Miguel Gonzalez Arroyo. *Mestre. Educador. Trabalhador...* FAE/UFMG, 1985 esp. p. 53-98.

iluminar durante anos, com sua luz, as estrelas de 5a.grandezza que fazem parte de sua via-láctea... ou via crucis.Educar passa a ser mesmo uma missão divina. O primeiro passo para se receber o título de missionário da educação é fazer um juramento frente ao altar da Igreja (isto considerando os onze anos ou mais que passam na escola para aprender o catecismo pedagógico do Estado). É um casamento com a profissão e com a profecia:

Juro cumprir a lei e os deveres de professor, dedicar-me à Educação e instrução dos que me forem confiados, inculcá-lhes o amor a Deus e à Pátria Brasileira.

Jurar, cumprir a lei, dedicar, inculcar o amor... e toda uma ladainha com um estoque de signos diversos para realçar a importância da missão:

Prometo, no exercício do magistério, servir a Deus e à Pátria, educando integralmente a infância e a juventude para que exerçam a sua profissão de homens de maneira livre, corajosa e cristã. Assim juro.

Como se o prometer não bastasse, ele é reforçado com o "Assim juro". E fica bem claro que a profissão de homens só poderá ser exercida se estes mesmos homens forem educados, se frequentarem a escola, concluindo que se assim não for, eles seriam outra coisa, menos homens.

Estes traços, que fizeram a figura do educador, ainda persistem até hoje, pois continua sendo este modelo de trabalhador ou trabalhador-modelo que o Estado e a sociedade capitalista, tentam preservar. Embora novos retoques venham sendo feitos

pelos próprios trabalhadores para redesenhar e redefinir esta figura ambígua, ainda é comum encontrar na primeira página de abertura dos cadernos de planos e mesmo nos planejamentos diários, poemas ou "pequenas máximas" que justificam em certa medida uma identificação com estes papéis:

*O que fizeste da florzinha que te confiei? Afinal,
foram tantas que quase me atrevo a perguntar pelo
jardim que entreguei aos teus cuidados!
Será que é "perder tempo" o debruçar-se sobre um meu
aluno que sofre e que foi confiado a meu amor?
Quem ama acha tempo para tudo!*

E vale reformular o finalzinho: quando não se dão condições materiais de trabalho ao profissional apela-se para seu amor. A imagem do professor zeloso foi construída nessas condições materiais, precaríssimas.¹¹

Considerando-se as poucas possibilidades de trabalho no município para todos de uma forma geral e especialmente para as mulheres, trabalhar na escola é a única saída e também uma forma de fugir do trabalho doméstico, sem remuneração. Do total dos 46 funcionários (efetivos e contratados) trabalhando na escola durante o período da entrevista (15 novembro a 19 dezembro), 40 são casados e de uma forma ou de outra já ajeitaram a vida por aqui. Mesmo as solteiras vivem com a família e de certa forma ajudam a cobrir as despesas.

A opção pelo magistério vem preencher a necessidade de se começar a trabalhar mais cedo e contribuir para o orçamento familiar e até muitas vezes assumí-lo quase totalmente.

11. Miguel G. Arroyo. Cf. supra. p. 66.

A maioria dos trabalhadores percebe que essa opção se coloca em condições sociais determinadas e que o mercado de trabalho é regido por leis que cerceiam a liberdade de escolha. O Magistério então se apresenta como:

- *Única opção de trabalho.*
- *O que pintou primeiro.*
- *Conseqüência da condição financeira (precária) na época.*
- *Falta de alternativa.*
- *O máximo que a família pôde fazer por mim.*
- *O único curso que havia na minha cidade. Era um orgulho ter uma filha professora, ao invés de uma artista.*

O desejo de ter seguido outra carreira está aliado principalmente aos baixos salários do magistério, algumas vezes aos sonhos que foram sendo desfeitos ou às decepções com o trabalho, entretanto o magistério também aponta como profissão da mulher ou aquela que proporciona tempo de cuidar da casa e dos filhos. Existe ainda a mística do amor à arte, da vocação, do gosto de ensinar e conviver com as crianças, do dom de educadora e da realização como professora, porém esse amor e vocação se diluem frente à ansiedade de ver as novas tabelas de aumento, o acesso na carreira e as contas constantes que são feitas quando necessário fazer alguma opção de cargo que implique tocar no salário. Outros ares também carregam a vocação para longe: o desgaste com as dobras de turno, as noites perdidas pelas estradas para conseguirem as habilitações para o magistério, a invasão do espaço doméstico pelo trabalho escolar, a espera de estabilidade, quinquênio, progressão na carreira, aposentadoria, o cansaço, a rotina.

Como falar em vocação, amor e abnegação quando o trabalho é feito como numa linha de montagem, onde a cor é o cinzento, o chefe é autoritário, as pessoas brigam na disputa de posições, o trabalho é indefinidamente repetido e a atmosfera é de prisão? O professor, financeiramente desinteressado, tem igualmente a vocação do mártir.¹² Por que ainda paira no ar, algumas vezes, uma certa indefinição entre trabalhador e sacerdote? Um exemplar dessa espécie em extinção é encontrado neste "Alfabeto da Mestra", distribuído recentemente na escola pela orientadora* educacional (vocacional?), tão semelhante à rezada "Oração da Mestra" de Gabriela Mistral. Quem não se lembra?

ALFABETO DA MESTRA

Cecília Bueno dos Reis Amoroso

Ame seus alunos
Bendiga sua profissão.
Creia no poder da educação.
Discipline sua classe.
Eduque pelo exemplo.
Firme-se em Deus.
Garanta um mundo cada vez melhor.
Honre a missão de mestre.
Instrua com sabedoria.
Julgue-se antes de julgar seus alunos.
Neutralize os rumores pessimistas
Orgulhe-se de ser mestre.
Persista na verdade.
Queira o melhor para seus alunos.
Respeite os seus educandos para ser respeitada.
Sorria. Sorrindo ilumine sua sala de aula.
Trabalhe com amor.
Unifique sua classe.
Vença pela fé.
X?
Zelee com carinho por todos estes cuidados e
descubra por si mesmo o X do êxito do Grande Mestre.

12. Bernard Charlot. Op. cit. p. 55.

* Atualmente na escola não funciona o serviço de orientação educacional. A orientadora citada foi para outra escola e a outra que ocuparia a vaga, desempenha a função de diretora.

Junto a esse manancial de lições de amor, disciplina, honra, respeito, sorriso, carinho e fé não faltou também o "Alfabeto do Aluno" que segue a mesma linha. Em muitas falas, encontramos resquícios dessa missão de educar, embora já contrabalanceada com a ambigüidade vivida pelo educador: missão versus trabalho assalariado.

Antes de ingressar no magistério eu tinha essa vocação, só que as decepções são tantas que a gente fica descrente.

Eu gosto do magistério apesar dos pesares. Também ninguém orientou para outra profissão.

Esta profissão é digna e trabalhosa, mas não é reconhecida.

Quando descobri suas desvantagens, já havia bons anos que eu estava nela. Fiquei apenas pelas vantagens.

Realmente a linha de montagem em que se transformou a escola, tira a cor e a coragem e, se por um lado cega o profissional em alguns caminhos, por outro ensina-lhe na crueza a melhor divisar saídas. Por mais que já tenha discutido o magistério como vocação ou profissão, faz-se necessário trazer estas questões à baila, para melhor entender suas implicações políticas e sociais.

Segundo Lúcio Kreutz, a concepção do magistério como vocação deveu-se a motivos político-religiosos, conservadores e autoritários.

Para um poder público que não tem intenções reais de investir maciçamente na educação básica de toda a população, é conveniente e interessantíssimo que prevaleça essa concepção.

*Sendo o magistério um sacerdócio e uma vocação, então é doar-se e sacrificar-se mesmo, com pouca remuneração, sem reclamar nem fazer greve.*¹³

O autor preocupa-se, ao longo da análise, em enfatizar como essa concepção do magistério dificulta a participação efetiva dos professores na organização da categoria e na luta pelas reivindicações salariais.

Nesse contexto é relevante ressaltar a ligação dessa concepção com o trabalho feminino. Abnegação, doação, dedicação, intuição foram sempre parceiras do feminino. Soa estranha a "abnegação masculina" assim como a "doação masculina". E não é apenas um problema de som mas um problema que tem muito a ver com a divisão sexual e com a divisão social do trabalho, que serve a interesses econômicos. *Mulheres servem ao capital não somente através de sua força de trabalho trocada abaixo de seu valor e sob forma barata. Elas permitem, através de seu trabalho doméstico, que uma massa de trabalhadores/as continuem chegando diariamente às fábricas, usinas, escritórios, lojas e armazéns. Elas também reproduzem uma nova geração de trabalhadores e, através desse trabalho, ainda criam possibilidade de mais apropriação de riquezas para os donos do capital.*¹⁴

13. Lúcio Kreutz. Op. cit. p. 13.

14. Maria Valéria Junho Penha. *Mulheres e trabalhadoras: presença feminina na constituição do sistema fabril*. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1981. p. 82.

A condição feminina revela uma história da condição de inferioridade. Ao homem cabe a liberdade de tomar as iniciativas, ser o chefe da família, enquanto às mulheres são deixados os botões para se pregar nas camisas e outros afazeres domésticos, simplesmente na tentativa de não deixá-las ser sujeitos.

No caso específico deste estudo, muitas vezes quem emerge como o principal ganha-pão familiar é a mulher, enquanto o homem assume a função de trabalhador complementar.

Em alguns casos os salários equiparam-se. No entanto, são elas que têm maiores chances de mobilidade, recebem salários mais altos e têm estabilidade no emprego (39 são efetivas) e com esse trabalho experimentam — numa sociedade que divide sexualmente os trabalhadores — problemas que apresentam ser somente delas: abandono do lar e dos filhos, a falta de babás, cozinheira, etc. Entretanto, os homens ainda mandam. Interferem nas suas decisões de frequentar o curso de aperfeiçoamento ou mesmo cursos de graduação ou reclamam do tempo integral que elas passam no trabalho. Estas mulheres são ainda tuteladas e de certa forma precisam dar à sociedade (cidade do interior) a certeza de que apesar de serem um pouco o homem da casa, ainda são honestas, obedientes. Como a estrutura familiar brasileira é centrada no marido, a inversão deste centro faz da mulher mais arredia, calada. Numa sociedade onde o marido sempre "mandou" e foi chefe, a mulher se sente constrangida em desempenhar este papel e para isto precisa ser cuidadosa. Tornam-se mais silenciosas e afirmam muitas vezes ser o marido quem decide, tentando negar a troca de papéis.

A mulher serve ao Estado como trabalhadora assalariada, mas ela também é usada como mulher na reprodução de outras forças de trabalho (marido e filhos) e é nesse esquema que ela é aproveitada no ensino primário. Carreira especificamente feminina, salários mais baixos onde a mulher poderá exercitar, em toda a sua plenitude, as mais nobres características de seu sexo, nelas desenvolvendo a solícitude, a paciência, a pertinência nas idéias, a bondade, o afeto maternal, o conforto na adversidade e a indispensável ação religiosa-predicados peculiares à mulher e que só ela sabe manejar com doçura capaz de impressionar às inteligências ainda em formação ou os espíritos ainda abalados pelos embates da vida.¹⁵

A passagem para o magistério tem que aparecer como troca afetiva e não como relação de trabalho assalariado. De mãe, a mulher passa a ser freira, a tia. A escola é como a segunda casa, uma verdadeira família e aí já não é mais um ser inferior mas um recurso importante na medida em que consegue ampliar a renda do homem combinando trabalho doméstico com trabalho assalariado. Essa dupla jornada de trabalho reforça o o pouco salário que o homem recebe, pois para pagar uma lavadeira, cozinheira ou babá, o salário recebido seria insuficiente. Fazer comida para o marido de madrugada, chegar à noite, esquentar comida pra ele, não é? Quer dizer, é para a usina mesmo, não é? De toda maneira é só pra usina que eu trabalhei.¹⁶

15. Maria Valéria Junho Pena. Cf. supra. p. 161.

16. Olinda Maria Noronha. *De camponesa a "madame": trabalho feminino e relações de saber no meio rural*. Loyola, São Paulo, p. 83.

O Início da Produção: Rumo à Escola

A chegada do trabalhador do ensino na escola é resultado de todo um processo anterior de progresso da pobreza da sua família. Não é só na escola que o trabalhador vai se constituir. Ele está inserido num processo pedagógico mais amplo que passa pela proletarização de uma grande massa de trabalhadores.

Como a população do município é predominantemente rural, as professoras são, na sua maioria, recrutadas de famílias de pequenos comerciantes, pequenos produtores rurais e sub-empregados cujas condições materiais de vida foram se deteriorando ano após ano. Recebendo cada vez menos por aquilo que produziam e se enredando nas malhas dos empréstimos bancários para adubos, sementes e outros financiamentos, viram suas necessidades e possibilidades econômicas e sociais reguladas pelo capital e pelos intermediários. As famílias foram sendo expropriadas das condições de reprodução ampliada da sua condição social de pequenos produtores autônomos e submetidas a nova ética de trabalho. Mesmo que este trabalhador tivesse certa autonomia sobre seu trabalho, sua suposta liberdade, abrigava condições de vida, muitas vezes brutais.

Hoje eu fico pensando... a gente tinha fartura. Tinha tudo às mãos: arroz, milho, feijão, carne... As coisas vão acontecendo... piorando... tudo sumindo. Também não tenho saudade nenhuma. Aquilo não era vida. Trabalhava, trabalhava e num via dinheiro render. Não tinha conforto. Trabalhava só quase para despesa.

Parece é que antigamente a gente tinha mais tranqlli-
lidade, sei lá. Hoje é um corre-corre.

Eu sei é que aos poucos a gente botou tudo fora...
tudo que tinha: sítio ficou abandonado por conta de
empregado, depois foi vendido. Casa vendida... • Mu-
dança prá rua. Irmãos espalhados... cada um cuidando
da sua vida, se virando do jeito que podia.

Acho que fomos guerreiros. Papai e mamãe trabalharam
demais prá estudar a gente e ainda continuam na luta.
A gente também começou cedo na briga. Hoje fico ven-
do tudo e acho que teve progresso. Vendeu sítio, ca-
sa, mudamos prá outros lugares, mas depois de bom
tempo a vida se arranjou um pouco. Não somos ricos
mas, se a gente olhar prá trás, percebe uma melhora.
Enfrentamos as durezas na marra, a ferro e fogo e
hoje todos estão formados. Cada um se virando como
pode. Acho que é só nesse esquema que a gente com-
preende melhor a vida...

Lembro os dias que lá em casa matava porco. Era como
um dia de festa. A gente levantava cedinho, cada um
queria ajudar e aprontar... Ficava tudo prá despesa,
quase. Fazia farinha de mandioca, polvilho... Tinha
praticamente tudo. Hoje? Adeus bons tempos! A vida
era outra. Acho que aquele tempo a gente até era fe-
liz. Ah! Esse negócio tá parecendo redação de aluno
de grupo. "Saudades da minha infância". (risos)

É tirando uma coisa aqui, outra ali, que o capital
vai tentando formar este novo homem: as coisas vão aconte-

cendo... tudo sumindo... A realidade do trabalhador vai sendo alterada: a divisão do trabalho na família, os costumes, o tempo reestruturado agora em favor do relógio e não mais do sol, a forma de plantar, semear, colher, tratar a terra, a decadência, os prejuízos, a venda da terra. O trabalhador não pode mais viver segundo as relações tradicionais, agora uma nova relação social tenta governar sua forma de trabalho: crédito bancário, fertilizantes, dívidas e como resultado *bota tudo fora* não por opção mas por força das dificuldades colocadas pelo avanço do capitalismo no campo. Nesse caminho da proletarização, o pequeno produtor, não tendo herança a deixar para os filhos, deixa o diploma. A escola aparece como mecanismo de ascensão social, como forma de protegerem os filhos das crueldades da vida por eles enfrentadas.

Eu não escolhi o magistério, fui obrigada a trabalhar e esse era o caminho mais curto.

Como pobre não tem herança para deixar pros filhos, pelos menos um diplominha, né?

Os próprios pais acabam educando os filhos para essa lógica. Se não educá-los para a dureza da vida, eles vão sofrer muito mais, porque entrar nessa lógica é condição de sobrevivência. Diante desse quadro salta aos olhos um outro saber que o trabalhador vai aprendendo, o saber de classe que vai sendo descoberto na produção de sua existência, na vida.

Antes de ingressar no Estado nenhuma das professoras tinha outra ocupação a não ser cuidar de serviços domésticos e algumas poucas que se "viravam" como costureira, bordadeira, balconista ou algum "bico" na prefeitura como professora,

auxiliar do serviço eleitoral, etc. A travessia desse caminho até a escola foi árdua. A quase totalidade das professoras, que hoje atuam na escola, fez aqui no município só o antigo curso primário. Para completar os estudos foram se deslocando para outra cidade ou ficando por aqui até surgir uma forma de poder prosseguí-los. O curso de 2º grau municipal só veio a funcionar na cidade em 1980 e neste período todos já haviam concluído o curso, ora vivendo em casa de parentes, amigos, ora trabalhando em outras cidades (balconista, costureira ou mesmo ajudante no serviço doméstico nas casas onde ficavam). Na maioria dos casos, enfrentavam ônibus todos os dias até a cidade mais próxima. Algumas vezes a família se deslocava daqui e ia peregrinar, mundo afora, à cata de uma escola para os filhos. Partiam mãe e filhos e o pai ficava lutando, sol a sol, na pequena lavoura para dar aos filhos a tão prezada herança: o diploma. A mãe e filhos se ajeitavam: bordavam, faziam crochê, plantavam e vendiam algumas verduras, empregavam o filho no comércio e continuavam a luta. Uns venderam as casas, parte do sítio e cada dia mais a pauperização e proletarização batia às portas:

*Cheguei a passar fome, eu juro. Dinheiro? Nem pro pão!
Tinha dia que só tinha arroz e feijão pra comer.
Tudo contadinho: dinheiro pra aluguel, roupas necessárias,
remédios, colégio... A gente ainda precisava preencher na escola um tal de "Atestado de miserabilidade" pra não precisar pagar nada.*

Nessas idas e vindas, as malas de esperanças de um título de "Professora Primária" foram despejadas nas escolas de Viçosa, São Miguel do Anta, Ervália, Volta Redonda, Coimbra,

Visconde do Rio Branco, Teixeira.

À medida em que a família foi se depauperando, perdendo as terras, a mulher e os filhos se viram como livres vendedores da sua força de trabalho. Em muitos casos foi conciliado o período de estudo e trabalho, pois algumas chegaram a conseguir vagas antes de se formar. Mesmo aquelas recentemente formadas precisavam garantir alguns pontos para obter a contratação no ano seguinte e os cursos de graduação ajudavam neste intento. Nova perambulação. Viçosa era o caminho mais econômico, mesmo assim boa parte do salário ficava com a empresa de ônibus e com os carros fretados em épocas de muita chuva. Novas terras para a graduação: Ponte Nova, Carangola, Belo Horizonte, São João Del Rei.

Fiz o vestibular e ingressei na U.F.V. Foi uma batalha árdua, pois conciliar estudo e trabalho não foi fácil. Saía de casa todos os dias às 16 h e regressava às 24 h, contando ainda com problemas de estradas em péssimas condições, poeira e chuva que acarretavam: gripes, laringite, faringite, etc.

Essas noites de sono que a gente perde, ano após ano, nos ônibus a gente não recupera nunca. Eu vivo sempre cansada.

Tem hora que me pergunto. Tudo isto prá que? Prá valer só dois mil cruzados?

Enquanto existir trabalhador ganhando este salarinho, haverá fundos de sobra prá sustentar a mordomia de muita gente.

Para que essas desigualdades continuem a existir é que se faz necessário introduzir os trabalhadores e seus filhos muito cedo no mercado de trabalho. O filho do trabalhador é algo semelhante a essas frutas que, tiradas verdes, foram obrigadas a amadurecer à força, artificialmente: para quê? Para serem vendidas rapidamente no Ceasa, no mercado. O filho do trabalhador tem que ser vendido muito rápido, não pode esperar amadurecer, afetiva, social e pessoalmente. Ele tem que ser amadurecido a carbureto, rápido, a choque, pancada,... para ser vendido como força de trabalho barata.¹⁷ O possuidor de dinheiro sabe ser esta força de trabalho a única mercadoria capaz de criar valor, aumentar sua riqueza. É por isso que usa de todas as artimanhas para encontrá-la disponível no mercado.

O passaporte que possibilita ao professor sua circulação nas escolas da zona urbana não é simplesmente o diploma ou concurso. Antes de se "ajeitar" nas escolas de mais fácil acesso, ele precisa passar por alguma provação: trabalhar na zona rural até surgir uma possibilidade de contrato, remoção (no caso das efetivas) ou mesmo a mão abençoada de um padrinho político que tenta apressar as coisas. Ainda trabalhar na zona rural é também meio de conseguir a contagem de tempo em dobro para os concursos.

A peregrinação continua. Neste estágio, não se pode mais contar com os ônibus. A maioria reside na cidade e o percurso tem que ser feito a pé, de carona, bicicleta, charrete, a cavalo e outras em caminhão de leite (algum dia alguém já

17. Miguel G. Arroyo. Pátria amada, ignorada. In: *Cadernos: Faculdade de Educação, Belo Horizonte, UFMG* (2):3-19, out, 1985.

pensou em fazer um estudo sobre a importância do caminhão de leite na educação brasileira?)¹⁸ A grande maioria das professoras já trabalhou na zona rural, nem que tenha sido por um breve período. Entretanto como imaginar um percurso diário, de uma funcionária que trabalhou de 1969 a 1986 andando como burro de carga, descobrindo trilhas onde não havia caminhos, subindo e descendo ladeira???

Era o máximo. Um ano, 11Km, outro 6, outro 3Km diários percorridos a pé, mas com alegria.

Essa alegria não era amor à arte de ensinar mas ela existia, porque professora na zona rural ainda é gente! Aluno valoriza a gente muito mais, é mais carinhoso, reconhece nosso trabalho. Tem muito mais motivo pra gente trabalhar.

Trabalhei na zona rural 20 anos aproximadamente. Sempre residi longe dos estabelecimentos que trabalhei, indo à cavalo, a pé, enfrentando chuva, sol, barro, poeira, frio, calor, sede e até fome.

Muitas vezes a própria escola se transforma em casa. Por lá dormem, cozinham e lecionam.

Trabalhei 2 anos e ficava fora de casa durante a semana.

Trabalhei 2 anos na zona rural. Durante dois anos e meio ia de caminhão de leite e voltava a pé. O resto do tempo à cavalo.

18. Carlos Rodrigues Brandão. Casa de Escola. Papyrus, Campinas, 1983 p. 164.

Mesmo enfrentando essas condições de trabalho, o desemprego rondava.

Já enfrentei período de desemprego. Comecei a trabalhar com classe e nesta trabalhei 10 anos. Depois fiquei desempregada. Quando surgiu vaga, assumi o cargo de servente e nele efetivei.

Percorrendo as trilhas da expropriação da base material, da redefinição das antigas relações de trabalho e inserção brutal do trabalhador numa nova organização do processo de trabalho para que ele possa se "educar" segundo o modelo desejado pelo capital divisamos claramente os mecanismos diversos que são acionados para tentar domesticar o trabalhador para o mínimo de submissão e integração nessa lógica de trabalho. Entretanto estas relações são contraditórias e ao mesmo tempo que educa o trabalhador para se submeter à dominação, educa-o também para enfrentá-la. Se há toda uma história de constituição do trabalhador enquanto tal, nela ele não é apenas aquele que gira e se nega em torno do capital, mas também aquele que leva o capital a alterar seus rumos e, nesse agir, se afirma sempre de alguma forma, reinterpretando esta relação em função de seus interesses. Embora totalmente despojados dos meios de produção... despojados também da concepção, da organização e da direção do processo de trabalho, os operários sendo os transformadores da matéria, se apropriam de uma cultura tecnológica e de um código próprio de trabalho que implicam não somente na habili-

dade da coordenação do cérebro e da mão, mas também de uma concepção própria das relações sociais subjacentes à produção e modelos de comportamento coerentes com tal concepção.¹⁹ Resta, portanto, indagar até que ponto esta "educação" é imposta e até onde ela é assumida, para não cairmos no engano de ver a classe trabalhadora simplesmente reagindo, mas vê-la também no seu "se fazendo" classe.

Se o capital consegue fazer com que a sua lógica perpassasse toda a sociedade e se o Estado e seus gestores transportam essa lógica para o interior da escola, estas relações de trabalho bem específicas experimentadas pelos trabalhadores do ensino, não passam despercebidas. Eles, como os outros trabalhadores, vão também reinventando formas de esquivar-se desse domínio, lançando mão da "arte de remanchar", através de conversas na porta da sala sem preocupação de tempo, os bate-papos na cozinha, um tempinho para ocupar com o filho que acaba de chegar na escola trazido pela babá ou por algum conhecido, o espaço para o cigarrinho, as orações e "passeios" com os alunos ao cruzeiro (local situado numa parte alta da cidade, onde é costume, em tempos de seca, levar água, pedras e rezar para pedir chuva), o jeitinho de sair mais cedo, as licenças frequentes e outras faltas justificadas por algumas desculpas.

De toda minha experiência profissional... Já trabalhei em vários municípios... nunca vi tanta licença como existe aqui.

O que se percebe na maioria dos depoimentos dos

19. José Sérgio Leite Lopes. *O vapor do diabo...* 2 ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978, p.8.

professores, é a condição de abandono e desamparo que experimentam. Falta "alguém" que os valorize, que reconheça seu trabalho e os trate como sujeitos de direitos. Como o Estado se omite, o professor junta-se a outros que vivenciam situações semelhantes a sua: os trabalhadores-alunos. Juntar-se a outro fraco, a mais outro e mais outro é uma forma de se fazer forte. O passar fome, noites em claro, o desbravar caminho como burro de tropa, identifica-o com outros companheiros e é mais um elo de união. As decepções, a descrença no trabalho e com o trabalho, as dúvidas no final de ano. (*Que será de mim no próximo ano? E se eu não trabalhar?*) as incertezas de aprovação nos concursos, o imbricado da legislação que regula a vida destes trabalhadores e que muitas vezes quando se chega a entendê-la já foi alterada por outros tantos pareceres ou portarias, tudo isto deixa à mostra a face do patrão. Um patrão que os divide no interior da escola através dos níveis e graus, o que vai repercutir justamente na questão mais delicada: o salário. Ao alargar a possibilidade de um trabalhador, automaticamente limita a do outro. O patrão omissor joga a bomba lá do alto e esta explode no interior da escola em formas de brigas e rivalidades. Porém os laços que os unem como classe são mais fortes e na lida diária negociam e reordenam entre si a continuidade da atividade escolar, mas já em uma dimensão mais rica.

Uma vez colocadas estas questões, resta associá-las a outras para não cairmos na fragmentação da realidade escolar. A construção de cada escola, mesmo imersa num movimento histórico de amplo alcance, é sempre uma versão local e particular neste movimento... A partir daí, dessa expressão local, tomam

*forma internamente as correlações de força, as formas de relação predominantes, as prioridades administrativas, as condições trabalhistas, as tradições docentes, que constituem a trama real em que a educação se realiza.*²⁰

Não se trata de, com isso, cair nas particularidades mas desvendar as minúcias que fazem o cotidiano, não no caminho de ver a individualidade, a especificidade desta escola, datada e localizada com sua história, mas aproveitar a história que aqui se faz, com a história de uma classe se fazendo. Por quê, após, tantos anos de trabalho, as mesmas dúvidas, esperanças, desejos e desânimos continuam a persistir? Por quê as mesmas questões que preocupam os trabalhadores do ensino, retornam ano após ano? Métodos, técnicas, competência/incompetência, baixos salários, instabilidade, conteúdos que não estão adequados à realidade dos alunos, maus alunos??? E o espaço entre o que fazer e o feito, continua cheio de interrogações. Para que as causas mais profundas emergjam em meio a esse emaranhado de fios, faz-se preciso remexer em outro lado da ferida: a organização do trabalho na escola com tudo que ela implica: divisão do trabalho, desqualificação do trabalhador, jornada de trabalho e condições de vida da classe trabalhadora, disciplinamento, repressão, dominação, salário, etc, que visam justamente constituir o trabalhador, porém pelo mesmo caminho que avança a exploração capitalista pode avançar a insubordinação dos operários, captando de cada vez os modos específicos em que se oferecem conjuntamente os dois processos.²¹

20. Justa Ezpeleta e Elsie Rockwell. Op. cit. p. 153-4.

21. Mário Tronti: *Operários e Capital*. Afrontamento, Porto, 1976.p. 86.

Cada avanço por parte do Estado e outros gestores da força de trabalho para dar conta das lições de opressão, proporciona aos trabalhadores elementos de luta que utilizam para dominar as lições de liberdade.

Algumas formas de como esta administração e organização do trabalho se realiza na escola com seus desdobramentos é o que veremos a seguir. Melhor divisando estas trilhas torna-se possível repensar a nossa prática pedagógica e despertar para uma educação que se dá além dos muros escolares. Neste momento, *as diferenças de função e de grau entre professores e pedagogos e as disputas por espaço no processo escolar tornam-se de importância secundária frente à problemática sócio-política que circunda e invade a escola, como um todo. A questão central não é quem é quem na escola, mas quem é a classe trabalhadora, como luta e se organiza, o que ela espera da escola e de nós educadores.*²² É justamente para impedir um avanço neste sentido que o capital e o Estado tentam se antecipar.

Bem delineadas as cenas de fundo, o trabalhador do ensino e a realidade escolar poderão ser descobertos em todos os ângulos e dimensões, numa fotografia inteirada, onde a escola é vista na sua positividade, isto é, nas cores que de fato tem e, misturadas a estas, as cores que lhe vão sendo imprimidas por sujeitos sociais em relação. Assim, novos quadros vão se configurando. A realidade escolar não se apresentará

22. Miguel G. Arroyo. "Dimensões da supervisão educacional no contexto da praxis educacional brasileira!" In: *Caderno de pesquisa*, São Paulo (41): 28-37, Mai: 1982.

mais como subordinada ou fragmentada mas imersa num movimento social mais amplo, onde sujeitos bem específicos vão construindo a história e a escola adquirindo forma material, adquirindo vida. É na tentativa de ampliar a visão deste quadro que será revelada esta fotografia em diversos "closes": de frente, de lado, pela porta dos fundos, pelo elevador de serviços.

* * *

CAPÍTULO II

A LAPIDAÇÃO DO TRABALHADOR DO ENSINO

Chegar à escola e apreender analiticamente aquilo que a vida cotidiana reúne não é tarefa fácil. Reconstruir este universo que num primeiro plano se apresenta sem novidades, como uma realidade pobre, carregada de episódios aparentemente inconseqüentes e outras vezes revela uma variedade e riqueza de acontecimentos, é correr o risco de perder-se nas repetições, na rotina e no automatismo dos dias que parecem suceder-se sempre iguais. *Miséria e pobreza: a vida cotidiana constitui a repetição dos mesmos gestos, o levantar-se pela manhã, preparar o café, sair, caminhar pelas ruas... essa dialética da unidade e do conflito se caracteriza, todavia, pela apropriação (pelos próprios homens) da vida em geral e de suas próprias vidas em particular.*¹ A dinâmica da escola não se esgota nela própria, ela invade a vida de sujeitos determinados e lhes apresenta os dilemas e os conflitos gerados pelo tecer contínuo das relações sociais de produção, teia infinitamente variada, aberta ao inesperado, lugar onde se plasma o presente a partir dos materiais do passado e na presença e perspectiva do futuro.² Perseguir pistas que num primeiro momento apresentam como não significativas, como soltas em meio à aparente dispersão da vida escolar, permite através de idas e vindas encontrar suas amar-

1. Maria Ester B. Dias. *A dialética do cotidiano*. São Paulo Cortez, 1982. p. 96.

2. Cf. *Supra*. p. 96.

ras junto à trama que queremos reconstruir. Novos encadeamentos que revelam forças e conflitos escondidos na rotina diária da escola, vão surgindo e a partir daí outras realidades se desnudam.

Um Dia na Escola

Abrem-se os portões da escola. Entram às sete horas os trabalhadores do primeiro turno com suas ferramentas: lápis, livro didático, canetas, planos de aula, livro de chamada. Estes instrumentos são de sua propriedade. Entretanto, o local do negócio, a terra de trabalho (a escola) é de propriedade do Estado. O professor já vendeu sua força de trabalho e se vê impossibilitado de fazer outra coisa a não ser trabalhar para aquele que comprou essa única mercadoria que tinha disponível. É hora do sinal: filas (meninas de um lado e meninos do outro), canções, cantigas saudando mais um dia que de novo traz pouca coisa, saudações à escola querida, colegas e professores. Em passos lentos cada um se dirige para sua seção: as salas de aula, portaria, cantina, biblioteca e gabinetes. Professores assinam o livro de pontos diários e vão para sua seção específica repetir o mesmo com os outros trabalhadores. Antes, uma toalha na mesa e também uma jarrinha com flores para dar a impressão de casa arrumada, em ordem. Um colorido para o ambiente empobrecido, um quê de algo familiar, porém mais familiar para o professor, porque numa fotografia geral deste espaço onde predominam os pés descalços, rostos anêmicos, paredes cheias de rabiscos, mesas, carteiras e escola cai-não-cai, a organização estética do ambiente funciona para pulverizá-lo.

A primeira impressão que se tem observando os trabalhadores do ensino é de um arrastar de pés, um deslizar lentamente até a escola e depois nos seus corredores, onde cada trabalhador precisa enfrentar sua seção de trabalho. Percebe-se neste arrastar de pés, uma rejeição à escola, à sala de aula, à monotonia. Como algo que o acorda da sonolência, os passos tornam-se mais rápidos. O professor já foi chamado, agora é hora de chamar: Gilmar Luciano Firmino, Maria Gorete Elias, Marlene Maria J. Vital, Nadin Bernardo Sena, Reinaldo Silva Bernardo, Rita Ana da Silva Pereira... nem é preciso seguir a rotina, chamar... chamar. Estes rostos são velhos conhecidos. Repetentes, evadidos que às vezes voltam à escola para esperar, ansiosos, a hora da merenda. Mais uns minutos de descanso para o professor. Olha constantemente o relógio. As tarefas parecem se fazer sob efeito de um anestésico. A sonolência ritmada nas lições do dia. Tudo parece o mesmo. A sala, os alunos com o bernal para colocarem os poucos objetos escolares: um caderno que a escola deu ou a professora arranhou, uma borracha velha e suja sem cheiro de moranguinho, um "toquinho" de lápis e lá estão eles: descalços, vestidos com roupas enormes que ganharam, bem maiores que seu manequim ou pequeniníssimas, abrindo as costuras ao corpo, cabelos despenteados, piolho, cheiro de xixi, roupas amassadas, arrepiados de frio, no inverno. O uniforme para desodorizar a pobreza, fazê-los iguais pelo menos no vestir, não existe da 1.^a à 4.^a série. Não podem comprá-lo e a Caixa Escolar é tão carente quanto os próprios alunos. Alunos... escola... o cinzento. As luzes e brilho que vêm nesse ambiente às vezes brotam das jóias e roupas coloridas dos professores ou mesmo de algum cartaz ilustrado com crianças saudáveis e sorridentes. "Da criança

de hoje depende o Brasil de amanhã!"

Chamada... sala de aula... portas fechadas e o silêncio. O tempo parece ter parado. Ninguém no gabinete. Mais tarde chega a bibliotecária, a diretora e, na solidão, uma eventual cumpre formalmente seu horário. O que se ouve às vezes é o grito de um aluno dentro da sala e, como resposta, outro do professor. No mais, uma voz longínqua vem das ordens iniciais costumeiras das áreas definidas onde cada um executa seu gesto. Livro de ponto, chamada, sala de aula. Cada um pega sua ferramenta e mãos à obra. Realmente usam-se mais as mãos, porque a cabeça, o pensamento, anda longe à espera da merenda, do recreio, da saída. Agora a luta é com o tempo. *Quantos minutos faltam para dar o sinal, professora? Tã na hora de acabar?* A mesma ansiedade do trabalhador do ensino. A pressa repousa no término dessa rotina. *Uma vez enganchada à linha, a carroçaria começa seu semi-círculo, passando sucessivamente diante de cada posto de soldagem ou de outras operações complementares: limagem, polimento, martelagem,*³ na fábrica. Na escola, não importa onde se inicia o processo, porém, iniciado, segue-se um movimento contínuo: primeiro, a Comunicação e Expressão com a leitura de textos, vocabulário, interpretação, treino disso, treino daquilo. Logo em seguida, a Matemática que também segue seu ritmo cadenciado: conjunto, adição, subtração, multiplicação, divisão, cada operação com seus passos técnicos. E os trabalhadores vão aprendendo adaptar seus movimentos ao ritmo da maquinaria maior. De vez em quando a máquina emperra. O lápis

3. Robert Linhart. *Greve na fábrica*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980. p. 13.

quebra a ponta, aparece um aviãozinho de papel dando lições de liberdade, conversas paralelas, o espaço do professor para um bate-papo à porta da sala, a hora de sair para mimeografar um exercício — que não houve tempo para fazê-lo em outro horário —, um pedaço de giz emprestado, o apagador que sumiu, um encontro com outro companheiro pelos corredores e uma conversinha sem pressa até surgir a figura do diretor e todos procurarem seus lugares. Na sala, mais um, dois, três aviões, uma bola de papel para iniciar o futebol, os dedos-duros. *Professor, tã a maior bagunça lã dentro! Passaram a gilete no braço de fulano!* É uma briga. Nervos, músculos e vida reagindo. É a máquina emperrando. Muda-se neste instante dos conflitos, às outras lições do dia. Agora é hora da lição de moral, lição da disciplina, repreensão. Parece faltar fôlego ao professor. Falar... falar... pedir silêncio, apartar as brigas, apontar os lápis, dar conta do programa, executar o plano. O tempo se apresenta agora curto. Acumular atrasos. Perde a paciência. Grita, sacode as crianças, distribui exercícios, vai de carteira em carteira, vai ao quadro. Percebe o seu cansaço e o dos alunos, fazendo apelo agora a uma musiquinha, um desenho a colorir, uns casos. Caminhar... parar...

Dor de barriga, dores de cabeça, de dentes, ouvido, vômitos, desmaios e a tradicional fala: *Devem ter misturado alguma coisa. Comeu o quê hoje? — Nada!* Com esforço, encontram algum remédio na farmacinha da escola. Elixir paregórico, Doril, um Sonrisal todo escuro, uma aspirina. *Olha a data de vencimento, gente! Não vai dando a coisa assim não, pode piorar,* alerta uma. E o mal continua a persistir. Não

resolve a campanha de criação de hortas, Pelotão de Saúde ou assistência médica, se a questão de fundo não for resolvida. Não tem sentido ignorar o que está evidente: as péssimas condições materiais de vida destas crianças e suas seqüelas.

Hora da merenda. Seção por seção. É preciso alimentar as máquinas, lubrificá-las para a continuidade do trabalho. *Os da roça primeiro*, grita a servente. *Deixa eu ver aqui aqueles que comem mais, prá encher mais o prato deles. Façam filas!* Entretanto um amontoado de corpos se forma perto dos caldeirões. Cada um sai na pressa, aos tropeções; com os pratos na mão, para assentar e saciar a fome. Prato caindo, crianças se atropelando, choro, briga e lá da carteira a pressa para devorar tudo de uma vez só e os olhos pregados no caldeirão. *Espera aí que eu vou querer mais. Pode encher! Mais...* Esquecem na prática as boas maneiras que aprenderam nas lições. E alguma voz surge: *Eh, comilão, heim? Tã doido, três pratos!!!* Isso quando há mais fartura. Término da merenda, mais fila. Agora é hora do banheiro, da água. Seção por seção. Nessa tarefa, lá se foi boa parte do horário.

Hora do recreio. Felicidade efêmera, apenas dez minutos, mas tão desejada por professores e alunos. Parece que as portas da prisão foram abertas, embora alguns continuem "de castigo" nas celas, aliás salas. Os que chegaram atrasados, uns indisciplinados, outros que não fizeram o dever de casa, os lentos ou aqueles que não souberam a tarefa. É preciso recuperar o tempo perdido, não se pode acumular atrasos na grande linha de montagem. Para o professor, mesmo

se "de castigo" com os alunos, tem algo a fazer: terminar correções de exercícios, redações, mimeografar outros ou, quando muito esgotado, não abre mão do bate-papo que acontece na cozinha, pelos corredores. Às vezes combina as duas coisas.

A primeira carroçaria trazendo a Comunicação e Expressão com seus textos, treinos e interpretação, já passou. O olhar já está lançado para a próxima carroçaria que se aproxima na linha: a Matemática com suas quatro operações, a Integração Social, etc. Tudo, sem que a primeira carroçaria esteja acabada. É preciso avançar, dar conta do programa. A interpretação do texto feito às pressas, uma redação em cima do cansaço, o tempo que desliza e precisa ser aproveitado para se dar conta de um plano e o fato: atrasos se acoplando dia após dia e o futuro aponta a quase certeza da repetência para o aluno e o repetitório para o professor. O mesmo ritmo, os mesmos conteúdos endossados com alguma nova metodologia, o mesmo. *Se... o operário trabalha devagar demais ele "se afunda", isto é, encontra-se progressivamente levado para longe do seu posto, continuando sua operação quando o operário seguinte já está realizando outra. Tem então de acelerar o ritmo para tentar recuperar o tempo perdido... Acumulação de atrasos. É o que eles chamam "se afundar" e por vezes é tão angustiante quanto um afogamento.*⁴

A correria recomeça. O portão está fechado ou tem alguém vigiando a saída. Irritação, ansiedade, nervosismo, avanços, atrasos, enfim o sinal de recreio: o tempo para se respirar um pouco. Tempo curto, mas, pelos gritos, pulos, brincadeiras, brigas, correrias, afinal, pelo barulho infernal,

4. Id., Ibid. p. 14

parece durar uma eternidade. O espaço é pequeno mas cada um conquista sua área. Sobe-se nas carteiras, no portão, nos barrancos e nas janelas. Muitas vezes o tempo é reservado para alguma transação comercial que não pôde ser realizada dentro de sala: uma gilete em troca de uma borracha, um apontador quebrado por Cz\$2,00 ou uma ilustração de revista ou desenho por um pedaço de pão.

Neste período de descanso os professores procuram pela tabela de aumento, discutem assuntos os mais variados, porém o centro das conversas são os problemas domésticos; doenças, reforma de casa, falta de empregada. Se algum aluno chega para reclamar sobre uma briga ou coisas relacionadas com a escola, não há muito espaço para isto. O bom é continuar o bate-papo. O trabalho é deixado para depois. Há mesmo uma resistência a esse envolvimento com os problemas da escola na hora do recreio. Hora de trabalho, trabalhar, hora de descanso, descansar. Enquanto isso carteiras servem de carrinhos, os cartazes da sala tornam-se elementos para uma fogueira, as canecas que ficam perto do filtro se transformam em bola de futebol e os atos de violência contra a escola ganham sua dimensão. A facilidade de se classificar estes "badernaços" como questões específicas de indisciplina esconde muitas vezes o fundo do problema. É comum alunos fugirem na hora do recreio, outras vezes manifestarem indisposição ou atitudes semelhantes, para escaparem dessa rotina que fatiga. Vale lembrar a atitude de um aluno descoberto em flagrante, saltando a janela da escola. Indagado pelo professor se estava querendo "matar aula", respondeu: *Quem sou eu para matar aula? Tô saindo é pra aula num me matar.*

O recreio de dez minutos é insuficiente para recompor as forças. Portanto, qualquer descuido com a porta de saída, lá se vão pelas ruas. Aqueles que moram na zona rural costumam aproveitar este tempo para fazer as encomendas de casa. Voltam à escola quase uma hora depois do sinal do recreio. Enquanto uns passeiam, outros se escondem no banheiro, vagueiam pelos corredores olhando as outras seções com o ar de liberdade, fazem corpo mole, reagem. Estas atitudes são muitas vezes resultantes da violência da escola contra eles, e da violência da qual os trabalhadores do ensino também são vítimas. Como os alunos, são os professores, cumpridores de ordens, repetidores de um planejamento que se elabora não se sabe bem para quê, contadores de hora, vigia dos ponteiros ou sentinela das tabelas de aumento.

Manifestam muitas vezes uma certa inveja dessa liberdade dos alunos: saírem no recreio sem precisar avisar ninguém, ir à aula o dia que quiserem, faltarem nas épocas da colheita, do plantio, afinal uma despreocupação com o trabalho escolar.

A gente não tem escape. Tem que 'tã' aqui, querendo ou não. Tem dia que dã vontade de desafiar tudo. Não aparecer, nem dar sinal de vida... outras vezes pegar minhas coisas bem no meio da aula e partir prá casa, livre. Uma hora ainda, faço uma doideira dessas...

Horário de entrada, saída, filas, merendas, recreio, afinal formas de controle do ritmo e das atividades, formas de utilização cada vez mais esmiuçante do tempo e do corpo...

A vida quase inteira/fazendo a mesma coisa e refazendo/uma operação simples, sem pensar/ o operário condena enfim o corpo/ a ser tão automático e eficaz/ que domine a operação que o destrói:/ a repetição contínua diária igual/de um mesmo gesto limitado e repetido/todos os dias sobre os mesmos atos/ensina ao operário as regras de mestria/ e ele aprende a norma que o uso faz/ do trabalho-artesão que então domina/ através de dominar a sua prática/ com a sabedoria de um corpo dominado. ⁵

Todo desperdício de tempo e utilização de movimentos supérfluos, precisa ser controlado para evitar o roubo das horas. Sincronizar cada minuto, prever cada gesto, são formas de disciplinar, educar para o trabalho. Entretanto a diferença entre o tempo de duração no trabalho na escola e o tempo que realmente se trabalha, é coberta pela ociosidade, pela inatividade. Por mais mecanismos que se use (livro didático, programas, supervisor, diretor, os próprios trabalhadores controlando o tempo do outro, etc.) para controlar este tempo, eliminar sua porosidade, pouco se consegue, devido às precaríssimas condições materiais onde o trabalho escolar é desenvolvido, ao esmiuçamento das funções, à própria legislação que não consegue captar o acontecer cotidiano escolar e acaba por criar os espaços em brancos. Somam-se a estas, a natureza da "matéria-prima" a ser transformada, a resistência dos trabalhadores, não permitindo que sejam regulados a um simples toque de campainha. *Sô vou fazer agora o que mandarem. Se não mandar nada, fíco ã-toa no meu cantinho. Cansei de mandar e*

5. Carlos Brandão. "A trama da rede". In: *Tempo e presença*. CEDI, Rio de Janeiro (172), 5-14, nov/dez., 1981.

não deu resultado nenhum.

Enquanto o patrão tenta apertar os "nós" da rede, o trabalhador vai multiplicando os fios, tecendo novos desenhos. É percebendo esta "liberdade" do aluno que ele se sente na prisão, prisão esta que desafia a variar o inventário dos modos de enfrentar esse cerco. Percebe de perto a sua mercantilização, Como força de trabalho vendida a um patrão, ele precisa aprender a conviver com horário, calendário, tempo, rotina. Porém como homem, resiste. Não pode se deixar moldar. E, de uma porta a outra, ele acaba por encontrar algumas saídas. Precisa ser uma saída diferente das costumeiras faltas e licenças. *Uma doideira... não aparecer nem dar sinal de vida... partir prá casa bem no meio da aula...* Junto a essa trama de constituição do homem enquanto trabalhador, coexiste uma outra história construída ao longo de um caminho, pelos trabalhadores, ao experimentarem cada fio do tempo, da vida. É por esse caminho que ele vai aprendendo a conviver com o mundo regulado pelo relógio.

Toque de sino. Término do recreio. Filas, cantigas, orações, salas de aula e as atividades recomeçam: treinos, resumos, marque isso, assinale aquilo. Continua o processo. Resta a esperança da saída e, agora, o deslizar de cada minuto dos ponteiros do relógio parece eterno. Cada um no seu lugar operando os instrumentos de trabalho. Final do primeiro turno. Fragmentos dos 180 dias letivos. Como imaginar esta cadência? Outro começar no ano seguinte. Ao longo de vários dias, meses e anos, dentro de cada escola os trabalhadores do ensino vão se alfabetizando pela cartilha do patrão e elaborando ao mesmo tempo sua própria cartilha como instrumento de luta, recriando a vida através de seus repertórios sem fim, de seus recursos e segredos. Pela própria força da lógica do capital, estas lições dos trabalhadores podem se apresentar desconexas, invertidas, mas fazem parte de um outro saber, o saber de classe, o real, inerente à sua experiência direta nas relações sociais de produção. Nesta trama complicada, os homens vão fazendo história, passando por diferentes modelagens, porém nunca sai a figura precisa e desejada pelos patrões.

A Divisão do Trabalho

Inspetor, diretor, administrador educacional, orientador, supervisor, professor, regente do ensino, inspetor de aluno, serviçais, são, entre milhares, os trabalhadores parciais, divididos, imperfeitos, incompletos que, tendo vendido sua força de trabalho, se vêem compelidos a passar boa parte da vida a executar operações tão simples que lhes tiram a oportunidade de desenvolver a inteligência. No sistema escolar esta divisão se esmiúça do nível 1 ao 8 para o professor, do nível 4 ao 8 para os Especialistas, incluindo o inspetor escolar com jornada semanal de 24 horas, do nível 1 a 3 para o cargo de diretor de escola e ainda um quadro especial onde está enquadrado o inspetor escolar com jornada de 40 horas semanais de trabalho. Um quadro isolado do magistério abraça os regentes de ensino dos níveis 1 a 4. Estes são figuras ambíguas na escola. Fazem o mesmo trabalho que um professor de lá a 8a. séries realiza, porém por não terem a titulação devida são chamados de Regentes e recebem um salário menor. Distribuídos em níveis e graus (A,B,C,D,E) eles se juntam ao pessoal do quadro permanente e ora se unem, ora se degladiam. É preciso dividir para melhor reinar.

Aqui eles consideram a gente lá embaixo. Pequeninho, lá no cantinho. Na reunião a inspetora fez até um quadro pra mostrar o lugar que a gente tá: começou lá do presidente da República, esse lá em cima e foi descendo, quando chegou nas serventes não tinha nem lugar no quadro. Ficamos espremidinhas lá em baixo, num cantinho.

É a hierarquia mais uma vez sendo realçada por um inspetor autoritário. O organograma, no contexto da reunião, veio como uma forma de frisar para que "não se mexam". As coisas já estão dadas, prontas, estabelecidas, portanto que se aquietem e obedeçam. "Cada macaco no seu galho".

Qualquer estratégia particularista e elitista que evite se misturar com os de baixo... é fazer o jogo do sistema... A divisão do trabalho educativo visa sub-utilizar e subestimar as capacidades gerais do trabalhador e do educador de base e, conseqüentemente, mutilar e esterilizar suas reservas intelectuais.⁶

O Estado compra o trabalhador parcelado e não sua capacidade total de produzir. Portanto, se ele compra parte do trabalhador e não o trabalhador integral, ele compra um Professor, nível I, grau A (PIA) por Cz\$ 2.010,00, um P5A por Cz\$ 3.618,00 e um SP5A (supervisor) pelo mesmo preço e assim cada um tem seu preço no mercado. O diretor, nível 3, grau A, vale mais um pouco: Cz\$ 7.750,00^{*}. E o delegado de ensino, superintendente educacional? Segredo de Estado.

A divisão do trabalho, criou o cargo de professor com todos os seus níveis e graus, o de supervisor, de orientador, de auxiliar de secretaria, de professor eventual, auxiliar de biblioteca, entre tantos outros. Nessa compra exige-se determinados atributos da mercadoria comprada: diferentes graus de

6. Miguel G. Arroyo. "Operários e educadores se identificam: Que rumos tomará a educação brasileira?" In: *Educação e Sociedade*, São Paulo, Cortez: Autores Associados, (5), p.5-23 1980.

* Tabela publicada no "Minas Gerais" de 18 de julho de 1986.

formação, boa conduta, boa saúde comprovada em inspeção médica, não ter mais de 40 anos de idade, ter experiência de magistério. E é baseado nestes critérios que os indivíduos são separados, classificados e hierarquizados segundo o atributo dominante. Nesse sentido, o que mais pesa é o tempo de serviço, principalmente na zona rural, que para efeito de concurso é contado em dobro. É preciso padecer para ganhar a estabilidade.

A divisão do trabalho, que desagrega e hierarquiza os trabalhadores, traz consigo uma forma de impedir o controle do trabalhador sobre o processo de trabalho como também *carrega um pano de fundo coercitivo exercido sobre seus interesses pessoais e profissionais e tende a assegurar muito mais o controle político, do que regular a racionalidade do trabalho.*⁷

Um exemplo clássico dessa divisão do trabalho nos é dada por A. Smith sobre a fabricação de alfinetes. *Um homem estica o arame, o outro retifica e um terceiro o corta; um quarto faz as pontas e um quinto prepara o topo para receber a cabeça; a cabeça exige duas ou três operações distintas: colocá-la é uma função peculiar, branquear os alfinetes é uma coisa separada e o importante na fabricação de um alfinete é deste modo dividido em cerca de dezoito operações.*⁸

As portarias que contêm as atribuições e deveres do pessoal lotado nas unidades escolares, é um exemplo típico dessa divisão minuciosa do trabalho escolar. Nenhum elemento escapa de suas atribuições e deveres regulamentados por lei: delegado de ensino, inspetor seccional do ensino primário, inspetor

7. Justa Ezpeleta e Elsie Rockwell. Op. cit., p. 163.

8. Harry Braverman. *Trabalho e capital monopolista* 3 ed. Zahar. Rio de Janeiro, 1981, p. 75.

escolar municipal, auxiliar de inspeção, diretor, auxiliar de diretoria, orientadora de ensino, professor-regente de classe, professor de Artes Aplicadas, professor de Educação Física, professor de Canto e Música, bibliotecária, assistente escolar, auxiliar de escrita, substituta eventual, professor de Curso Complementar Industrial, professor Coordenador de Artes Industriais, zelador, servente e um manual de normas à conduta dos alunos.

Muitas vezes o cargo muda de nome, de assistente de saúde passa-se para assistente de turno, de servente passa-se a serviçal, de P3A a P4A, etc., mas o conteúdo da tarefa permanece o mesmo. As tarefas tornam-se tão simples que se pode transferir um operário de um setor para o outro, ou mesmo contratar novos trabalhadores para aprenderem a função no trabalho, sem que isto altere o andamento do processo. A ameaça sob a qual vive o trabalhador de poder ser substituído a qualquer momento, o reconhecimento da insignificância de seu trabalho enquanto trabalhador parcial, são mostras das lições educativas para formar os milhares de trabalhadores e não simplesmente um. Entretanto a incapacidade de se controlar homens como se controla uma máquina, é visível. No bojo desse processo as barreiras a ele se erguem; são gestadas, com a precisão de um produto industrial, várias formas de luta. Mesmo que este produto das lutas não encontre aceitação no mercado das leis que regem o mundo do dinheiro, ele aí está e sendo consumido por todos aqueles que, como classe trabalhadora, vivenciam no dia-a-dia o processo de exploração. Esses músculos e nervos reagem e fabricam, nas dependências das terras do patrão, mecanismos de enfrentar o cerco e criar novos espaços de ação. Ainda restam forças para se aproveitar das licenças, driblar o

horário, sair mais cedo, inventar formas de deixar a sala ou pegar um trabalho mais tranquilo como eventual, bibliotecária, assistente de turno, etc. As formas de tratamento dado às faltas, é invenção cotidiana e foge ao controle da máquina pública: troca de turno com outro professor, dobra de turno ou mesmo o pagamento do dia faltoso à Caixa Escolar, para não ir falta na contagem de tempo. Todos, indiscriminadamente, tentam fazer seu dia de folga e se não aparece alguém pra colocar a casa em ordem, vira bagunça. É em meio a essa desordem da casa que surge a figura do diretor e mesmo dos próprios trabalhadores, vigiando uns aos outros. E aqui aparece novamente a rivalidade entre os pares, fruto da hierarquização e divisão dos trabalhadores, como mostra esta conversa entre dois professores:

Esse negócio de ficar vigiando o horário da gente... Eu vou lá em cima * agora e saber quanto tô devendo (ar de deboche) Quero pagar! Não gosto de dever nada a ninguém! Tá contando também os minutos que a gente sai da sala? Se for, eu devo um dia mais ou menos: agora, chegar atrasado ou sair cedo... isso não. Chego sempre na hora.

E os minutos que a gente chega mais cedo, não conta?

Ah! isso não, isso é produtivo pra eles.

* A escola funciona em 2 prédios. Um, situado no princípio da rua na direção Viçosa-Canaã é chamado de "Grupo de baixo", o outro no final da rua, "Grupo de cima". É neste último que funciona a maioria das classes e também aquele onde se acha instalados a diretoria, os arquivos e a biblioteca.

*Serã que vai descontar nossas idas ao cruzeiro?**

Se for, vai ter que transformar as idas no cruzeiro em cruzado (risos)

Outras vezes, o professor, entediado por não ter nada a fazer (nenhum aluno em sala) vai comunicar ao diretor que pretende sair.

É bom tomar cuidado porque o pessoal já tá falando dessa folga sua. Dois... três alunos, saídas ... Num tô nem aĩ, já efetivei, a classe é minha mesmo.

Tem contradições da máquina pública que tornam-se difíceis de ser resolvidas. Preocupar pra quê? Já sofri tanto que agora que o lugar é meu, dane-se! É hora da vingança, basta de exploração. É o cansaço.

O diretor reage na sua função de representante do poder, realça alguma coisa sobre sua autoridade e desrespeito a ela, mas percebe que já não dá mais conta de colocar as coisas nos eixos. Cada dia pior.

Sabe quando a escola vai melhorar? Quando todos aqui dentro virar máquina. Enquanto o lado subjetivo falar, prevalecer, vai continuar esse ambiente de discórdia aqui dentro. Aqui dentro temos que ser sô profissional. Entretanto é muito difícil separar o profissional do pessoal. Eu já cansei. Fui tomar frente das coisas, falar o que achava e oh!... me danei. Todo mundo fica caladinho e deixa a gente falar sozinho.

Não é o lado subjetivo que gera a discórdia dentro da escola mas a divisão do trabalho que faz com que uns trabalhadores se voltem contra os outros. A escola não escapa aos

* local situado numa parte alta da cidade. Maiores esclarecimentos, ver p.53.

conflitos sociais e políticos do contexto mais amplo em que se insere e por isso coloca os trabalhadores frente a essa nova relação de forças. As diferenças de função e de grau entre professores e especialistas, as disputas por espaços no processo escolar continuarão a existir enquanto não houver uma tomada de posição não apenas a nível isolado, mas como classe ou categoria. O "tomar frente das coisas" é muitas vezes assumir a posição de um guia intelectual e iluminado capaz de apontar os problemas ou defeitos de cada um, prestando-se ao jogo repressivo do Estado, denunciando os outros trabalhadores de linha.

Então um professor tá fazendo coisa errada e a gente não tem o direito de chamar a atenção dele?

Controlar, vigiar, medir, contar, supervisionar, explorar e lucrar, passaram a ser os verbos conjugados com a administração e organização do trabalho. O autor de gramática da gerência científica do trabalho foi Frederick Winslow TAYLOR. Ele estudou minuciosamente todos os princípios da administração científica do trabalho: a iniciativa, o incentivo, o melhor rendimento diário que um bom operário pode realmente obter durante anos seguidos, sem prejudicar-se, a lei da fadiga, o processo de seleção de pessoal, elevação de salários, necessidade de assistência do trabalhador, estudo do tempo e do movimento, a retirada do controle do processo de trabalho das mãos do trabalhador e sua colocação nas mãos da gerência. Pregou suas idéias com zelo catequético. Quando rezava o mandamento da separação do trabalho mental e manual, deixava claro que *para o operário o desenvolvimento da ciência se torna impossível, não devido a que o operário seja intelectualmente*

incapaz disso, mas por não ter o tempo nem dinheiro para fazê-lo, e ele compreende que esta função incumbe à gerência.⁹ O que ele argumenta é a necessidade de impedir o desenvolvimento intelectual do trabalhador e aumentar sua produção.

O Taylorismo deixou para os trabalhadores a herança do controle de seu tempo, corpo, gestos e movimentos, pelos gerentes e administradores. O trabalho desse modo pois organizado, composto de tarefas simplificadas, controlado por um cérebro distante, sendo cada função definida, assim como o modo de executá-la ou o tempo que deverá ser gasto em cada uma, exerce um efeito negativo na capacidade do trabalhador. O conhecimento do ofício, reduz-se a funções acerebrais como apertar parafusos, martelar, limar, polir, soldar, baixar ou erguer alavancas, porém os trabalhadores não são destruídos como seres humanos. Suas faculdades críticas, inteligentes e conceptuais permanecem sempre, em algum grau, uma ameaça ao capital, por mais enfraquecidas ou diminuídas que sejam.¹⁰

Multiplicando formas de dividir

O levantar a cabeça, pelo trabalhador, já significa uma ameaça ao patrão. É preciso desbravar novos caminhos e nelles os gerentes e administradores do trabalho, no uso de suas atribuições que lhe confere o artigo tal, item X das leis, decreta, estabelece normas, editais e sanciona novos mecanismos de melhor dividir as funções. Todos os esforços são conjugados

9. Harry Braverman. Cf. Supra. p. 105-6.

10. Id., Ibid., p. 124.

para que fábricas, empresas e escolas tornem-se cada vez mais próximas nas formas da administração e organização do trabalho. Cabe pois àquele que comprou a força de trabalho, o poder de prescrever a natureza do mesmo (responsabilidade, complexidade, autonomia, privacidade, condições de trabalho), as qualificações (experiência, especialização e outras condições especiais), e ainda o como e quanto trabalhar. Adotando pois determinado estilo de organização do trabalho, podem os patrões, impor maior fiscalização e disciplina, afinal controlar os trabalhadores, cuidando dos mínimos detalhes das relações de produção: a política de recursos humanos, o processo de seleção, o acompanhamento cotidiano, a política salarial com seus acessos, direitos, vantagens e benefícios. Ainda integrada a esta, a questão da habilitação.

Nada é esquecido. Normas gerais para a escrituração escolar, classificação e denominação dos estabelecimentos de ensino, estrutura e organização, ano letivo, matrícula, frequência, avaliação, instituições escolares e extra-escolares, aparelhamento escolar (material escolar, prédios escolares, acessórios da escola) e uma infinidade de tantos detalhes que visam tirar das mãos dos trabalhadores o controle do processo de produção, transferindo-o para as mãos do patrão.

Para delimitar bem o espaço de cada trabalhador, faz-se preciso aprisioná-lo em quadros com suas respectivas classes, níveis e graus. E o Estado sabe bem onde encontrar os modelos: Auxiliar, montador I, montador II, pintor, funileiro, soldador, mecânico de manutenção A, B, C, D, na fábrica ou ainda artista, servente e ajudante. Cada um no seu setor. Na escola: professor, supervisor, orientador, servente, regente, distribuídos

no quadro do magistério, quadro permanente ou quadro suplementar, deixando a impressão de que a possibilidade de movimentação, acesso, transferência, reenquadramento entre outras, está permanentemente aberta a todos.

Existe, porém, por parte de muitos professores, uma desconfiança geral quanto às novas formas de administrar o trabalho escolar.

Tudo que o Estado der de bandeja, pode desconfiar! Não é coisa boa. Esse negócio de ciclo básico... coisa de dar oportunidade a funcionário de passar para o Quadro Permanente, com aquelas "vantagens" todas que a gente nem sabe bem o que vai dar...sei não... pode esperar que tem alguma coisa ruim por trás.*

A gente fica na dúvida. Passar para o Quadro Permanente... não passar... Sabe Deus o que espera a gente lá na frente!...

Um salário maior é bom mas tem que trabalhar 6 horas e o pior é uma opção pro resto da vida. E se não for o que a gente tá pensando?

* Quadro Permanente foi instituído pela Lei nº 16.409 de 10/07/74 e através da Lei nº 9.381 de 18/12/86 ganha nova roupagem. São criadas novas classes e cargos de provimento em comissão e efetivos (Anexo I). Aquele funcionário do Quadro do Magistério que passar para o Quadro Permanente afastar-se-á da regência de turma definitivamente (até que o Estado modifique novamente a legislação) e serão todos identificados pelo Símbolo "V" e os níveis variam conforme o tempo de serviço prestado ao Estado e conforme o grau de escolaridade. (Anexo II) Para cada grupo uma tabela de vencimento. Aquele que tiver acúmulo de cargos se livrará, pelo menos de um, fazendo a opção.

A Resolução 1.327 de 05/02/87 contém esmiuçadamente as atribuições de cada cargo criado pela lei nº 9.381 de 18/12/86, os objetivos e natureza do trabalho e o nível de complexidade das tarefas.

Com o aparecimento da possibilidade de fazer opção pelo Quadro Permanente, criou-se na escola um clima de verdadeira insegurança. A Lei nº 9.381, que o instituiu, chegou ao conhecimento dos professores no dia 05/02/87 através de uma reunião com o Inspetor Escolar que tentava esclarecer alguns de seus pontos. Era necessário que aqueles interessados decidissem até o dia 09/02 e preenchessem os papéis necessários. O fato é que o salário seria aumentado.

Olha, já fiz minhas contas. Ganho Cz\$2.010,00 (sem os descontos). Vou para V-23 porque tenho 11 anos de serviço e somando ao salário do V-23 (Cz\$2.503,00) os quinquênios e abonos, vai para Cz\$3.150,00. Ah, eu vou passar mesmo.

E assim, dependendo do tempo de serviço, avança-se para um nível determinado e o salário é aumentado.

... Conseguir a reclassificação numa classe ou ramo superior sem que a natureza do trabalho, seu parcelamento, sua monotonia tenha mudado, significa apenas que haverá um pagamento maior pela embrutecimento e esgotamento cotidianos, procurando disfarçar o problema fundamental: o poder operário reconquistar a organização do trabalho.¹¹

O grande interesse era o aumento de salário e a possibilidade de afastar-se da regência de turma. O aumento da

11. Antonio Lettieri. "A fábrica e a escola". In: GORZ, André (org.) *Crítica da divisão do trabalho*. Martins Fontes, 1980, pp. 195-209.

jornada de trabalho para 6 horas, as interrogações de como seria a progressão na carreira, ficaram em plano secundário. Sabia-se que haveria uma progressão, porém, de imediato, este questionamento diluiu-se diante das contas. A lei estabelece no seu artigo 43, parágrafo único, que "para cada interstício de mil quatrocentos e sessenta dias de serviço público estadual, o funcionário terá direito à elevação de um símbolo de vencimento". Porém nada ficou esclarecido quanto a este acesso e mesmo quanto à definição de aumentos de salário. Muitas perguntas claras e poucas respostas satisfatórias.

Será que quando der aumento ao pessoal do Quadro do Magistério, vem junto aumento pra gente?

Como que vai ser o acesso? De quantos em quantos anos?

Será que eu devo passar?

Conversei com meu marido sobre esse negócio e ele deu o palpite dele. Se der errado, pelo menos não fico com a culpa sozinha. Sabe, tem hora que eu fico pensando que esse negócio é tipo uma aposentadoria. O Estado vai colocar a gente num cantinho, como aposentado, e esquecer da gente...

Olha, gente, esse negócio tá ainda meio confuso. Não tem muita coisa clara. É preciso ir analisando a Lei e descobrindo as coisas. Opinião se deve passar ou não, não dou nenhuma. Isso é opção pra vida toda. Tem que pensar bastante, pois quem optar não pode voltar atrás.

O confuso do Quadro Permanente torna-se um pouco mais claro, após colocada a forma em que é tratada a questão da habilitação e como, mais uma vez, os profissionais são enviados para os quadros que o Estado resolve ampliar, sem tempo e condições de pensarem sobre as "opções". O máximo que se exige em termos de habilitação, exceto para os cargos de Fonoaudiólogo, Fisioterapeuta, etc., (que não é o caso da escola em estudo) é o curso de 2º grau. É uma oportunidade alargada a todos, a isca. O que prevalece é o tempo de serviço. Quanto mais tempo, maior possibilidade de se enquadrar num nível mais alto. Com estas e outras "vantagens", os trabalhadores são separados mais uma vez entre habilitados em curso superior e não habilitados e jogados nos quadros Complementar, do Magistério ou Quadro Permanente. Repartindo os trabalhadores pode-se conservar maiores possibilidades de manobras tanto no âmbito da organização do trabalho, quanto nos níveis salariais.

A questão da recomposição das novas tarefas e da complexidade de cada uma delas, aponta o caminho do beco sem saída, no qual vêm sendo confinadas grandes massas de trabalhadores, destinadas a operações cada dia mais simplificadas e monótonas. O quadro a seguir, trata das especificações de alguns dos cargos do Quadro Permanente e estabelece entre outros a complexidade e condições de trabalho nas funções das novas classes criadas. Vejamos:

	<p>CLASSE: Auxiliar de Secretaria I SÍMBOLO: V-12 a V-21 GRUPO: Nível de 1º Grau de Escolaridade</p>	
<p>COMPLEXIDADE DO TRABALHO</p>	<p>O mesmo grau de complexidade do trabalho do Zelador</p>	
<p>CONDIÇÕES DO TRABALHO</p>	<p>Condições ambientais agradáveis, praticamente sem esforço físico; ínfima possibilidade de riscos por acidentes, ocorrem, raramente, fatos que podem criar estado de tensão momentânea, não exigindo, entretanto, esforço para manutenção de atuação equilibrada.</p>	
<p>ESPECIALIZAÇÃO</p>	<p>Ligeiramente desagradáveis, podendo prejudicar um pouco a execução normal do trabalho; bastante esforço físico é exigido. Razoável possibilidade de riscos por acidentes; ocorrem raramente fatos que podem criar estado de tensão momentânea não exigindo entretanto esforço para manutenção de atuação equilibrada.</p>	<p>a) Curso a nível de 8a. série de 1º grau b) a mesma exigência do Zelador de escola c) instrução teórica-prática específica com duração de 20 horas.</p>
	<p>CLASSE: Zelador de Escola SÍMBOLO: V-9 a V-18 GRUPO: Nível elementar de escolaridade</p>	<p>O trabalho exige, com pouca freqüência, relativo esforço de discernimento para ordenação e interpretação de muitos dados simples e homogêneos; decisões ocasionais, envolvendo dados elementares que não exigem aplicação de conhecimentos mais especializados.</p>
	<p>CLASSE: Zelador de Escola SÍMBOLO: V-9 a V-18 GRUPO: Nível elementar de escolaridade</p>	<p>Ligeiramente desagradáveis, podendo prejudicar um pouco a execução normal do trabalho; bastante esforço físico é exigido. Razoável possibilidade de riscos por acidentes; ocorrem raramente fatos que podem criar estado de tensão momentânea não exigindo entretanto esforço para manutenção de atuação equilibrada.</p>
	<p>CLASSE: Zelador de Escola SÍMBOLO: V-9 a V-18 GRUPO: Nível elementar de escolaridade</p>	<p>a) Curso a nível de 4a. série de 1º Grau e complementos necessários à respectiva área de atuação b) instrução complementar em cursos especializados, técnicos-profissionais com duração mínima de 20 horas.</p>

	<p>CLASSE: Auxiliar de Secretaria II SÍMBOLO: V-21. a V-30 GRUPO: Nível de 2º Grau de escolaridade</p>	<p>CLASSE: Secretário de escola I SÍMBOLO: V-25. GRUPO: de execução</p>
<p>COMPLEXIDADE DO TRABALHO</p>	<p>O trabalho exige, com pouca freqüência, razoável esforço de discernimento para ordenação e principalmente, interpretação de poucos dados semicomplexos e homogêneos; decisões com relativa freqüência envolvendo dados e fatores pouco diversificados que exigem aplicação de relativos conhecimentos, técnicas e métodos.</p>	<p>O trabalho exige com pouca freqüência, razoável esforço de discernimento para ordenar e principalmente interpretar poucos dados semicomplexos de características homogêneas; decisões de relativa freqüência envolvendo dados e fatores pouco diversificados que exigem aplicação de relativos conhecimentos específicos.</p>
<p>CONDIÇÕES DO TRABALHO</p>	<p>Agradáveis, praticamente sem esforço físico, infima possibilidade de riscos por acidentes; tensões momentâneas com pouca intensidade, sendo que o esforço para manter atuação equilibrada, ocasiona certa estafa.</p>	<p>Não específica</p>
<p>ESPECIALIZAÇÃO</p>	<p>a) Curso técnico a nível de 2º Grau b) a mesma do Zelador de Escola e Auxiliar de Secretaria I, diferindo na duração mínima que é de 40 horas. c) a mesma do Auxiliar de Secretaria I, variando a carga horária que é de 80 horas.</p>	<p>a) Curso a nível de 2º Grau, registro profissional de Secretária de Escola b) a mesma das anteriores sem especificar carga horária c) Idem</p>

	<p>CLASSE: Secretário de Escola II SÍMBOLO: V-30 GRUPO: de execução</p>	<p>CLASSE: Secretário de escola III SÍMBOLO: V-35 GRUPO: de execução</p>
<p>COMPLEXIDADE DO TRABALHO</p>	<p>O trabalho exige com relativa freqüência, muito esforço e discernimento para ordenação e principalmente, interpretação de dados semi-completos de natureza heterogênea; decisões com relativa freqüência envolvendo dados e fatores muito diversificados que exigem experiência e aplicação de conhecimentos específicos.</p>	<p>O trabalho exige freqüentemente bastante esforço de discernimento para ordenação e principalmente, interpretação de muitos dados semicomplexos de natureza heterogênea, decisões com razoável freqüência envolvendo dados e fatores bastante diversificados que exigem experiência e aplicação de conhecimentos específicos.</p>
<p>CONDIÇÕES DE TRABALHO</p>	<p>Não especifica</p>	<p>Condições ambientais agradáveis, praticamente sem esforço físico; infima possibilidade de riscos por acidentes; ocorrem freqüentemente tensões de pouca intensidade e relativa duração, sendo que o esforço para uma atuação equilibrada ocasiona certa estafa.</p>
<p>ESPECIALIZAÇÃO</p>	<p>a mesma do Secretário de Escola I</p>	<p>a mesma do Secretário de Escola I e II</p>

("Minas Gerais" — Diário do Executivo - 19 de dezembro de 1986. Os demais quadros, mais completos, constam no Anexo III)

QUADRO 4

Descrição dos cargos de auxiliar de montagem, montador e pintor de veículos — Empresa X —

CARGO	CONTEÚDO DO CARGO	ESFORÇO FÍSICO E MENTAL	REQUISITOS
Auxiliar de montagem	Auxiliar no processo de montagem mecânica de veículos através do seguimento puro de normas e especificações determinadas e o seguimento da programação diária de produção	<u>Físico:</u> leve e contínuo <u>Mental:</u> trabalha em produção programada exigindo freqüente atenção.	Mais de 18 anos, sexo masculino, primeiro grau incompleto, 3 meses de experiência em atividade similar, um mês de treinamento, facilidade para interpretação de desenho mecânico, acuidade visual, persistência e calma
Montador	Montagem mecânica de veículos incluindo desde sub conjuntos até a montagem final do chassis; seguimento puro de normas e especificações determinadas e seguimento da programação diária de produção; verificar o manual de instruções sobre procedimentos.	<u>Físico:</u> leve e contínuo <u>Mental:</u> trabalha em produção programada exigindo freqüente atenção.	Mais de 20 anos, primeiro grau incompleto; 3 a 6 meses de experiência em atividade similar; 1 mês de treinamento; facilidade para interpretação de desenho mecânico, acuidade visual, físico resistente, persistência, liderança ocasional
Pintor de veículos	Pintura de veículos, através das especificações escritas e do cumprimento da seqüência de procedimentos, desde a preparação inicial de tintas e isolantes até a utilização dos equipamentos	<u>Físico:</u> leve e contínuo <u>Mental:</u> trabalha em produção programada exigindo freqüente atenção.	Mais de 18 anos, masculino, primeiro grau incompleto, 3 a 6 meses de experiência em pintura de veículos, 1 mês de treinamento, persistência e calma

O que se pretende é utilizar o nível de instrução como critério para determinar os cargos e salários e ainda aparece como requisito a experiência em atividades correlatas que o próprio Estado se incumba de especificar (ANEXO IV). A qualificação máxima exigida é o curso de 2º grau, entretanto trabalhadores com o mesmo grau de escolaridade são agrupados ora em um nível superior, ora noutro inferior. Como se vê, fica difícil encontrar na qualificação e no próprio conteúdo da tarefa, especificidade que justifique os diferentes níveis salariais. Uma análise mais detalhada sobre a estrutura salarial e suas relações com a qualificação do trabalhador, poderão ser encontradas no trabalho supracitado.¹³

É interessante realçar como se especifica detalhes para caracterizar as funções. Em uma classe exige-se *relativo* esforço físico, noutra *razoável* e noutra *muito ou bastante* esforço físico. Dependendo da classe, ordena e interpreta-se *muitos ou poucos* dados, *simples ou semicomplexos*, de características *homogêneas ou heterogêneas*, exigindo ou não a aplicação de conhecimentos específicos. É a soma destes trabalhadores parciais que forma o trabalhador coletivo. Se um trabalhador fosse fazer sozinho uma mercadoria, seu trabalho exigiria graus diferentes de dispêndio de músculos, mãos, nervos e cérebro. Em uma atividade ele teria que *desenvolver mais força*, *noutra mais destreza*, *numa terceira atenção mais concentrada*, etc, e o mesmo indivíduo não possui no mesmo grau essas qualidades... A estreiteza e as deficiências do trabalhador parcial, tornam-se perfeições

13. Id., Ibid. esp. pp. 113-132

quando ele é parte integrante do trabalhador coletivo.¹⁴

Observando estes quadros, têm-se à primeira vista, a impressão de tarefas distintas mas, na verdade, resumem-se praticamente a tarefas que foram sendo fragmentadas em diversas operações mais simples. Uma receita exemplar para se parcelar um homem, tudo dosado. Na tentativa de evitar o desvio de função, acabar com a porosidade, o que se criou na escola é um aglomerado de funcionários sem muito o que fazer e que muitas vezes precisam preencher o tempo ocioso com tarefas alheias ao trabalho escolar. Datilografar, zelar pela conservação do material escolar, colaborar com o planejamento, execução e controle das atividades escolares, fazer escrituração, coletar, apurar, selecionar, registrar e consolidar dados, organizar cadastros, arquivos, fichários, redigir ofícios, classificar, catalogar e indicar livros, zelar pelo material da biblioteca, analisar, elaborar e rever balanços, balancetes, livros, fichas, prestar informações sobre a movimentação de contas, responsabilizar-se pelo inventário dos bens patrimoniais, desenvolver trabalhos de educação sanitária e alimentar, prestar primeiros socorros, cuidar do encaminhamento médico, elaborar cardápios, orientar, coordenar e controlar a utilização e a guarda dos alimentos, realizar trabalho de alvenaria, pintura, limpeza, são entre outras, resultado do trabalho escolar decomposto em suas diferentes operações particulares. Cada trabalhador, num espaço bem definido a executar os gestos que lhe são impostos.

14. Karl Marx. *O Capital*. Livro I, vol. I, Difel, São Paulo, 1985. p. 400.

Antes dessa legislação, todas as tarefas escolares vinham sendo executadas de uma forma ou de outra, por todos os funcionários nos momentos em que se fizessem necessários. A divisão existia, porém era maior a complementariedade das tarefas. Com a delimitação do campo de atuação, cria-se na escola um apego de cada um por seu espaço específico e o descompromisso com as tarefas que mais uma vez foram atribuídas a outro. Desliza-se para um jogo de empurra - empurra. "Isso não é minha função". Na verdade, não se sabe bem quem deve fazer o quê, pois as funções são semelhantes e muito relacionadas mas, com isso, outra divisão de espaços se coloca, surgindo queixas quanto à ociosidade de uns e o trabalho excessivo de outros. Alguns daqueles que optaram pelo Quadro Permanente já começam a fazer da opção o caminho da aposentadoria. Queixam das reuniões das quais precisam participar, preferem não opinar ou participar de muitos assuntos e já se sentem desligados da escola, simplesmente cumprido formalmente o horário e as tarefas que lhe forem atribuídas. Com isso, afastou-se da regência, bons profissionais que, já cansados e desiludidos com a educação, pegaram a primeira carona que os levasse a se anestesiarem das dores de cabeça surgidas com a regência de classe e com o ambiente de trabalho.

Eu passei pro Quadro Permanente pra ficar livre disso tudo, sossegada no meu canto, agora ainda ter que ficar indo pra reuniões...

Eu não vou ler livro porque não vou dar mais aula*

* "Uma Escola para o povo", de Maria Tereza Nidelcoff. Leitura proposta pelo serviço de supervisão para ser discutida nas reuniões.

mesmo, não vou mexer com isso mais...

Na tentativa de se evitar os desvios de funções, esses caminhos burocráticos se abrem numa rede de outros caminhos com suas contradições. Estas não são nem recusadas nem resolvidas, mas unicamente utilizadas¹⁵ pelos trabalhadores. Outros espaços se fazem em meio aos procedimentos burocráticos e vão preenchendo ociosidade com ociosidade ou ociosidade com tempo útil. Se sobra tempo para ver uma revista de modas, fazer palavras cruzadas, organizar o caderno de receitas culinárias, improvisar um salão de beleza, cuidando das sobrancelhas, unhas, sobra tempo também para as leituras, pesquisas e planejamentos.

Agora vai sobrar tempo prá preparar melhor as aulas que fiquei dando. Agora tô fazendo o que gosto e com tempo.

Agora tá bom. A gente tem mais tempo prá ler, prá pesquisar. Descobri uns textos interessantes na biblioteca...

Passei pro Quadro Permanente mas quero continuar participando das discussões... a gente vai se aperfeiçoando. É bom!

A Lei 9.381 e as suas possíveis amarras* para ampliar o cerco, acabam por proporcionar novos meios de transgredi-las. Alívio. Afastamento de classe e para sempre. Não

15. Mário Tonti. *Operários e capital*. Porto, Afrontamento, 1976, p. 22.

* Decreto nº 26.515 de 13/01/87 - Regulamenta a Lei nº 9.381 de 18/12/86.
. Decreto nº 26.543 de 03/02/87 - Dispõe sobre o provimento de cargos efetivos do Quadro Permanente.

. Resolução nº 1.327 de 05/02/87. Aprova as especificações das classes criadas pela Lei nº 9.381 de 18/12/86.

importam os outros serviços que virão, pois existe a certeza e uma experiência já vivida de que serão bem menos cansativos que a regência de aulas.

Ontem eu passei o horário todo prá datilografar esta oração aqui. Cato aqui, cato ali... Vou até trazer o método de datilografia e fazer o curso aqui mesmo (risos).

A gente tá com tanto serviço aqui, cê precisa ver. (risos) Graças a Deus eu larguei a História: estava sô esperando uma oportunidade destas.

Vou passar para o Quadro Permanente porque eu não tenho direito ao acesso e nem tô com disposição de começar a estudar de novo. Não tenho nada a perder. Também sô de pensar em esperar uma aposentadoria numa sala de aula... me dá arrepio. Aquela 7a. série!!!

Dos dez funcionários que fizeram a opção (3 auxiliares de biblioteca, 2 assistentes de turno, 1 auxiliar de secretaria I, 4 auxiliares de secretaria II), todos têm mais de dez anos no Estado, sendo que quatro estão às vésperas da aposentadoria e a maioria dos outros viu na opção pelo Quadro Permanente uma forma de desatar os "nós" onde estavam amarrados. Resolveu-se com isto problemas dos Regentes de ensino sem perspectiva de acesso, o livrar-se de um cargo que não gostava, uma aposentadoria com um salário maior, a única chance de ser promovido (inspetor de alunos passa a auxiliar de secretaria I). Na realidade, tudo culmina com o afastamento do trabalho pesado que é a regência de classe.

Os Limites do Espaço de Cada Trabalhador ou à Procura de um Culpado

O espaço de atuação dos educadores é um espaço dividido... O espaço de escola não é o espaço de educadores harmônicos e tranquilos. Antes de tudo, a escola se tornou o espaço de conflito... Seriam especialistas e docentes inimigos entre si? Ou seriam apenas amigos que ainda não puseram em comum suas diferenças?... O espaço conflituoso entre educador-regente e educador-decisor é um espaço de conflitos por antagonismo ou conflito por oposição? ... Ou somente um conflito irreal?

Se o espaço for de antagonismo isto é: se para uns se afirmarem for preciso que os outros se neguem, se para uns se assenhorem for necessário que os outros se escravizem, então o espaço de atuação dos educadores é de natureza de luta e o máximo a que os contendores podem chegar é a um acordo de coexistência pacífica.

*Se o espaço for de oposição apenas, isto é: se para uns se afirmarem não for preciso expropriar os outros, se for possível colocar diferentes competências em iguais níveis em função de objetivos comuns, então o espaço de atuação dos educadores é de natureza apenas diferencial, em que o acordo se passe a alianças e dessas a uma consciência de interesses comuns.*¹⁶

16. Carlos R. J. Cury. "O espaço de atuação do educador" In: AMAE Educando, Belo Horizonte, (149-150), 1982, p-22-4.

Esta hostilidade entre professores, afinal toda a rivalidade entre os pares, tem suas raízes na divisão do trabalho. Lutar contra o outro na escola, se por um lado significa lutar a favor do patrão, significa também garantir o emprego, a sobrevivência, a condição de classe. A guerra é contra o outro que lhe impede o caminho ou tenta "tomar" seu lugar. Entretanto, o outro também vivencia as mesmas amarras. Amarras estas que não foram colocadas por ele mas pela invasão do campo educativo pela lógica empresarial que dividiu e divide a cada dia os trabalhadores do ensino. Aquele que compra o trabalho do professor é o que vai ditando as normas da organização do trabalho escolar e fabricando as armas (instabilidade, baixos salários, hierarquização dos trabalhadores, etc.) para cada um lutar contra o outro. Enquanto a briga se resumir ao interior da escola, estas armas não serão empunhadas contra o mentor desta divisão. Procurar na própria escola um culpado pelas desgastantes condições de trabalho vivenciadas, é encarar estas questões de forma reduzida. A questão que aqui se coloca é muito mais séria e mais global. Ver além do cotidiano, sair da casca, é uma forma de não se perder nele de não se encontrar sempre com o vazio. Entender-se na totalidade, encontrar explicações fora dos muros escolares, fornecerá pistas para captar o outro "desconhecido", principal responsável pelas amarras do acontecer escolar cotidiano.

Fazendo a rede: o homem-aranha

Aprisionar a escola em si mesma, procurando nela os problemas e as alternativas de soluções dos mesmos, é atestar a presença estatal na realidade cotidiana. Presença esta que

imprime sua marca justamente pela omissão. O Estado e os órgãos encarregados da administração do ensino, entregam-se com tamanha sutileza na fiscalização do produtor da educação enquanto trabalhador, que passam quase despercebidos. O trabalhador vai sendo enredado nas minúcias do cotidiano, sendo levado a prestar contas de detalhes às vezes insignificantes mas que, na verdade, fazem parte dos mecanismos de normatização da vida da escola e de seu controle por parte dos órgãos oficiais. Braços vão se abrindo na tentativa de ocuparem todo o espaço e a separação das funções de execução e concepção vão se aprimorando. Os trabalhadores vão sendo sobrecarregados com atendimento de ofícios, pedidos, preenchimento de quadros e, sem tempo para pensar, passam a desempenhar o papel de meros executores de um pacote educacional pré-definido. Precisam apenas memorizar um roteiro, o manual do ofício já fabricado pela divisão capitalista do trabalho e seguir os detalhes de como preencher corretamente os quadrinhos, colocar os números nos devidos lugares e fornecer as informações que o sistema pede.

*Fazer a rede, enreda o corpo todo o dia... tece a vida do homem na rotina.*¹⁷

Não se faz preciso pensar, já que nada pode decidir. O que lhe resta é espreitar a hora de agir, desatar os nós, repetir o feito pelo avesso.

Em cima dessa fiscalização e controle vai se firmando

17. Carlos Brandão. Op. cit. p. 14.

a impotência do trabalhador pela falta de controle do processo educativo e do produto do seu trabalho e é por esse caminho que a questão deve ser encaminhada. Não se pode perder de vista este contexto de relações onde estão determinados os papéis dos trabalhadores do ensino. Vale, neste intento, repensar a rivalidade sempre presente na escola, entre professores e especialistas, estes últimos colocados neste processo pela necessidade da divisão do trabalho, onde as especializações se inserem. Enquanto controladores, acabam por promover a absolvição do Estado, como responsável por toda esta trama.

A insatisfação no trabalho e com o trabalho em casa alheia, enovela o trabalhador, cria o conflito entre os pares, cria brigas por espaços e posições e os órgãos oficiais, bem cientes disso, tentam suavizar o controle do aparelho escolar e dos educadores, dando aos trabalhadores uma aparente liberdade de ação e autonomia. Dentro dos programas, algumas alterações podem ser feitas, métodos e técnicas inventados, alunos podem ser remanejados, fichas, quadros e tabelas podem ser aperfeiçoados e até mesmo estantes e outros mobiliários, trocados de lugar. Total liberdade para acrescentar qualquer coisa à escola: livros para a biblioteca, mesas, cadeiras, pintura nas paredes, recuperação dos materiais danificados, etc. Desnecessário dizer que essa "liberdade" se exerce dentro de limites bem estabelecidos e que o controle não passa única e exclusivamente por esse caminho mas em negar aos trabalhadores a sua criatividade individual e coletiva.

O Estado e seus agentes, juntamente com os empresários

das indústrias de ensino, em jogos ágeis, tentam comandar os trabalhadores, intrometendo-se nos mínimos detalhes de seu trabalho. Ofícios com solicitações mais diversas, avisos, quadros a ser preenchidos, onde exige-se dos trabalhadores que façam uma listagem dos problemas da escola e que apontem as soluções, porém deixando bem claro que soluções viáveis e que dependam da comunidade escolar. Se as coisas não derem certo, o problema não é do Estado. Nesse jogo ele sai ileso e toda culpa recai nos trabalhadores, na comunidade ou nos alunos. Junto a estas formas de dar a ilusão de participação, acrescenta-se os grandiosos debates sobre a educação (Dia D); onde os trabalhadores param um dia para repensar problemas que rondam a educação há séculos. Em que desaguará tamanha avalanche de debates? Este canto da sereia não é novo, faz parte da velha tática de ocupar o espaço antes que os verdadeiros interessados se organizem e lutem por seus direitos.

Soluções não tem sido dadas pela máquina estatal, portanto, só poderão ser encontradas na determinação dos trabalhadores em se organizar e lutar por seus direitos e não cada um por si.

O sujeito que jogou os trabalhadores do ensino no atoleiro, aparece muitas vezes na escola como o Super-homem que sobrevoa sobre as cabeças e como num passe de mágica, desaparece. Reivindicar algo do Estado parece sonho ou piada. É como sair da realidade.

Uma reunião para reflexão e avaliação do trabalho desenvolvido durante o ano, realizada em 03/12/86, ilustra bem este jogo de esconde-esconde do Estado neste contexto.

Os problemas estão colocados mas quem é o culpado, o responsável entre outras coisas, pelos descaminhos da escola pública, pelo fracasso dos alunos das classes trabalhadoras? Na reunião citada, foram discutidas as metas da escola com referência ao aluno (traçadas no início do ano letivo), a melhoria da qualidade do ensino, a redução das taxas de abandono e evasão e o reforço (recuperação). Por esse caminho já percebemos que o problema ficará restrito à escola. Vejamos:

Reforço não alcançou o objetivo. Por mais que a gente se esforce não dá para atender. Não deu certo!

Quais as soluções então?

O reforço deve ficar a cargo da eventual. Ela deverá fazer um horário para atender cada turma.

Aluno quando não quer, não quer mesmo. Nem a ferro.

O Estado deveria pagar o professor, mais 2 horas e o próprio professor ficaria para o reforço (risos).

Após a "piada" de reivindicar algo do Estado, aparece a fala do diretor: *Ah, Estado! Voltemos à nossa realidade, gente. Houve melhoria na qualidade do ensino?*

A questão do pagamento da hora-extra é logo descartada de tão presente que se faz a omissão do Estado, como responsável por essa rede escolar de segunda ou terceira categoria, o que justifica o "voltemos à nossa realidade". Entretanto, faz-se necessário repensar estas questões. Qual seria então a realidade da escola? Resolver os problemas dentro dela mesma? Citar os inúmeros e complexos problemas da educação sem tocar nas questões de fundo é teimar em ocultar o

evidente: o controle do cotidiano escolar por parte do Estado e que cresce de ano para ano, visando desqualificar o trabalhador e ao mesmo tempo atribuir-lhe culpas pela lamentável situação do ensino.

Essa engenhosidade em astúcia na fabricação dos fios que laçam pés, mãos, o olhar e a cabeça dos trabalhadores, jogando uns contra os outros, deixa à mostra as duas pontas do novelo onde estão atados por um lado um controle rígido e uma aparência de autonomia e por outro, no início da tecedura, o próprio movimento do capital amarrado à totalidade das relações onde se dá. O contínuo da malha parece, pois, não estar mesclado simplesmente pelo controle do trabalhador, que é insuficiente para explicar esta relação, mas já entrelaçado inicialmente pelo movimento de acumulação e valorização do capital, onde o controle, a divisão do trabalho, a tecnologia, estão incluídos. Convém realçar que nesse movimento entram também em jogo os interesses dos trabalhadores, que filtram e reelaboram de acordo com suas vivências, as tendências dominantes do sistema educacional. É nessa relação, construída através dos processos de controle e apropriação, que se negocia e se reordena a continuidade e a atividade escolar e onde ganham força a presença e a ausência estatal na escola.

Uma incógnita

Fica difícil perseguir estas pistas, uma vez que elas se desmembram em outras logo que se começa a alinhavá-las, porém o trabalhar os fios leva a tecer a rede onde a presença e ação estatais vão se configurando através de

contornos não muito nítidos para os trabalhadores. Tentemos, pois, transitar alguns caminhos que revelam parte desse jogo de esconde-esconde, onde o Estado parece não estar em parte alguma, mas também lança o desafio de se decifrar o mistério de como consegue manter-se de pé.

As escolas destinadas ao povo, independentemente de trazer o selo do público ou privado, carregam juntas a marca registrada do abandono. É esta a escola permitida para as classes trabalhadoras. Uma escola que praticamente não existe mas é proclamada nos discursos oficiais como uma benesse para os trabalhadores. Presente que, na realidade, nem existe, *porque o Estado não compra terreno, não constrói prédios dignos, não paga salários que estimulem profissionais competentes.*¹⁸ Resta ao povo, preservar o que nasceu doente mas que se conserva de pé, porque até mesmo a objetivação mais elementar da escola, cada sala, cada janela, cada parede, é sustentada pela comunidade, professores, pais e alunos. Esta escola remendada, agora já é outra. Não é do Estado que se omitiu e omite mas daqueles que impedem que ela caia. Está feito o jogo. Trabalho somado da comunidade e com uma significação particular para cada sujeito. Cada um sente-se um pouco dono: minha escola, minha sala, meus alunos ou nossa escola, mesmo que a história documentada realce o nome do governador, de um deputado ou político forte da região, como donos.

18. Miguel G. Arroyo (org). "A escola possível é possível? In: —. *Da escola carente à escola possível*. São Paulo, Loyola, 1986, p. 11-52.

É como uma casa abandonada, invadida por desabrigados que pagam um alto preço para nela morar e impedir seu desabamento e onde o proprietário não aparece todo final de mês para expulsar os invasores, pelo contrário, para esses rearranjos da casa, aparece numa medida mínima, liberando alguma verba para refazer sua imagem paternalista, distribuindo materiais e deixando o resto por conta dos inquilinos. O fracasso, abandono e a miséria generalizada acabam por se constituir em problemas a nível regional, local, pessoal e individual, nunca a nível nacional.

Para preservar essa debilidade, não há nenhum modelo pré-estabelecido pelas políticas oficiais. Essa é a escola do povo e para o povo. O Estado continua com essa brincadeira de escola mas impõe "aos outros" que dêem o tradicional jeitinho.

Tem professor aqui que acha que a gente não devia fazer mais promoção nenhuma pra juntar dinheiro pra escola. O povo aqui já tá muito explorado e a gente mais ainda.

Imagine se um dia todo mundo aqui cruza os braços e não faz mais nada? Essa escola cai em cima da gente e adeus emprego! Acho que a gente acaba morrendo de tédio. O que é que a gente vai fazer?

Ainda entre nuvens, o Estado aparece mas a escola continua sendo carregada, porque, senão, "adeus emprego". Não que seja esta a escola ideal mas a que se tem.

É muito peso pro ombro da gente. Pensando bem acho que o melhor é deixar isso aqui (escola) pegar fogo.

Aqui a escola já tem dono. A obrigação é do Estado de prover educação básica e gratuita para o povo. Essa escola de pernas mancadas pode pegar fogo, porque não é essa a desejada. Qual seria então? As respostas não estão prontas. Na verdade, quando nos propomos tais perguntas, estamos realmente tentando encontrar caminhos. Porém uma certeza: a construção da escola possível é fruto de longas lutas e percorrer esta trilha é tarefa política bastante complicada.

Um outro caminho desse jogo de esconde-esconde, leva-nos aos currículos, programas e livros didáticos. Aquilo que é ensinado na escola é pouco vigiado e por ser assim cria no trabalhador a ilusão de autonomia, a impressão de poder decidir alguma coisa: "escolher" o livro didático, o método de leitura ou mesmo as campanhas necessárias para adquirir estes materiais. Momentos em que o trabalhador sente-se à vontade, em casa, porém alheia. Se pode tomar tais decisões, sente-se de certa forma, independente e nesse ponto o Estado se oculta. Acrescente-se a esse jogo o cimento superposto com a introdução da figura do especialista, que também supõe ter alguma autonomia e passa então a controlar os trabalhadores docentes. Nesta cena o Estado sai ileso e o especialista transforma-se em bode expiatório.

Embora o cotidiano escolar seja reelaborado em função de outras práticas e saberes que provêm de outros âmbitos, esse jogo do ocultamento tem sua força, sendo que muitas vezes o trabalho escolar se perde na heterogeneidade do cotidiano e as pistas para melhor compreendê-lo (trabalhadores, sala de aula, escola, aluno, burocracia...) aparecem desarticuladas entre si e do movimento social mais amplo. O encontro

com o Estado na escola, de frente e de fato, só se realiza nos momentos de greve, momentos estes em que a consciência coletiva se torna mais aguda e a organização é maior, porque o Estado com várias medidas administrativas separa e reúne os professores, de tal modo que se impeça a identificação de interesses comuns de classe e um rompimento radical em face ao poder... Aos problemas trabalhistas apresentados pelos professores dá-se um tratamento sistematicamente individual.¹⁹

Como essa relação é um pouco mesclada, descaracterizada, a organização dos trabalhadores também o é. Cada um é um caso, mergulhado nas teias de contradição do cotidiano e transformado em rival. Procurar um culpado entre trabalhadores do ensino, pais e alunos, é insistir na divisão, fazendo o jogo do sistema. É nesse âmbito que a escola precisa ser trazida ao palco, na sua positividade, positividade esta, no sentido do existente. O fervilhar das relações do dia-a-dia se generaliza quando os especialistas e diretor, afinal o pessoal do gabinete, da administração, como são chamados na escola, vestem a camisa do patrão e passam a controlar os trabalhadores de linha, desempenhando o papel burocrático repressivo que lhes reserva o Estado.

Não há integração nesta escola. O trabalho é todo dividido. As decisões quase sempre são tomadas pela parte administrativa, sem a participação dos professores.

19. Justa Ezpeleta e Elsie Rockwell. "Escola e classes dependentes: uma história do cotidiano." In: *Pesquisa Participante*. São Paulo, Cortez, 1996, p.68.

Nunca sei como são tomadas as decisões. Apenas, às vezes, obedeço.

Quem toma decisão é apenas um grupinho de professores.

Aqui, as coisas são resolvidas em conjunto, mas quem faz parte deste conjunto são: diretor, vice-diretor, supervisor e certas pessoas da secretaria.

As decisões na escola são tomadas por um pequeno grupo ou cúpula, impondo aos outros das decisões tomadas. Fala-se em democracia...

Não tenho autonomia nenhuma pois fui treinada a não opinar.

De 5a. à 8a. série somos mais unidas decidimos juntas.

Colegiado só tem nome de colegiado, não reúne, nem toma iniciativa em nada.

De vez em quando as decisões são tomadas em conjunto mas na realidade é subconjunto.

Tenho pouca autonomia pois sou subordinada à DRE.

Às vezes dão autonomia e de repente cortam pois estão contra a legislação.

A abordagem da escola na perspectiva do jogo do ocultamento leva-nos a ampliar a sua visão dirigindo-se o olhar de baixo para cima, decompondo as teias de relações onde estão inseridos os trabalhadores e que determinam objetivamente seus papéis e, subjetivamente o processo de produção das con-

cepções sobre tais papéis.²⁰

No aflorar das contradições, o dia-a-dia revela, embora na sua aparente dispersão, pistas que se entrecruzam com outras e permitem recompor a trama que queremos reconstruir, ampliando a capacidade de revelar a realidade escolar por inteiro. *Uma trama, finalmente, que é preciso conhecer, porque constitui, simultaneamente o ponto de partida e o conteúdo real de novas alternativas tanto pedagógicas quanto políticas.*²¹

A observação das atividades cotidianas e rotineiras dos trabalhadores do ensino são surpreendentes e contraditórias. Por um lado, estes trabalhadores têm sua posição definida no processo produtivo e são levados a transitar neste espaço que o sistema de ensino lhes criou e lhes "garante", por outro, precisam conviver com a heterogeneidade do cotidiano e as concepções educacionais emergentes, elaboradas e reelaboradas neste contexto de relações sobre a base desta mesma cotidianidade.

Tentemos, pois, apreender analiticamente aquilo que a vida cotidiana reúne e a complexidade das práticas que se dão na escola.

20. Rogério Cunha de Campos. "Especialista em educação: ideologia e cotidiano". In: *Educação em Revista*. Belo Horizonte-UFMG. (2): 19-27, Dez., 1985.

21. Justa Ezpeleta e Elsie Rockwell. "La escuela: Relato de um processo..." Op. cit; p. 154.

As contradições sociais, das quais a escola não está alheia, desmembram-se no interior da escola e passam a determinar as práticas específicas e diferenciadas dos trabalhadores do ensino, como também a "ajustar" suas idéias a respeito de tais práticas. Que funções desempenham (a real) e que outra função poderiam passar a ter (a ideal)?

No Encalço do Especialista

Figura extremamente contraditória, perdida entre assumir atitudes autoritárias que seu lugar na hierarquia da escola lhe coloca e, outras vezes, negando veementemente a vestir a camisa do poder. Conviver com a contradição, com as amarras que lhe barram o caminho de assumir de frente uma postura mais democrática, o não saber agir, o ficar na balança, o voltar atrás ou avançar são questões colocadas no dia-a-dia dos especialistas, fruto da organização do trabalho na escola. Se, por um lado, exercer a função de zelador da ordem vigente leva ao encobrimento de possíveis posturas frente aos demais trabalhadores, por outro, o acontecer cotidiano se incumbe de levantar um questionamento sobre esta postura, no sentido de levar este profissional a se policiar e abandonar diversas posições de mando. Isso porque o movimento social não é unilateral mas composto de situações diversas e de sujeitos particulares que se engajam na luta a favor de seus interesses e dos interesses do grupo ao qual pertencem. Nesse caso, o especialista aparece como um elemento estranho ao grupo.

É significativa a hostilidade dos movimentos de regentes de classe contra os especialistas e tecno-

cratas das unidades escolares, Delegacias de Ensino e Secretaria da Educação e a dificuldade destes em aderir à luta dos docentes. É um sinal de que a hostilidade tem base na divisão do trabalho e que os centros de formação de especialistas são percebidos pelos docentes de base, como mecanismo dessa divisão.²²

Enfrentar classe, esse pessoal que tá no gabinete não quer não mas mandar eles sabem. E o pior de tudo é que eles se julgam por cima. É só mandar, mandar e ficar igual dondoca.

Se quer mandar, que seja pelos menos coerente. Que fique cobrando as coisas, vai lá! Mas cobrar e também não fazer o que cobra, aí não!

Se, por exemplo, um professor falta, dá falta pra ele mas, se é um outro, não coloca. Tem uns que têm privilégio, outros não. Assim também é demais! Pensa que a gente é cego?

As brigas internas, que se travam no interior da escola entre professores e especialistas, têm mais a função de convidar estes últimos a abandonar o controle e entrar no barco onde navegam os outros trabalhadores de linha. Apesar de terem nascido para controlar e fiscalizar os docentes, o diretor, inspetor, orientador ou supervisor podem ser

22. Miguel G. Arroyo. "Operários e Educadores se identificam..." op. Cit; p. 19.

educadores.²³ E como educadores são levados a definir de que lado estão e deixar de se comportar conforme o figurino ditado pelo Estado. Se muitos pecados cometidos na escola são atribuídos ao diretor, é justamente porque ele é expressão do poder, do controle, do mando e da fiscalização. O Estado vai penetrando tão sutilmente no cotidiano escolar de forma es-corregadia, fantasmagórica e num piscar de olhos aparecem de-cretos e mais decretos, resoluções, pareceres e avisos que deságuam na escola via Delegacia Regional de Ensino (DRE), na figura do inspetor escolar e, depois, nas mãos do diretor, mais próximo aos professores.

A primeira reação de resistência é voltar-se con-tra o diretor, porta-voz de uma cantiga que vem de longe. O caminho de descoberta do sujeito principal(o Estado) é na maioria das vezes bloqueado pela atitude autoritária do di-retor que, de certa forma torna-se guardião da ordem.

O jogo narrado pelo diretor

Quem, em muitas reuniões administrativas, não terá ouvido da boca do diretor, estas falas? *Tem muitos professores entrando para sala de aula sem saber o conteúdo a ensinar. Outros ficam conver-sando na cozinha ou pelos corredores e quando a gente chega, arranjam uma desculpa e dizem: — olha, eu tô tomando um cafezinho, mas deixei um ne-gócio lá no quadro e os meninos estão copiando.*

. E preciso cuidar do horário. Estão chegando com muito atraso e saindo mais cedo.

23. Miguel G. Arroyo. "Dimensões da supervisão educacional no contexto da práxis educacional brasileira." In: *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, (41):28-37, Mai, 1982.

. E a disciplina? Tem professor que não impõe respeito, aluno pinta e borda com ele...

Em outras ocasiões, recebendo os aplausos dos supervisores e outros membros do gabinete, deixa bem claro: *Sei que minha posição é autoritária mas eu preciso provocar esses professores pra ver se eles reagem. Eu quero que eles reajam e a única forma é provocá-los. — Será este o único caminho?*

*Será que procurar dentro da própria escola um culpado, um Cristo responsável pelos males, resolveria o problema? Que fatores contribuem para a desqualificação dos professores e conseqüentemente ao não-domínio dos conteúdos? Este problema seria só deles ou é uma desqualificação do ensino em geral? E os especialistas também não passaram pela mesma escola desqualificada? Por que são mais competentes? Pelo título de especialistas? Especialistas em que? Em controlar outros trabalhadores? O especialista, mesmo remotamente, está no jogo de exploração do capital, uma vez que está submetido a uma hierarquia que se pretende soberana e que controla também suas ações mais capilares. Acrescenta-se o fato de sua ação estar também dividida pela pulverização e fragmentação do saber dentro do trabalho intelectual. Esta hierarquização lhe confere a ilusão de delegação de poder (que é garantida pelo seu suposto saber-legalizado pelo título) que por sua vez lhe dá a ilusão de fazer coisa diferente do que faz.*²⁴

24. Olinda Maria Noronha. "A questão da supervisão Educacional: notas para uma reflexão". In: *Revista da FEPI*. Itajubá, (14/15), Ano VII, 1981. p. 67-80.

Quando o diretor se ausenta, lá está o supervisor ou o vice-diretor assumindo parte das responsabilidades na administração escolar. Criam-se então os conflitos entre professores e especialistas.

Professores comparecem às reuniões administrativas, muitas vezes, já armados para se defender de qualquer ataque. Outras vezes reviram gavetas, pastas, tentam ouvir conversas ou surpreendem os "chefes" planejando escaramuças. Aí despertam, ficam mais vigilantes e desconfiam de tudo. Sempre descobrem, não se sabe bem por quais meios, alguma anotação secreta, questionários onde se pretende dissecá-los em fichas e gráficos. Clima de romance policial. *O que andam tramando contra a gente? Será o que vem agora?* Espionagem, serviço secreto... a ilegalidade.

Questionar os especialistas é muitas vezes comprar briga. Existe por parte destes uma resistêcia quanto ao questionamento de sua prática pelos professores, porque isto implica tomar consciência de sua ação e passar a atuar não contra os outros trabalhadores, mas buscar sua identidade perdida em meio à lógica que o introduziu no processo educativo e nortear suas ações a favor da construção de uma escola mais adequada aos interesses populares. É esta uma tarefa política extremamente complicada. Tocar no compadrio, na rede de favores políticos onde alguns trabalhadores do ensino se encontram deitados, é abalar uma posição até então cômoda. Significa ter que se misturar com "os de baixo", reconhecer-se também explorado e sem condições de querer controlar e explorar os demais. Quando as contradições são acirradas, existe um voltar para o lado da maioria para tentar negar a cumplicidade

nas posições de mando, fazendo única e exclusivamente do diretor o sujeito das posições autoritárias.

Por sua culpa... sua culpa... sua máxima culpa

Culpar os professores por chegarem à escola tão desqualificados, é inocentar a organização do trabalho. A qualificação do trabalhador nasce no trabalho, entretanto a produção é organizada de modo a desqualificar o trabalhador. ... A nova organização do trabalho pedagógico redefine o preço e os critérios de avaliação da qualificação dos mestres... A nova relação de trabalho não só desqualificou nominalmente — de mestre a professor leigo — mas terminou desqualificando realmente na medida em que desprezou o saber nascido no ofício de ensinar proveitosamente e passou a valorizar o formal, a titulação, o rito. Passou a pagar o trabalho em função do título e não da qualificação adquirida e comprovada no trabalho. A desqualificação do qualificado passará a marcar esse profissional e a dividir a categoria profissional em duas grandes castas: titulados e não-titulados. Uma casta será usada contra a outra. A comparação entre ambas justificará salários baixos para os não titulados e salários não muito elevados para os titulados.²⁵

Mesmo distante, o Estado deixa armadas as bombas-relógios que podem explodir a qualquer momento: atribuir a culpa ao profissional, à sua incompetência, ao ócio, à preguiça,

25. Miguel G. Arroyo. *Mestre, Educador, Trabalhador*. Belo Horizonte, UFMG, 1985. p. 47.

ao descompromisso, ao desperdício do tempo, ou mesmo culpar os alunos, os pais e os métodos. Assim ele se inocenta. Até Deus torna-se responsável pela imensidão de problemas que circundam e invadem a escola.

Vejam as provas que o professor X aplicou. Que fracasso, são notas baixas! Precisamos dar um jeito. Estes professores se julgam auto-suficientes e não requerem nenhuma consulta ao supervisor. Dão as matérias prá lá...

É preciso controlar o trabalho dos professores que se julgam auto-suficientes e por aí ameaçam a função dos especialistas. É preciso pois, barrar-lhe o caminho. Vigiar, controlar e descobrir alguma fórmula de fazê-lo reconhecer seu verdadeiro lugar.

Esses professores não querem nada. Nunca vi povo tão cabeçudo. Não lêem nada, não se interessam. Eu já cansei de pelejar. Vou deixar as coisas correrem agora. Cansei!

Seria esta atitude uma corrente de união dos "bons" profissionais contra os "maus"? Uma questão que precisa estar sempre presente é que as escolas destinadas às camadas populares nasceram incompetentes, desfiguradas, não por falta de competência dos mestres, mas por falta de vontade política dos donos do poder, da riqueza e da ordem social ... São mesmo a boa vontade dos trabalhadores da arte de ensinar podiam garantir a manutenção de um sistema de instrução tão desfigurado.²⁶

26. Miguel Arroyo. Id., Ibid., p. 69.

Porém não é só de bons samaritanos que o ensino precisa. A educação não se dá num vazio material. A incompetência, a desqualificação do profissional do ensino, o desperdício de tempo, a preguiça, o descompromisso, são frutos do trabalho escolar dividido. A diferenciação entre os trabalhadores (classes, níveis, graus e conseqüentemente diferença de salários) é justamente colocada para confrontá-los entre si. Enquanto se briga para descobrir quem é quem na escola, fica difícil captar o outro que vai penetrando sutilmente através das portarias, resoluções, ofícios, programas, currículos e outras normas que visam emperrar a instrução dos alunos da classe trabalhadora.

Quando se equacionam as causas da repetência, reprovação ou evasão, sempre a responsabilidade recai sobre o profissional, sua falta de preparo e competência. Nada se fala sobre sua motivação para o trabalho.²⁷

Uma escola, que nasceu desqualificada e continua desqualificada (este é o desejo do Estado omissivo), vai exigir dos profissionais que eles sejam camelôs, artistas, carpinteiros, assistentes sociais, enfermeiros, pedintes, missionários, caixeiros ou cantores, exceto educadores. Toda a desorganização da escola é fruto de uma administração descompromissada com a instrução e participação das camadas populares. Qualquer tentativa de rearranjar a casa, que passe simplesmente pelo preparo do profissional do ensino, cairá

27. Miguel G. Arroyo. *Quem de-forma o profissional do ensino?* mimeo, s/d, fl. 8.

no vazio se a organização e divisão do trabalho na escola não forem questionadas.

Acima das contradições

Ah, resolvi botar ordem nesta escola. Tã uma banguça! O chefe de disciplina? aluno não respeita mais. Agora é assim: chamar professora de dona, senhora... pedir "por favor"... agradecer. Tem que ser assim: uniforme... As professoras também têm que ajudar a impor respeito. "Cê" vai ver! Cheguei animada. Falei tudo o que queria. Fui de sala em sala e falei com os alunos. Se o ensino tã assim e a escola assim, é porque tem gente lã em cima que quer que as coisas continuem como estão. E se quisermos alguma coisa melhor, tem que começar por aqui. Os lã de cima, não tão nem aĩ.

Existe a percepção dos "lã de cima", junto com a fê no começo por aqui, "de baixo". Entretanto, se há coragem e forças para um começo, os instrumentos de luta voltam-se para disciplinar. Se é um começo, ainda há que alargar os horizontes, sair da clausura e ver a escola na sociedade e as forças sociais, econômicas e políticas que atuam sobre ela. Poucos meses depois não conseguindo botar ordem na escola, vem a licença: Tô cansada, mexer com isso é dureza! Se vem a todo vapor, a máquina pública é mais quente do que se imagina e acaba consumindo as forças. Sozinho é impossível caminhar. Mas é devagar que vai nascendo qualquer coisa forte

no meio de nós. É o grito inteirado.²⁸

O discurso daqueles que ocuparam e dos que ocupam a direção, enfatiza inúmeras vezes as dificuldades do cargo. Os problemas são tantos e tornam-se maiores porque no contexto específico do município, onde todos estão inteirados da vida particular e profissional do outro, qualquer atitude tomada por um companheiro é levada a julgamento e na maioria das vezes adquire o fascínio da fofoca e se transforma num clima de faroeste. As questões pessoais se confundem com as profissionais, envolvendo parentes, vizinhos e amigos, dificultando uma ação mais organizada dos trabalhadores enquanto classe.

Acho que o melhor ainda é ser professor, porque ninguém implica, ninguém quer ocupar seu lugar. Em termos de evitar atritos e disputas, o cargo de professor se apresenta como o melhor. As brigas por ele só aparecem quando se é para acumular funções, porque representa um salário a mais. Porém, na maioria das vezes, tudo se faz para fugir à docência. Com o cargo de direção é diferente. É o poder personificado da DRE, da SEE. É o cargo de confiança onde se manda e ganha mais.

Eu ainda quero sentir este gostinho de mandar, de olhar lá de cima.

28. EQUIPE das Comunidades de Base e de agentes da Diocese de Goiás. "O meio grito: um estudo sobre as condições, os direitos, o valor e o trabalho popular." In: BRANDÃO, C.R. (org.) *Pesquisa Participante*. 5 ed. São Paulo, Brasiliense, 1985. p. 132.

Uma revolta em cada rosto, uma mágoa escondida, uma falta que veio descontada no já minguado salário, a falta de empregada, o filho doente, o horário da escola, 4 horas, 8 horas, o plano de aulas, gestos tensos, vida comprimida, limitada, o diretor, os alunos, os companheiros que não ajudam, os sábados e domingos invadidos com promoção para a Caixa Escolar... Dói, fere. Muita coisa prá ser roubada. O desgaste físico e mental, a atmosfera de prisão, o atraso no pagamento, o tédio, o medo, a desconfiança e um mundo de outras coisas que fervilha a vida de cada um e que está presente nas normas, leis, decretos, na figura dos especialistas, do diretor, do inspetor, da DRE... Nesta aparente distância a máquina estatal vai lançando a rede, tentando legitimar seu espaço. Este fantasma que causa pesadelos, se incorpora nos trabalhadores do ensino que passam a proclamar justiça com injustiça. Todo aquele que é associado ao poder, à traição, à ameaça, à divisão experimenta o gosto da revolta e vingança.

Eu quero assistir de camarote o desenrolar do trabalho da outra que entrar no meu lugar. E acho que são pouquíssimas aquelas que eu não ia ter prazer de ver passando que nem eu. Todo mundo que entrar ali e se esprepar, será minha vingança. Vou ficar olhando... de longe.

Se entrar um diretor que a gente não gosta, vamos fazer tudo pro trabalho dele não ir para frente.

Quando eram todas da mesma panela (3 diretoras que se revezavam no cargo) faziam lá seus conchavos contra os professores. Tanto fazem na panelinha deles e depois quando se

estrepam, vem e conta tudo pra gente. Pensa também que a gente é bobo? Eu acho é bom que se engulam.

O comprometimento, a cumplicidade para fazer as tramóias contra outros trabalhadores não são perdoadas. Aquele que participa das armações enquanto está "no poder", apoiando tudo e ficando calado, fica marcado e não é sujeito confiável.

Radiografando o professor

Deram uns questionários para os alunos responderem, colocando o professor lá embaixo. Nós não vimos nada deles, ficamos sabendo assim as coisas pela metade... tudo escondido. Cada um com sua queixa. O muro de lamentações cada dia maior, descontentamentos, cada um por si, salve-se quem puder.

Fica clara a função dos especialistas que se colocam disfarçadamente atrás dos professores e tentam abarcar em fichas ou gráficos, para uma possível avaliação, as questões de disciplina, força de vontade, amizade e dedicação do professor. Agindo assim, tem-se a ilusão que decidem alguma coisa, quando na verdade são transformados em guardiães da ordem, como se pode perceber no objetivo explícito dos questionários aplicados aos alunos (citados anteriormente), para fazer um levantamento das disciplinas que mais gostam, que menos gostam, das atitudes que mais apreciam nos professores e colegas e aquelas que menos apreciam, professores que mais gostam e que menos gostam, a forma como as aulas vêm sendo ministradas e finalmente uma apreciação sobre o serviço da servente, do chefe de disciplina, da supervisora e da diretora (Anexo V).

A partir da análise dos questionários, foram feitos gráficos específicos para cada série, tentando abranger todos os dados coletados. Porém como foi aplicado pelo diretor com a aprovação dos supervisores, que ajudaram na análise dos dados, estes profissionais foram bastante elogiados: ótimos, não existe outro igual, simpático, agradável... foi entre confetes e serpentinas, o carnaval dos adjetivos que os qualificaram.

Os gráficos, com base na seqüência dos questionários, ficaram assim distribuídos, por série:

1. Disciplina que mais gosta X que menos gosta
2. Atitude que mais aprecia nos professores X que menos aprecia.
3. Atitude que mais aprecia nos colegas X que menos aprecia.
4. Disciplina: o que o aborrece? X propostas para melhoria.
5. Professor que mais gosta X que menos gosta
6. Desenvolvimento das aulas X propostas para melhoria.

Por falta de tempo para terminar o levantamento geral dos dados, pelo clima geral de descontentamento reinante na escola e pelo término do contrato do supervisor e ocupação deste cargo por outro profissional que não se empenhou na continuidade deste trabalho, os gráficos ficaram só no papel. (Anexo VI).

O que vimos constatando até aqui é a força desses elementos coercitivos que desagregam e hierarquizam os

trabalhadores, tentando assegurar o controle sobre o seu trabalho. É assim que o Estado aparece e se oculta na escola das formas mais imprevistas, onde cada elemento participa muitas vezes ingenuamente do jogo do sistema, porém ainda consegue dar conta disto.

Vislumbrando outros caminhos

Eu sou o que o Estado me fez. Não tem jeito de ser diferente. Ainda percebendo as restrições de seu espaço, os especialistas tentam avançar. Muitas ordens são dadas deixando pelo menos uma porta aberta por onde os outros possam escapar. Porém se deixa as coisas correr à revelia, os problemas vão se acumulando e torna-se mais complicado o caminho.

Se eu não assumir a direção das coisas essa escola vai por água abaixo. Faz-se preciso recompor as forças todos os dias e colocar a máquina a funcionar. Pagar as contas da caixa, fazer as compras, instruir na escrituração, cuidar dos horários, atender reclamações de professores, pais e alunos, contratar, dispensar, reunir, ser o que não se quer ser, ser vítima e vilão, estar à beira da ilegalidade, obedecer as leis, ser diretor.

Ah, se eu pudesse falar! Fico presa. Eu sou aquela que atrapalha a política do meu marido. Aqui em Canaã eu não tenho lado. Os da política dele pensam que eu sou contra... Eu gosto mesmo é da oposição porque eles sabem que não estou do lado deles e não tentam me fazer fantoche. Se estou do lado de cá é só por causa do marido...

Sabe... esse negócio... Vem uma servente, por exemplo e faz a inscrição. Depois vem o marido dela, parente, sei lá... e acham que eu posso fazer as coisas por debaixo dos panos e dar um jeitinho de colocá-la. Não adianta nem explicar as leis, os direitos, a classificação. Aí como não pode fazer, estou atrapalhando a política... Dá não...

Prá guiar, tomar frente, conduzir... não tenho mais jeito. Sirvo para colaborar. Já estou velha nisso, perdi as esperanças. Esse povo precisa de um guia e eu não aguento esse papel. E por aí já perdi minha identidade em tudo: como profissional, mulher, dona de casa... Estou sendo o que não sou...

Pelos Poderes dos Métodos e Técnicas

Abrindo os pacotes, aparecem as figurinhas. Idéias brilhantes contra a força do mal: tampinhas, massinhas, sementinhas... e as criancinhas? Pobrezinhas, coitadinhas? Desnutrição, reprovação, evasão... e a relação educação/classe social? É todo um arsenal de técnicas de leituras, redação, ortografia, entre outras, que acabam por reduzir os graves e complexos problemas educacionais à condição de problemas meramente técnicos.

A figura do supervisor nasceu para controlar a autonomia do educador de linha, o docente, porém não foi dada ao mesmo supervisor a autonomia necessária para ser criador. Se por um lado ele representa uma ameaça para a criatividade do docente, por outro as atividades escolares programadas a nível nacional, estadual e municipal são igualmente amarras que cortam a autonomia e a criatividade do próprio supervisor. A função do supervisor foi criada para amarrar, mas por sua vez o supervisor é amarrado por níveis hierarquizados, centralizados. Constatamos manifestações diversas de parte dos docentes rejeitando as amarras da supervisão, e exigindo maior criatividade como educadores. Constatamos, também, exemplos de idêntica luta pela autonomia por parte do supervisor. Isso implica em se libertar dos programas pré-estabelecidos e redefini-los em função da educação que é demandada como conveniente pelo povo brasileiro.²⁹

Porém o que ainda predomina é o grande interesse pelos métodos de ensino, pela tecnologia educacional, sistema de avaliação e recuperação e fiscalização do trabalho dos professores. O supervisor aparece como o iluminado nesta arte. Empolga-se muitas vezes com o seu próprio discurso sobre o trabalho que realiza também como professor. Faz de sua classe o modelo ideal, da escola, uma grande família, um paraíso onde tudo dá certo. Nunca coloca em suas falas os entraves do dia-a-dia na sala de aula.

29. Miguel G. Arroyo, op. cit., nota 23.

Os especialistas pretendem situar-se acima das contradições. É curioso notar que, sempre que escrevem algo sobre o seu papel na escola, ou sobre o papel dos professores, reaparece esta concepção.³⁰

A supervisora fala assim: minha escola, minha sala, meus alunos... como se a coisa fosse dela e o trabalho dela, um mar de rosas.

Fiz um trabalho ótimo. Alunos fazendo comício como se fossem os candidatos a senadores, deputados... Você precisa ver que beleza que foi! Acontece que os professores não entenderam o objetivo e ficaram rindo de mim.

O Centro Cívico não foi pra frente. Dei toda a teoria e depois deixei que os alunos trabalhassem. Fizeram as campanhas políticas, cada chapa fez suas promessas.. comícios... Aí a diretora achou que tava perdendo tempo, então paramos. A supervisora também não ajudou, simplesmente concordou com a diretora...

Na realidade, este trabalho com os alunos sobre o Centro Cívico foi iniciado e encaminhado pelo professor de Educação Moral e Cívica. Aproveitando do clima das campanhas políticas espalhadas Brasil afora, foi um momento para repensar as promessas dos políticos, questões eleitorais e eleitoreiras, afinal um questionamento sobre a caça ao voto. O supervisor apropriou-se da direção do trabalho do professor, faz reparos aqui e ali e classifica tudo como "meu trabalho" e é por esse caminho que vai podando seus espaços e se fazendo rejeitado pelos professores.

30. Rogério Cunha de Campos. Op. cit., p. 20

Queria fazer um curso de reciclagem... coisa sobre avaliação. Acontece que lá no meu grupo deu certo mas os professores daqui não quiseram nem saber. Ficou na hora do curso, conversas paralelas, ninguém se interessou. Ainda falaram: professores da roça dar aula pra gente!

A resistência não era quanto ao curso mas à forma como foi colocada a necessidade de fazê-lo.

Toda a divisão entre educadores reforça a divisão do processo educativo e conseqüentemente enfraquece a luta por uma nova função social da escola. Não se pode fazer dos trabalhadores especialistas a ovelha negra dessa família-problema, também composta por trabalhadores-professores. Sua figura foi imposta à escola em nome de uma divisão do trabalho escolar, entretanto sua função controladora e autoritária só será superada quando a capacidade criadora do docente for permitida e, juntos, passarem a reinventar a vida na escola em função daqueles a quem o saber é negado. Insistir no como ensinar não levará muito longe, é preciso repensar o que ensinar. Reduzir os problemas educacionais a problemas meramente técnicos é descuidar da função social e política da escola no contexto mais amplo da dinâmica e correlação de forças sociais.

O professor precisa entender mais de metodologia e também vejo que a Psicologia tá faltando muito.

Eu tava ensinando a multiplicação assim: aí ela passou na porta da sala e depois falou: Oh, assim num pode não, tem que ser assim...

Quando ela pediu o caderno de plano para dar visto,

eū falei: Tã aqui, fiscalã do Sarney! Falei na brincadeira, mas ela entendeu...

As técnicas da supervisão não têm lugar numa escola com um vazio material e vem justamente esvaziar os conteúdos. A preocupação em reunir mil bugigangas (tampinhas, latas vazias, palitos, sementes), a espera de vencer as etapas tais do período preparatório, o psicologismo exacerbado, o pragmatismo, a espera da hora H para se ensinar a leitura, a escrita e as quatro operações vão sendo adiadas indefinidamente e os atrasos vão se acumulando. A tão fantasiosa imagem que se tem infância, da criança como uma plantinha frágil, também precisa ser questionada. Esta imagem aparece para ocultar que estas frágeis plantinhas dão fruto muito cedo, conhecem a enxada, carregam água, levam marmitas, lavam, cozinham e são vendidas muito cedo no mercado de trabalho. Reduzir o espaço das quatro primeiras séries a um parque de diversões é escamotear as relações existentes entre educação e classe social e negar a estas crianças o direito a um saber mais sistematizado. É profundamente ingênua (e perigosa!) essa idéia de que o professor deve facilitar a aprendizagem ao máximo, fazendo dela uma diversão, uma brincadeira (e aqui entra toda a parafernália de tecnologia da educação, dos recursos audiovisuais)... ora, ninguém aprende a aprender sem um conteúdo, uma matéria-prima a ser transformada pela reflexão, isto é, sem um trabalho que produza a compreensão da realidade. A vulgarização da idéia de que não é o professor que ensina mas o aluno que aprende, tem conduzido muitos educadores a uma irresponsabilidade, a um populismo ingênuo, encoberto por uma falsa defesa da liberdade e da criatividade do indivíduo e da

*igualdade entre professor e aluno.*³¹

Se passarmos uma olhada nas provas de concurso para profissionais do ensino, vamos perceber o interesse ímpar, na maioria das questões, pelos aspectos metodológicos, psicológicos, passos disso, etapas daquilo, métodos...métodos... técnicas. Cada dia mais os trabalhadores do ensino são dispensados de pensar. A hora é *levar os profissionais do ensino a acreditarem mais em si mesmos, na riqueza de suas práticas em vez de acreditar ingenuamente nas soluções vindas de cima.*³²

O Professor

Se tirar um retrato de uma professora que está trabalhando com classe e comparar com o de outra que não está, 'cê'vai ver que aquela que tã com classe tã muito mais acabada.

O professor neste contexto se transforma no executor das tarefas que chegam às mãos do pessoal do gabinete que também executa e repassa as outras aos trabalhadores de linha. Os documentos, que contêm as atribuições e deveres do pessoal

31. Ildeu Moreira Coelho. "A questão política do trabalho pedagógico". In: BRANDÃO, Carlos R. (org.). *O educador: Vida e morte*. 7 ed. Rio de Janeiro, Graal, 1986, p.29-49.

32. Miguel G. Arroyo et alii. "Subsídios para 'práxis' educativa da supervisão educacional". In: BRANDÃO, Carlos R. (org.). *O educador Vida e morte*. 7 ed. Rio de Janeiro, Graal, 1986. p. 103-133.

lotado nas unidades escolares do Estado^{*}, tentam abranger nos mínimos detalhes a quem compete cumprir e fazer cumprir às determinações superiores, estabelecendo inclusive normas à conduta de alunos dentro e fora da escola. O objetivo é cumprir. O delegado de ensino cumpre o que a Secretaria de Estado da Educação estabelece; o inspetor cumpre o que o delegado de ensino estabelece; o professor cumpre o que o diretor e supervisor estabelecem e, no final da linha, os alunos cumprem o que lhes foi estabelecido pelo professor.

O ritmo. Apresentar-se no estabelecimento 15 minutos antes do início das aulas, reunir os alunos, levá-los para a sala, acatar determinações emanadas do diretor, fazer diariamente a chamada, planos de aula atualizados, elaborados em casa de acordo com o Programa Oficial, adotar métodos próprios para aprendizagem de acordo com a indicação da Secretaria, verificar o dever de casa, corrigir periodicamente, em casa, os exercícios dos alunos, composições, problemas, questionários, atentar para as diferenças individuais dos alunos, assistir recreio, acompanhar entrada e saída das salas, comemorar com os alunos as datas cívicas e sociais, confeccionar material, manter boas relações com alunos, colegas superiores, pais de alunos, manter-se pedagogicamente atualizado, colaborar nos trabalhos em prol da Caixa Escolar, cantina, biblioteca, vestir-se com propriedade e manter atitude digna

* Portarias: 37 de 02/08/65; 100 de 22/04/63; 36 de 11/08/65; 87 de 01/12/62; 102 de 20/01/66 e mais recentemente a Resolução 1.327 de 05/02/87 que contém esmiuçadamente as atribuições de cada classe criada pela lei 9.381 que dispõe sobre o Quadro Permanente.

dentro da escola, são entre outras mil, as tarefas de um P.1A, P.2A, P.3A, P.4A, P.5A, P.6A, P.7A e P.8A. Em troca, tem-se respectivamente a seguinte remuneração (sem os descontos): Cz\$ 2.010,00, Cz\$ 2.412,00, Cz\$ 2.814,00, Cz\$ 3.216,00, Cz\$ 3.618,00, Cz\$ 4.020,00, Cz\$ 4.422,00 e Cz\$ 4.824,00 (ANEXO VII)* mais quinquênios e abonos. Enfim, professor nível 8, só com curso de Doutorado. Valor: Cz\$ 4.824,00. Se não conseguiu sair do Estado, final de carreira, aposentadoria. Aqueles que não fizeram os cursos necessários serão encaixados em algum nível condizente com seu tempo de serviço e habilitação. Afinal, 25 anos passaram e o trabalhador reunindo, acautando, fazendo planos, elaborando, corrigindo, verificando, assistindo, comemorando, confeccionando e colaborando. Muitos rejeitados pela máquina pública não desistiram de bater à porta de entrada novamente: mais habilitação, substituição temporária, convocação, trabalho na zona rural e eis o concurso e a nomeação: mais cursos, reciclagem, o desejo de fugir da docência, os salários baixíssimos que levam ao descontentamento de muitos e ao comodismo de outros, as péssimas condições de trabalho, a desqualificação do trabalho no trabalho, uma mercadoria comprada submetida a uma hierarquia e uma divisão do trabalho, onde será pago para executar o que os técnicos e administradores pensantes decidirem e conceberem. Essa função de pensar, conceber, decidir sobre sua prática escolar, pode estar na unidade escolar ou distante

* Nova tabela de vencimentos, após a greve de 71 dias (abr/mai/jun/87) ver ANEXO VIII.

nas Delegacias de Ensino, nas Secretarias ou no MEC, ou no especialista, na direção, no Mantenedor e até no livro didático.³³

Coitadas de nós! Ser empregada do Estado tem disto: cantar, pular, brincar de roda, suar... como se a sala de aula sô, não bastasse.

Cansaço, choro, reclamações, olho no relógio, rouquidão, faringite, nervos à flor da pele... Gente, eu não aguento mais. Esses meninos vão acabar me matando. Morro de raiva quando lembro da miséria que a gente ganha.

Tanta coisa que a gente vê que eles (alunos) não sabem. Não sei nem por onde começar e o pior é que não sei se isso vai levar a alguma coisa... Ah, vou passar pro Quadro Permanente mesmo.

Eu começo na segunda-feira com o mesmo clima de sexta. Um cansaço sô!

Tirei licença e voltei querendo arrasar tudo, botar a coisa pra funcionar. Cheguei na maior animação, mas depois de 15 dias 'tava morta de cansaço.

A sensação de descanso daqueles que ainda não conseguiram fazer o ideal sair do real. Existe ainda a "última chama." É o atestado de luta que ainda funciona e que, dias após dias, vai sendo preenchido pelos trabalhadores do ensino, ainda que individualmente, é mais um elo da corrente.

33. Miguel G. Arroyo. Op. cit. fls. 13-14- (Nota 27)

Fora do campo adversário, o tempo para os planos, leituras, tramas e sonhos. No dia-a-dia a certeza que o caminho é mais longo. No confronto, a luta é mais árdua, mais difícil. Falta uma maior união, porém esse caminho já é vislumbrado.

Enfiar a cara nessa briga... sozinho... é entregar o pescoço à força.

Essa raça é muito desunida.

Com mais uma desvantagem: ser mulher. Mulher e professora...

Temos que nos unir gente! Sozinho não dá.

As amarras do fio: a máquina não pode parar

União é a palavra de ordem, mas a receita é a solidão. É preciso dispersar os grupos, não deixá-los fazer projetos, convidá-los a ocupar as posições demarcadas no processo produtivo, enredá-los na trama escolar.

O sino toca. A hora já chegou. Nem houve tempo para se ouvir o outro companheiro, nem tampouco para colocar outras questões. Liberdade provisória. É preciso continuar o planejamento que já tem seus moldes determinados para obter a produção x de acordo com o semestre, bimestre ou mês: 2 unidades de Matemática, x redações, n treinos ortográficos, tantas unidades de Integração Social, outras tantas de Ciências e o trabalho caminha ao ritmo de uma fábrica que precisa produzir, por exemplo, tantos pares de sapatos, outras tantas peças, tudo programado. São as sílabas que precisam ser dominadas, leitura, escrita, divisão, multiplicação adição, subtração... e a sensação que se tem é que a máquina não anda.

Falta alguma coisa, como um parafuso a apertar, coisas deslocadas do lugar. Uma interrogação a cada canto. E o programa? Como passar para a frente? O que fazer? É preciso prosseguir. Na primeira seção distribui-se conhecimentos de Integração Social, Ciências... que serão "aprofundados" na segunda, terceira ou oitava seção. A distribuição desta grande série de conteúdos é automática, faltando ajustamento e montagem dos mesmos e sua integração a um contexto mais amplo. Poder-se-ia pensar nas séries primárias, secundárias e de nível superior, como linhas de montagem, agrupadas e integradas umas às outras, por transportadores (conteúdos, livro didático e professor) possibilitando a realização de processos contínuos de transformação do aluno e do próprio profissional que nessa relação modifica-se, educa-se. É comum, para melhor encaminhamento deste processo, o professor permanecer durante anos seguidos numa mesma série, transformando-se em agente "infallível" dessa função. Já não precisa dos rigores iniciais de planejamento. Sua tarefa torna-se tão mecânica e repetitiva que pode desenvolvê-las sem necessitar de grandes qualificações.

Dias após dias, o mesmo ritual novas dificuldades. Preparar o aluno na primeira seção, enviá-lo para a segunda, terceira... até que se tenha acabamento final. Acabamento no sentido de definhamento, embrutecimento. Entretanto, neste processo a matéria-prima não é facilmente modelada. Não é qualquer correia que lhe dá forma e é justamente por isso que o Estado precisa constantemente reinventar formas de administrar este trabalho, promovendo o Dia Nacional do Debate do Ensino, os congressos, promulgando suas leis e sobrecarregando a escola com pedidos frequentes de informações visando

um maior controle do cotidiano. Porém, os documentos legais com suas exigências burocráticas supérfluas, por não conseguirem abarcar o fluxo escolar cotidiano, colocam seus limites que acabam funcionando como ponto de partida para discórdias e incentivando a rivalidade entre os pares. Os documentos legais controlam, pois, a escola duas vezes: por um lado, funcionando como regulador da vida escolar e, por outro lado, não abrangendo as peculiaridades dos problemas significativos ao nível da existência diária da escola, re-constrói forças precisas que jogam uns contra os outros. Se, no primeiro momento, o Estado aparece como aquele que tenta comandar o acontecer diário, no segundo momento ele se oculta, abrindo uma armadilha nos caminhos onde precisam transitar os trabalhadores do ensino. Nesse caminhar no escuro, muitos encontros se transformam em clima de guerra onde assuntos como convocação, dobra de turnos, faltas, classificação e outros, precisam ser tratados, tendo cada caso sua especificidade. O tratamento dado a um caso, pode diferir de outro e a partir daí novas tramas se armam, na maioria das vezes dividindo os trabalhadores. Entretanto esse mesmo espaço de divisão é o espaço onde se negocia, reordena e avança o processo de construção de cada escola.

O Peso da Engrenagem

Instabilidade no trabalho, medo, desconfiança, mania de perseguição, uma injustiça ali, um ressentimento acolá, o desrespeito de uns pelos outros, fofocas, apreensão, revolta ... impossível caminhar nesse espaço minado. É hora da explosão, de jogar tudo, mostrar as cartas, abrir o jogo, partir para

a briga. Guerra declarada. É esse peso do dia-a-dia que vai envergando os trabalhadores. Aparece uma nova injustiça, uma raiva é sufocada, uma fala transformada em silêncio que uma hora explodirá. A escola fervilha de descontentamento. É preciso aparar as arestas. Não dá mais colocar panos quentes para abafar a situação. Convoca-se reunião após reunião para que as diferenças entre os pares sejam colocadas em comum e assim busca-se uma saída. Problemas vão se acumulando e a escola, muitas vezes, transforma-se num campo de luta livre. Quem será o vencedor? De que lado estará fulano? E a legislação? Como vingar do culpado? E a questão: Quem é o culpado? A escola divide-se em grupos. Todos enredados. Os cochichos, as fofocas, as opiniões, as feridas e humilhações presentes em cada rosto, em cada atitude. A economia ou excesso de palavras e comentários, têm sua dimensão. Quem é a vítima?

Pequenos problemas adquirem uma dimensão tal, envolvendo praticamente todos os funcionários da escola e expandindo comunidade afora através do fascínio do "disse me disse". Mesmo aos tropeços, novos rumos vão se definindo e as reuniões constituem o palco onde se desenrolará a cena. Nestes momentos de confronto, uns se calam, outros se posicionam, enquanto outros acham que a melhor saída é fugir.

O diretor é sempre colocado contra a parede como se fosse o maior perseguidor da categoria. É esse o clima de guerra que volta e meia invade a escola. É assim que a máquina estatal funciona, tentando fazer e refazer a vida na escola. Está aí, lubrificada, inteiramente pronta para trabalhar. Possui muitos outros recursos que coloca em movimento. Tenta de toda forma amassar a matéria humana. *Fazer produzir*

não basta. É preciso fazer vergar... A menor tentativa de levantar a cabeça é uma ameaça intolerável.³⁴

As vítimas de toda esta trama transformam-se em réus. As panelinhas montadas. Companheiros transformados em bode expiatório. Diretora vira bruxa. Alunos e pais culpados. Um olhar de desconfiança a cada canto, como se fossem aranhas. Esse entrelace vai compondo a cadência do dia-a-dia.

Deixemos falar momentos do cotidiano levados às reuniões:

Não sabia eu, o que se passava às minhas costas. Já é tempo de cada um pensar por si, não ser boi num rebanho tangido sabe-se lá por quem. Há pessoas maldosas que sabem usar uma outra para atingir uma terceira. Não porque são amigas ou gostem da outra: geralmente, porque não gostam da terceira. Quem sabe, esta terceira já lhe fez vários favores e por isso recebe o pagamento?

Eu falei assim porque começaram a me chamar de boba, que o direito era meu e que eu tinha que lutar. Disseram também que quando fosse a vez delas, elas entrariam pra dar aula de qualquer maneira, no peito e na raça.

A minha revolta não é contra a luta pelos interesses, mas contra a traição, a fofoca em que se torna casos tão simples. A escola inteira fica sabendo, o que é pior ainda, a rua também. O nome da gente é gritado na rua, fatos pessoais, mentirosos, logicamente, são citados. Isso sim é uma pouca vergonha, baixo nível que eu não posso perdoar. Parece época de

34. Robert Linhart. Op. cit., p. 102.

eleição. Sô que eu fui o candidato que não pedi voto, pois nem campanha fiz. Não conversei o caso na rua com ninguém.

Sei que minha posição em muitos momentos me torna uma figura antipatizada. O diretor tem que tomar uma série de medidas que nem sempre agradam a todos. Mas nem Cristo agradou, porque logo eu, diretora de uma pequena escola, iria agradar? Mas nunca até hoje guardei mágoa pelos problemas aqui acontecidos. E foram muitos. Foram muitas as horas de tristeza, de mágoas que eu passei. Noites de sono que perdi. Daí uns tempos, tudo esfriava e eu voltava às boas. Mesmo magoada, não prejudiquei ninguém, nem fiz injustiça... Se melhor não fiz, foi porque não saberia fazê-lo. Muitas vezes, chamada até de boba, ingênua, por muitas de vocês, porque eu continuava de cara boa... mas um dia a gente aprende. E eu vou aprender. O maior defeito meu no momento, e mais grave que muitos não entendem é este: ser diretora...

Aprendi uma coisa: aqui na escola ninguém é amigo de ninguém. A única coisa que somos é colegas de trabalho. Não é preciso ficar esperando mais das pessoas nesta empresa.

A lei é assim mesmo: fria... crua...

Mas se é assim, às favas as leis, Delegacia de Ensino... A gente precisa criar formas de começar fazer valer as nossas leis.

Essas brigas aqui dentro são positivas e a gente ainda vai brigar por muito tempo prá descobrir depois que a briga aqui em baixo não resolve nada. Temos que brigar com os lá de cima, pois são eles que fazem a coisa explodir na escola, desse jeito.

Das possíveis vítimas das tramas urdidas por um patrão que tenta, através das lições de opressão, esmagar contra a parede um povo que vai se alfabetizando nas lições de liberdade, vai surgindo a certeza de que realmente só podem contar consigo próprios, com sua solidariedade e ainda com o apoio dos alunos e da comunidade.

O trabalhador vai tentando navegar entre todas estas armadilhas, sendo muitas vezes aprisionado nelas e outras vezes buscando as saídas. Uma delas foi, após tantos conflitos, a criação, na escola, de uma Comissão para Estudo dos Problemas Escolares (CEPE), eleita com o voto de todos os trabalhadores, com o objetivo de tentar encaminhar da melhor forma possível os verdadeiros assuntos em jogo que a burocracia estatal impõe, mas não consegue e nem interessa resolver.

É prematura uma avaliação dos resultados dos trabalhos dessa comissão, entretanto ela vem se reunindo algumas vezes tentando recriar formas alternativas para percorrer este espaço. Se não é o melhor caminho, parece ser um atalho onde os trabalhadores vão tentando transitar, driblando as diretrizes oficiais.

O Aluno: Réu ou Vítima?

É outro tipo de trabalhador que precisa ser educado para executar tarefas também mecânicas. Precisa dominar como preencher espaços, fazer cruzinhas, seguir modelo ou procurar os sujeitos das orações, quando ele próprio é sujeito. Precisa acertar todos os treinos, produzir redações encomendadas sem se afastar do modelo padrão e esforçar-se ao máximo para dar conta no final de

determinado período, do domínio das unidades do programa, garantindo assim a possibilidade de permanecer na escola, no trabalho. Se seu rendimento é insatisfatório, ele é afastado, sofre as punições devidas, não recebe promoção. Sua nota é seu salário. Refaz as mesmas unidades, as mesmas cruzinhas, seguindo os mesmos modelos. Só que agora num tempo menor. Se conseguir uma quantidade X de produtividade, é promovido, vai para a seção seguinte, tem o acesso na carreira; caso contrário, permanece na mesma seção anos seguidos até entrar no ritmo da máquina ou rejeitá-la de vez.

Atrasos acumulados, tédio, fadiga, rotina, inquietação, repetitório... uma resposta: a violência contra a escola. Vidros, torneiras, carteiras e filtros quebrados, livros cortados com gilete, cadernos e livros rasgados, paredes rabiscadas, portas cortadas, copos amassados são, entre outras, as respostas comuns à violência da escola contra eles. Um retrato da escola e das expectativas do aluno em relação à educação pode ser visto analisando os itens a seguir, resultantes de respostas de questionários aplicados a todas as séries, no dia 18/09/85 quando do Dia Nacional do Debate em Educação.

. O que você gostaria de aprender na escola?

- dirigir, colocar gasolina no carro, colocar pneus, aprender música, coisas mais adiantadas, todas as matérias, desenhar, ler, escrever, fazer contas, Ciências, Comunicação, Matemática e Integração Social, costura, crochê, bater máquina, aprender falar melhor, escrever melhor, pôr acento no lugar certo para não passar vergonha com ninguém.

. Como é a escola que você quer?

- Com máquina para nós aprender datilografia, professores capacitados, merenda todos os dias, piscina, aula de natação, praça de esporte, um lugar para fazer Educação Física, escola com mais conforto, com portão aberto, lugar para aprender profissões, laboratório, escola onde o professor não adule alunos ricos, biblioteca completa, queremos mais divertimentos.

Aquilo que o aluno gostaria de aprender na escola não se aprende. O básico que deveria ser tarefa da escola também nela não acontece de forma a atender as expectativas dos alunos da classe trabalhadora (ler, escrever, fazer contas, pôr acento no lugar certo...) A escola desejada seria aquela onde se aprendesse profissões, onde não houvesse separação entre pobres e ricos e com condições materiais mínimas de funcionamento. Se a escola não pode ser o lugar onde se sistematiza um saber, os alunos a querem como espaço de lazer: mais divertimento, praça de esportes, piscina e aula de natação, para assim fugirem do cotidiano maçante.

Na condição de trabalhador coletivo, o aluno se vê impossibilitado de caminhar segundo suas habilidades e aptidões específicas e aos poucos vai se tornando um mero executor de ordens: olhem, prestem atenção, cale a boca, quietos no lugar, leiam, copiem, façam filas, silêncio... Era uma vez a paciência. Obedecer o ritmo imposto pelo conjunto dos trabalhadores de sua seção, submetido a um conjunto de normas e leis que precisa cumprir: comparecer no horário, uniformizado, obedecer, não se ausentar, cumprir uma carga horária, conseguir uma produtividade. Formas de podar-lhe os

movimentos desnecessários, a autonomia, o domínio, a vontade e até a coragem. Nada pode escapar ao controle. É preciso regular a vida, os gestos, as atitudes, o bom procedimento de todos e se intrometer nos mínimos detalhes, vindo à luz um dispositivo legal.

Disciplinar, obedecer e punir

PORTARIA Nº 87, de 01/12/62

Estabelece normas à conduta dos alunos e a ação disciplinar da escola

O Secretário de Estado da Educação, no uso das atribuições... resolve estabelecer normas à conduta dos alunos e à ação disciplinar da escola pela maneira seguinte:

Da Disciplina do Aluno na Escola

I — São deveres do aluno:

- a) comparecimento diário e à hora de começarem os trabalhos escolares, em uniforme convenientemente tratado;*
- b) observância das regras de higiene individual;*
- c) obediência às determinações do diretor e auxiliares deste e professores;*
- d) não ausentar das aulas, dos exercícios, das formas, ou do estabelecimento sem licença dos superiores;*
- e) correção de procedimento dentro e fora da escola;*
- f) tratar com urbanidade e respeito o diretor, auxiliares deste, os professores, os servidores e com amizade os condiscípulos;*
- g) zelar o prédio, os livros e os objetos escolares...*

IV — Dar-se-ã o cancelamento da matrĩcula do aluno:

a) quando, por seu comportamento, se mostrar incorrigĩvel;...

As mesmas estratĩgias adotadas para o trabalhador do ensino: instabilidade no emprego, dispensa a bem do serviço caso nã se conforme com os regulamentos estabelecidos.

Da Disciplina do Aluno Fora da Escola

V — Todo aluno de escola primãria deve respeitar a seus companheiros, ao diretor, aos professores e a todas as pessoas, de modo geral: deve abster-se de palavras grosseiras, bem como de cometer atos de brutalidade, de violĩncia ou de atentado ã moral e aos sĩmbolos da Pãtria; respeitara escrupulosamente a propriedade e a honra alheias e prestarã, na medida de suas forças, auxĩlio aos necessitados.

VI — È vetado ao aluno da escola primãria:

a) vadiar pelas ruas;

b) encontrar-se na rua, ã noite, desacompanhado depois das vinte(20) horas;

c) freqllentar cafĩs, bares, cervejarias, cinemas e outros locais de diversões, sem que esteja acompanhado de pessoa da famĩlia;

d) fumar e tomar bebidas alcoõlicas;

e) fazer parte de associações cujas atividades sejam prejudiciais ã saũde e ã moral ou incompatĩvel com os preceitos escolares;

f) atirar pedras ou outros projĩtis;

g) trazer consigo armas ou objetos perigosos, tais como tĩxicos, explosivos, etc.;

- h) danificar, por qualquer modo, o estabelecimento em que estuda;
- i) desenhar, escrever ou rabiscar as portas, paredes, muros, etc.;
- j) maltratar animais.

VIII — As punições admitidas na escola primária são as notas más em comportamento, a advertência oral e particular, feita pelo professor, e, em caso de falta grave ou reincidência, a advertência escrita, enviada aos pais:

Acrescente-se a estas a reprovação, a exclusão da escola, a repetência, afinal a negação do saber como instrumento de luta e a atribuição ao próprio aluno, da culpa por sua ignorância.

IX — São banidos da escola os castigos físicos, as posições e expressões humilhantes, as advertências públicas, as repreensões revestidas de solenidades, a privação de refeições ou de recreios, bem como os que possam impedir o aluno de assistir a uma lição...

São também banidos os sonhos ("Acorda menino! Fica sempre no mundo da lua!"), as condições materiais mínimas que garantam a existência da escola, a qualificação do professor, afinal a decência no tratamento da instrução popular. Banidos os castigos físicos que impeçam aos alunos de assistirem a uma lição na escola, porque outras portas abrir-se-ão para outras lições: as das casas de detenção, de correção, dos manicômios. Sobretudo... as portas das fábricas, todas as manhãs, tardes e noites, de onde não lhes será permitido evadir-se sob pena de morrer de fome... Lá são

obrigados a permanecer para ser explorados ou reeducados para o trabalho.³⁵

É ainda proibida a presença compulsória de alunos, a cerimônias que exijam imobilidade ao sol ou se prolonguem por mais de duas (2) horas ou ainda, que retenham menores de quatorze (14) anos além das vinte (20) horas;

Percebemos por esse caminho que a escola, como também as fábricas, são lugares impregnados do proibido, onde o permitido é ouvir, calar, ficar imóvel, de pé, obedecer, anestesiar-se progressivamente. Sempre as mesmas trocas de palavras, os gestos habituais, a espera do lanche da manhã, depois a espera da cantina, a espera... De expectativa em expectativa o dia acaba passando. O verdadeiro perigo começa quando se suporta o choque inicial. O entorpecimento. Esquecer até mesmo a razão da própria presença na fábrica. Satisfazer-se com o milagre de sobreviver-se. Habituar-se... A tentação...³⁶

O Regimento Escolar, mesmo que "atualizado", reza praticamente todas estas condutas desejáveis do aluno. Um olhar, uma fala indireta, um aviso ou recado, um questionário para se responder, são muitas vezes colocados como forma de melhor delimitar os espaços dos alunos e chamá-los a sua condição. Nessa relação eles resistem, protestam lançando mão das respostas ao seu alcance. Criticam escola e professores, reclamam seus direitos, fazem humor com as situações

35. Miguel G. Arroyo. Op. cit. p. 22 (ver nota 18)

36. Robert Linhart. Op. cit., p. 43

maçantes, , são muitas vezes solidários com os companheiros, fazem suas reivindicações e acabam por encontrar formas de esfacelar esse controle.

A Cabeça levantada

Algumas falas abaixo são fragmentos do discurso dos alunos, colhidos nos questionários citados anteriormente, outras colhidas em conversas e convivência com os próprios alunos.

Queremos que abram o portão na hora do recreio. Não somos boi e nem porco. Esse negócio de Dona professora, não dá.

Acabem com essas matérias de Prática Comercial e Educação Artística porque essas matérias não têm grande importância em nossa vida.

Precisa ser mudada as aulas cansativas na segunda-feira (Dia Internacional da Preguiça)

Queremos professores capacitados, biblioteca completa, mais merenda, escola organizada, banheiros limpos...

Professor precisa parar de tirar férias.

Professor tem que fazer greve mesmo. Coitado! Trabalha de manhã no grupo da roça e de noite ainda tem que trabalhar aqui na Educação Integrada.

Por favor, atendam nossos pedidos, pois estamos necessitados. Não vamos dar 50,00 à Caixa Escolar. Fizemos as contas... multiplicando pelo tanto de aluno do colégio vai

dar atē prā diretora comprar um telefone e dā para professora X comprar muitos vestidos.

Os protestos, fundados ou não, são às vezes acompanhados de lições de moral ou lições de disciplina, outras vezes tenta-se esclarecer as situações, explicitar as condições de trabalho do professor, as condições materiais da escola, a falta de verbas, o porquê da contribuição de 50,00 no início de cada ano letivo entre outros. Porém, se ameaçados (notas baixas, reprovação, divisão entre pobres e ricos, repetência, sermões dentro de sala...) sabem muito bem por onde se defender. Uma estratégia muito usada é o tradicional "eu também vou sair da aula" ou "amanhã eu não venho, quero ver..." Os alunos conhecem bem a preocupação de muitos professores com o fechamento de classes, devido ao número reduzido de alunos e também vivenciam as campanhas de caça ao aluno e a preocupação com a baixa frequência. Ameaçados, ameaçam e tentam levar o dia na "corda bamba". Passeiam pelos corredores e pelas ruas em horário de aula, chegam fora de hora na escola e inventam muito bem suas desculpas. Algumas vezes usam de uma sinceridade acabada para desarmar os professores, outras vezes vestem-se da imagem fabricada da criança para conquistar seus direitos. Eles conhecem bem os meios e armas de enfrentar a batalha. As interpretações ambíguas, paradoxais, contraditórias que coexistem no mesmo sujeito, criando a aparência de incoerência, na verdade exprimem um processo de conhecimento, a criação de uma cultura ou de um saber a partir da ambiguidade que não estão na consciência dessa população, mas na realidade em

que vivem.³⁷

Percorrendo um pouco mais esse espaço dividido descobrimos outros trabalhadores participando do processo de continuidade do trabalho escolar, porém destacados dos demais por se ocuparem das tarefas mais secundárias com relação à produção, como tarefas de limpeza.

Serventes ou Serviçais

O salário de servente dá até vergonha na gente.

São aquelas trabalhadoras que, na escala hierárquica se ocupam das tarefas mais pesadas: varrendo, lavando paredes, vidraças, corredores, instalações sanitárias, preparando a sopa e a merenda e ainda colaborando nas festas e solenidades promovidas pela escola.

Serviço pesado, horário esticado e salário míngua.

São também vigias do relógio. Sinal de entrada, recreio, saída, tempo necessário para se preparar a merenda, distribuí-la de sala em sala, lavar os talheres, controlar o fogão, hora de varrer, limpar e ainda serviço acumulado para o dia seguinte.

Os vencimentos, vantagens e incentivos dos profissionais que ocupam o cargo de serventes, vêm reafirmar mais uma vez a divisão estabelecida na sociedade entre trabalho

37. Marilena Chauí. "Conformismo e resistência". In: CHAUI, Marilena. *Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil*. Brasiliense. São Paulo, 1986, pp.121-179.

manual e trabalho intelectual. O trabalho manual é menosprezado e a ele são empurradas as camadas "inferiores". Para o cargo, a habilitação exigida é mínima. E sob o manto das "poucas letras" e de ser trabalho manual, prolonga-se a jornada de trabalho, a aposentadoria somente com trinta anos de serviço, o quinquênio de somente 5% do salário mingüado.

Tinha servente lã (na DRE) que quase não podia tomar posse, pois demoraram quase uma hora para assinar o nome. Acho que prova, elas nem fizeram. Sõ passaram mesmo porque tinha tempo de serviço. Também a prova, sõ cego num fazia. Era sõ cruzinha.

As expectativas em relação à carreira não são muitas. O caráter pesado do trabalho é justificado pela falta de estudo e a esperança de subir de nível é esmagada pelo tratamento específico e diferenciado que recebem do Estado.

Que negócio é esse que a gente não sobe de nível? Tem dez anos que sou isso aqui. Não é ambição não mas a outra conseguiu... coisa de político... Delegacia de Ensino... diretor... e eu? Ah, mas fulana tã dando pulos de raiva! Agora resolveu falar. Nõs ganhamos muito pouco!

Um dia atē chorei aqui. Parece que esse povo desconfia da gente. É tudo sob chave. Vê lã tem um tempão que eu trabalho aqui!..

Fica difícil atē sair daqui com a lavagem (restos de merenda deixados pelos alunos e reutilizada como alimentação de porcos). Se o povo vê, pensa que a gente tã levando coisa do grupo prá casa.

Uê, a gente vai poder falar? Aí vai ser bom: Aqui eles consideram a gente lá em baixo... pequenininho...

Trabalhador braçal, salário inferior, posição inferior na hierarquia da escola, escolaridade ao nível do curso primário, não desfrutando do "status" dos trabalhadores intelectuais... é aquele que tem mais clara a visão da posição que ocupa: pequenininho, espremidinho, lá no cantinho... quase não tinha lugar pra serventes.

Força de trabalho barata, vendida e explorada. Trabalhador manual. Não navega nas ondas da ambigüidade ainda vivida pelos outros trabalhadores do ensino que, ao mesmo tempo que experimentam a depauperação, usufruem de um certo prestígio social.

O trabalho das serventes é distribuído por turnos, nos 2 prédios onde funciona a escola, ficando cada dupla encarregada por um turno. No total são dez serventes. As mais antigas no serviço (5) exercem, de uma certa forma, influência sobre as demais e, dentre elas, duas assumem a liderança das tarefas, levando a tiracolo a outra componente da dupla. As duplas são revezadas todos os anos. Neste pequeno grupo reina um ar de rivalidade entre as lideranças e muito sutilmente algumas reclamações de trabalhos deixados por fazer ou trabalho mal feito, são colocadas. Há, às vezes, algumas críticas, queixas e reclamações quanto ao trabalho das outras. Isto, porém, fica no interior do mesmo grupo e pouquíssimas vezes extrapola o campo da cozinha ou dos corredores. As serventes falam pouco e os momentos de maior descontração se dão no próprio grupo. A maioria pisa com cautela no "terreno alheio"

(diretoria, sala de aula, biblioteca) e, quando juntas em reuniões com todos os funcionários da escola, procuram ficar perto de outras companheiras, de preferência ocupando os últimos lugares no canto da sala de reuniões. Elas se apoiam, umas às outras, e se sentem como peixe fora d'água quando separadas. Entretanto, quando resolvem falar, sabem bem onde "aperta o sapato".

Espero que no futuro bem próximo, nos devolva o respeito que nos foi tirado, principalmente em se tratando de negociações com o governo.

A disciplina neste colégio não funcionou um só minuto. Para começar, tivemos três diretoras em um só mês. A qual das três devemos acatar ordem?

Na escola não somos valorizadas como devíamos e isto talvez seja pela desorganização em que a escola está.

Espero que alguém olhe por nós, valorizando-nos, dando melhores vencimentos, melhor condição de trabalho, aposentadoria com 25 anos de serviço., etc.

Participam das manifestações e discussões das greves e vão para a rua com faixas e cartazes fazendo suas reivindicações. O que servente está ganhando, tã até envergonhando.

Dividir, não igualar, mas diferenciar para confrontar os trabalhadores entre si: esta foi sempre a lógica da fábrica, transposta para o sistema de produção e de distribuição do saber e do poder na escola. Este drama, portanto, não é exclusivo dos trabalhadores do ensino mas é um contínuo que abrange os profissionais liberais, trabalhadores

intelectuais que operam na esfera dos serviços, afinal todos os trabalhadores. Essa divisão leva cada um à perda da dimensão da totalidade do seu trabalho e acaba por conferir àqueles que estão situados nos níveis superiores hierárquicos, a ilusão do poder e do decidir. Criam-se conflitos entre os pares e a escola pública transforma-se num palco de hostilidades e rivalidades. O terreno fica minado. Esta desunião ao invés de fortalecer politicamente a categoria, a debilita. Dentro deste enfoque não basta simplesmente ocupar espaço neste terreno minado, mas abrir novos espaços onde a instrução do povo seja possível.

Os limites de espaços colocados aos trabalhadores abrangem outras fronteiras; outros mecanismos são colocados em movimento.

Dilapidação e imobilização da força de trabalho

Quando prolongas desmesuradamente o dia de trabalho, podes num dia gastar, de minha força de trabalho, uma quantidade maior do que a que posso recuperar em três dias. O que ganhas em trabalho perco em substância... Exijo, por isso, uma jornada de trabalho de duração normal e sem fazer apelo a teu coração, pois quando se trata de dinheiro não há lugar para a bondade. (Karl Marx)

Mulher, mãe, esposa, estudante, doméstica, trabalhadora do ensino, afinal mulher trabalhadora transformada em assalariada e vivenciando no dia-a-dia alterações no seu tempo, horário e ritmo de trabalho. Embora tenham sido junto com as crianças, os primeiros braços fabris no período inicial

da industrialização no Brasil, enfrentaram e ainda hoje enfrentam a limitação de seu espaço de trabalho e se vêem muitas vezes dispendendo uma boa parte de seu tempo em tarefas exclusivamente domésticas, campo essencialmente feminino e onde produzem forças de trabalho para o processo de produção.

Força de trabalho utilizada e explorada como qualquer outra, porém experimentando as relações de trabalho de forma diferente da masculina, por seu sexo subjugado, salários mais baixos e mais baixas posições na hierarquia profissional. Servir, subservir, renunciar, abnegar, doar...são os primeiros verbos que as mulheres-trabalhadoras do ensino deveriam aprender a conjugar para se ter um casamento feliz com o Estado. Porém, com estes verbos coexistem outros que se entrecruzam no cotidiano destas trabalhadoras e que são por elas apropriados e confrontados com as prescrições estatais e a partir desse confronto a construção da escola vai adquirindo vida própria.

Pode até ser muito bonito falar na educação como essa coisa de amor... mas vai prá sala de aula! Aí você vê que a coisa é preta. Tem muita coisa boa. A gente passa até umas horas divertidas, mas tem ca-da su-fo-co... Vontade de largar tudo e sumir.

A gente até que tem vontade de fazer umas coisas bem fei-tinhas, sei lá... trabalhar melhor, mas essa pobreza... E tem mais! 'cê se arreventa e no final das contas parece que não deu conta de nada. Repete tudo de novo... cansa.

O acompanhamento contínuo do relógio, aflição para chegar a hora da merenda e assim passar mais quinze minutos e logo em seguida o recreio. A impressão que o velho relógio da sala da diretoria parou ou está atrasado. Crianças gritando ao mesmo tempo, andando sala afora. Professor esgotado. Vem o choro. Não suportou.

Noites de sono perdido e o tradicional "desmaiar de cansaço." Mais outro dia e o trabalhador tão cansado quanto no dia anterior. Cansado da regência não existe outro posto a ocupar. Pegou... tem que levar. Contrato é contrato. Três dias de falta no mês, se contratado, é dispensado a bem do serviço. O escape: a licença para se tratar de qualquer interesse, menos do interesse do Estado. Não conseguindo recuperar-se no dia-a-dia do desgaste ocasionado pelo trabalho inevitavelmente não se leva para casa a fadiga crescente do serviço, como também leva para o trabalho uma coisa tão íntima e doméstica como o sono. Ele tem clareza da interpenetração da esfera doméstica com a esfera do trabalho, em benefício da segunda e prejuízo da primeira.³⁸

Lã em casa nós já combinamos... problemas de grupo, vamos deixar no grupo. Imagina se todos levarem pra casa os problemas! Somos quatro que trabalhamos! Aí que se esgota mesmo! Todo mundo se envolve.

Prã gente não tem sábado nem domingo. Sempre tem um na porta pedindo informações, pedindo transferência, contagem de tempo, avisando que vai faltar e é preciso sair

38. José Sérgio Leite Lopes. *O vapor do diabo: o trabalho dos operários do açúcar*. 2 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978. p. 79.

atrás da professora eventual... tanta coisa invade o tempo de descanso da gente...

O tempo do trabalho doméstico passa a ser reestruturado em função do trabalho na escola, porém ainda existe a acumulação de cargos. Grande parte dos professores trabalha em dois turnos. O magistério não é "bico", é emprego mesmo, condição essencial para a sobrevivência da maioria daquelas que nele trabalha. O outro trabalho para complementar o salário é a dobra de turnos. O profissional vira uma máquina de dar aulas. Acordar 6h30 da manhã, começar o trabalho às 7 horas, permanecer na escola até 11 horas, com o espaço de 1 hora para almoço. Recomeçar às 12 horas e sair às 16 horas. Biscateiam mais algumas aulas no 2º Grau municipal durante o período da noite. Reuniões, planos de aula, promoções para a Caixa Escolar.

Como há excesso de aulas e carência de tempo para prepará-las, o livro didático, o manual do ofício ou guia do mestre, proporciona todas as facilidades possíveis: respostas das questões, sugestões, técnicas, jogos didáticos para se obter melhores resultados, além de testes de sondagens, gravuras, incentivação, etc. Todas as atividades a serem desenvolvidas, executadas no livro, obedecem a um ritmo uniforme da primeira à última página: texto (leitura), estudo das idéias, discussão em grupos, estudo do vocabulário, estudo da composição, redação, trabalho oral, trabalho escrito e automatização gramatical. Não há como escapar. Observe, complete, numere, marque, leia, copie, faça, responda, ordene, separe, pontue, pinte... ordena o engenho sofisticado. Apertar, segurar, limar, soldar, juntar, deslizar, martelar,

não pensar, TRABALHAR. É a máquina a todo vapor trabalhando com diversas ferramentas e deixando ao homem a simples tarefa de vigiá-la. Economizar tempo, mecanizar, inovar, obter mais produção dos trabalhadores, deixar uma grande maioria disponível, subempregados, ociosos, são, entre outros, mecanismos não inventados, pensados e planejados de uma hora para outra mas mecanismos que fazem parte do movimento do capital onde se insere no processo de desqualificação dos trabalhadores.

Acumulação de cargos é uma desvantagem, na minha opinião. A gente se arreventa de trabalhar por uma miséria de salário... Que pagassem um salário melhor, um salário justo que fizesse pelo menos um pouco de frente a tanta exploração do sr. Estado.

Tudo que espero dessa carreira é que nos usasse menos.

Mistura-se a todo este desgaste o prolongamento da jornada de trabalho para além do ponto onde ela poderia ter parado, as precaríssimas condições materiais da escola. Para se ter a possibilidade de fazer o mínimo, os professores e a comunidade se vêm levados a carregar a escola às costas. Todo o tempo tem que ser consumido, assim como também se consome os trabalhadores. Existe uma "tabela de faltas" — nova invenção do Estado — para se descontar e medir em horas e minutos, os atrasos do trabalhador, porém nenhuma tabela onde possam ser computadas as horas de trabalho gratuito. E, assim, o trabalhador do ensino vai às ruas. Campanhas de mais livros para a Biblioteca, material para o aluno carente,

roupas usadas, fundos para a Caixa Escolar. Este trabalho se desdobra em outros. Participa de campeonatos de futebol (casadas X solteiras), peças teatrais, casamento do Jeca, promoções de festas juninas. Entre outras mostras da polivalência destes artistas, tem-se de vez em quando um "show de calouros" onde se canta, dança ou faz dublagem. Trabalhos rotineiros da vida de um professor, anos após anos. Impedir o trabalhador de pensar, desviá-lo de sua função, é garantir a continuidade do processo educativo tal qual ele vem se dando.

O bazar é uma outra modalidade de trabalho que invade os finais de semana de muitos professores. O primeiro passo é sair de casa em casa pedindo roupas, sapatos usados, e outras quinquilharias. Depois resta fazer uns reparos nas peças (remendar, passar, costurar...), colocar preços módicos e partir para a praça, como camelô. O bazar funciona à porta da igreja, geralmente aos domingos, e dá mais lucro quando coincide com os dias de missa na cidade. Além de roupas e outras bugigangas, vende-se pipoca, "chup-chup" (Q-suco preparado e colocado em saquinhos plásticos próprios, e depois congelado) e tudo que implique em mais alguns cruzados para a Caixa Escolar.

Alguma esperança ainda existe, porém aquela na qual se coloca mais ênfase é a aposentadoria. Na maioria das vezes há uma desilusão amarga quanto ao trabalho, conforme se pode observar nos discursos abaixo, quando indagados sobre o que se espera da carreira.

*Aposentadoria. Satisfação o sistema consumiu.
Que ela seja mais respeitada, mais valorizada.*

Realização das reivindicações prometidas.

Autonomia, melhoria salarial.

Não tenho esperança. Não acredito em mais nada.

Se cada um não se valorizar e fizer a sua parte e também as coisas não mudarem lá em cima, não precisa esperar nada.

Nada. A não ser um cumprimento de um aluno ou outro, na rua.

Nada. Quero me libertar desta.

Maior união da classe, reconhecimento do trabalho de cada um por parte de todos, algo que nos levante.

Todo o emaranhado de leis que regula o trabalho do profissional do ensino, se por um lado abre algumas perspectivas aos trabalhadores, por outro, barra-lhes o caminho, enveredando-os em trilhas às vezes difícil de percorrer. É essa teia de relações fabricadas pela legislação, que será analisada no capítulo que se segue.

CAPÍTULO III

O PATRÃO SEM AS VESTES DO SUPER-HOMEM

O Estado, mesmo quando tentou, não conseguiu construir uma identidade societária, isto é, não eliminou os conflitos quando os normatizou em leis, não conseguiu açambarcar todo espaço social disponível porque não é, nem nunca será, o único sujeito da História. (Rosa Maria Fischer.)

Aproximar-se da existência cotidiana da escola, implica em não reduzi-la ao âmbito do relacionamento interpessoal nem aprisioná-la nas teias das prescrições estatais, mas percebê-la como uma história em permanente construção onde os trabalhadores do ensino e o Estado, na correlação de forças, vão redimensionando os campos de atuação e assegurando a continuidade e a própria existência da escola. Redirecionar os modos de pensar as relações de trabalho, significa deixar emergir as práticas e saberes que as classes em relação reconstroem no cotidiano. É este espaço social e político a arena onde se confrontam valores sociais contraditórios e onde as formas de relações predominantes, as prioridades administrativas e as condições de trabalho

vão tomando forma e tecendo a rede onde a educação se realiza.

Embora o Estado desenvolva formas e forças precisas dentro da escola, na organização e administração do trabalho escolar, fixar-se nestas questões é captar o fluxo escolar de modo empobrecido, é perder de vista o trabalhador enquanto tal e o próprio movimento de transformação de suas práticas políticas. Para dar conta das relações de trabalho, de fato, da dinâmica do dia-a-dia, cheia de vaivéns, a legislação do Estado é insuficiente. O político não é exclusividade do seu âmbito e de seus gestores. Outras experiências comuns vividas nas pequenas e constantes lutas diárias é um espaço que tem vez própria. Os trabalhadores bem conhecem suas posições no jogo das forças sociais e que não se dá somente no campo do adversário, no local de trabalho, mas penetra outras situações concretas como a vida em família, a moradia, a saúde, a religião, as organizações sociais e sindicais que expressam a real heterogeneidade do conteúdo político das relações sociais.

O curso da História Social do Trabalho no Brasil também é fruto da invenção cotidiana dos trabalhadores das mais diferentes categorias profissionais dos campos e cidades. O quebra-quebra de máquinas, os descontentamentos dos colonos imigrantes, o "abaixo ao coronelismo" do messianismo e cangaço, as greves dos peões do ABC paulista, greve de bancários, professores e atuações diversas de outras categorias têm feito desfilar aos nossos olhos as estratégias políticas dos trabalhadores para dominarem as lições de li-

berdade. Considerar os fracassos (se é possível assim nomear as lutas empreendidas, que não foram totalmente eficazes) como algo negativo, é anular os ensinamentos que deles ficaram. Encarar as derrotas como causa resolvida, dando saldo maior ao vencedor, é dividir a história em vencedores e vencidos, é superestimar o adversário, esquecendo-se que, se as contradições da luta de classes fossem facilmente resolvidas, o capital se privaria delas se estivesse unicamente em suas mãos os meios para fazê-lo. *A classe operária de hoje já atingiu aquela idade madura do homem que para não errar, prefere, por vezes, não agir.*¹

Para alargar a compreensão do modo como se dão as relações de trabalho faz-se necessário passar pela análise de alguns itens significativos da copiosa legislação utilizada para administrar e organizar o trabalho escolar. Tal procedimento não significa reduzir as relações de trabalho à dimensão jurídico-legal, mas ressaltar o peso desta na dinâmica das ações, projetos, modo de ser e conviver dos trabalhadores do ensino. Sabemos que esse "discurso competente" do Estado é insuficiente para explicar como se constitui esta relação e que as práticas invisíveis desse povo anônimo chegam a dar forma à vida escolar, através das reivindicações, exigências, limitações ou modificações das propostas educacionais criadas pelo Estado.

1. Mário Tronti. *Operários e capital*. Afrontamento, Porto, 1976, p. 25.

Para melhor articular estas formas de relação uma pista que se coloca é desdobrar esse emaranhado de fios fabricados para normatizar as relações de trabalho. Mesmo que aparentemente inócua, essa teia legal enovela o homem e cada modificação nos fios dos regulamentos, pareceres e portarias, arma um novo jogo onde os trabalhadores precisam descobrir as regras. Como um Super-homem, de que não se tem clara a idéia de como seja, aparece e se oculta na escola de modo imprevisto, ora sob as vestes da SEE ou DRE e mesmo na figura do diretor, abrindo uma rede de caminhos burocráticos onde professores, pais e alunos precisam transitar para poderem assegurar a continuidade da escola. Vejamos o tecer o fio.

Estatuto do Magistério^{*} : a Regulamentação da Carreira

O discurso que se segue deixa perceber claramente as "boas intenções" dos iluminados de espírito que recebem a honrosa missão de elaborar tão importante documento para uma classe até então esquecida no processo de desenvolvimento econômico e social da nação. Praza a Deus que sirva como desejam sinceramente seus elaboradores, ao aprimoramento constante do Magistério Mineiro, à valorização social de seus nobres integrantes e, através da formação de

* Também a esse respeito ver Maria Eliana Novais. Professora primária, mestra ou tia, S. Paulo, Cortez, 1986, esp. p.34-44.

condições melhores do exercício de seu sagrado mister à promoção do desenvolvimento econômico e social de Minas Gerais e do Brasil... aspiração constante dos Professores e Especialistas de Educação que no solo dos Inconfidentes se dedicam à árdua e cada vez mais necessária tarefa de ensinar.²

Vejamos os pressupostos sociais colocados em relevo na elaboração do anteprojeto do Estatuto de 1973, de acordo com os debates realizados pelos integrantes do GRUPO.

Muitas e diversificadas são as acepções para o termo Estatuto... Para não remontarmos à Alta Antiguidade — onde o pedagogo era apenas um válido categorizado no seio da família, quando não um escravo — fixaremos a referência cronológica de nossa remissão na Revolução Francesa³.

Percebemos por esse caminho que os nobres integrantes do magistério não foram sempre nobres. Na alta antiguidade o pedagogo era "apenas um válido categorizado no seio da família, quando não um escravo". Por que tornou-se nobre? Que outra categoria de trabalhadores se encaixa em tão sagrada causa? Seriam os trabalhadores do ensino uma espécie diferente?

2. GRUPO Especial para Elaboração do Estatuto do Magistério de 1º e 2º graus. *O Estatuto do Magistério: informações* (Suplemento da Revista *Amæ Educando*, (46), s/d). Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais. Belo Horizonte, p.47.

3. loc. cit.

Uma caminhada pelos montes e vales da história da configuração do sistema educacional estatal ou privado, leva-nos de encontro às bases da organização do trabalho escolar e às formas de como se foi tentando constituir o profissional do ensino.

A constituição da estrutura e organização dos processos de trabalho educativo têm suas origens no final do Império e primeiras décadas da República. Documentos desse período fornecem ricos elementos para se entender como foi sendo redefinido através das reformas, leis e decretos, os traços do sistema de ensino juntamente com o seu profissional e como hoje novas tonalidades vão sendo acrescentadas neste quadro.

E prossegue o discurso, tentando melhor explicitar a necessidade da regulamentação da carreira do magistério.

A Revolução Francesa aboliu, como é amplamente sabido, as corporações de ofício. Com isso, pretendeu implantar a liberdade indiscriminada de trabalho, somente condicionada à livre escolha de cada interessado. As românticas concepções dos revolucionários de 1789 se mostraram incoadunáveis com as ebulientes realidades sociais. Tanto que, em fins do século passado, o liberalismo profissional, se assim podemos chamá-lo, havia gerado aberrações sem conta. O charlatão havia se substituído, em ponderável proporção, ao técnico e ao homem efetivamente preparado para os vários misteres. Livros inúmeros

nos dão notícias a respeito... até engraxates de rua, nos Estados Unidos, sem qualquer estudo prévio, se lançavam às escolas livres de medicina, onde obtinham o título e passavam a clinicar isentos de controle...⁴

Essa liberdade indiscriminada de trabalho, condicionada à livre escolha de cada interessado, era exercida por mestres que aprenderam a arte de ensinar, ensinando, e que eram escolhidos, reconhecidos e pagos pelos pais e comunidade. Esses trabalhadores serviram até o momento em que o Estado resolve invadir este espaço com o discurso da "obrigação de promover o ensino gratuito", façanha até hoje não realizada. Mais que isso, além de aproveitar-se da infraestrutura já existente, tentou preservar os "pendores vocacionais" e atributos morais dos mestres da arte de ensinar e aos poucos desfaz os laços entre escola-mestre-pais-comunidade pois altera as relações de trabalho. Transforma-se em dono de um sistema desfigurado que vai desqualificando seus profissionais. É essa herança da escola deixada aos filhos do povo.

As "aberrações sem conta" também passam por aí. Começa-se a exigir a titulação como se mestres qualificados operassem o milagre da instrução numa escola sem as mínimas condições materiais. E continua o relato do GRUPO: *A reação contra essa tendência suicida, cuja continuação teria le-*

4. loc. cit.

vado o mundo à involução — pois a concorrência entre os profissionais não mais se assentaria na titulação e na competência cientificamente comprovada e, sim, na afoiteza e no espírito de aventura — teria de surgir. Como não mais se poderia regressar ao clima superado das corporações, algo de novo se ideou. Isto foi a regulamentação das profissões. A lei passou a disciplinar a formação e o exercício profissional que fazia através da edição de um Estatuto.⁵

Independente do nome que recebeu — estatuto, código do ensino primário ou regulamento — o trabalho pedagógico foi sendo redefinido em novos moldes, embora continue até hoje na indefinição. Basta para isso buscar a infinita legislação que tenta regulamentá-lo.

A arte de ensinar passa então a ser emprego; cabe ao Estado nomear, transferir, dispensar funcionários, ditar o que deve ou não ser ensinado, afinal, gerenciar a escola, estatuir regras para a investidura no direito de exercer a profissão e assim disciplinar o exercício.

Ainda, segundo o documento utilizado, o Conselho Federal de Educação e os Conselhos Estaduais de Educação vieram a constituir as primeiras reações contra a falta de profissionalização no labor educacional... A Lei Federal nº 4881-A/65... e a Lei nº 5692, de 11 de agosto de 1971... alargaram o campo de regulamentação da profissão.⁶

5. loc. cit

6. loc. cit.

Bem antes, há quase um século atrás, esse importante ramo do serviço público já era controlado nos mínimos detalhes. O que se faz hoje é colocar remendos novos em panos velhos. Em 1871, é criada a Inspeção Geral da Instrução pública, composta de um inspetor geral, um secretário, um oficial-maior, quatro oficiais, um porteiro e um contínuo, encarregados da direção e fiscalização da instrução pública primária e secundária da Província, sendo da competência do inspetor geral e inspetores dos círculos literários, presidirem os exames de capacidade dos candidatos ao magistério e nomear os respectivos examinadores. Esse ritual outrora simples foi se tornando cada vez mais complexo.

A Lei nº 41 de agosto/1892, dá nova organização à instrução pública do Estado de Minas e não descuida do menor detalhe da direção, administração e inspeção do ensino em todos os níveis.

Um decreto de 1895* aprova as instruções que regulam o concurso para o provimento de cadeiras de instrução primária e apresenta um programa de exames para os candidatos sem nada a desejar. Um original das cópias do edital de concurso que temos hoje.

O Decreto nº 1960 de dezembro/1906 aprova o regulamento da instrução primária e normal do Estado. Com seus 268 artigos cuida do controle não só da vida profissional mas da totalidade do trabalhador. Mesmo que estas alterações

* Decreto nº 814 de mar/1895.

tenham se dado apenas a nível formal, estes mecanismos existiam e podiam ser acionados a qualquer momento.

Não é pois de se estranhar que depois de tentativas sucessivas para disciplinar a formação e o exercício profissional, viessem à luz novos frutos da espécie como o MEC, CFE, CEE, SEE, DRE e seus descendentes: Lei 4881-A/65, Lei 5.692/71 e milhares de outros, procurando cada dia atingir o "aperfeiçoamento" do campo educativo.

Referindo-se às Leis 4.8881-A/65 e 5.692/71, vai o GRUPO finalizando os pressupostos sociais considerados na elaboração do Estatuto de 1973.

... É preciso convir que ambas essas leis não atingiram a plenitude regulamentadora contida nos diplomas que disciplinaram outras profissões. Ainda aqui, talvez a classe do Magistério esteja se situando em posição excepcional, inerente à própria natureza das tarefas que desempenha... A missão do Magistério, mesmo se reconhecendo um substrato técnico-pedagógico comum, assume feição nitidamente diferenciadora. A Lei nº 5.692, citada, compreendeu perfeitamente esse problema... reconheceu que, pelo menos por ora, não está o Brasil em condições de possuir um só Estatuto do Magistério. Mandou, em consequência, que esse Estatuto... seja organizado em cada sistema estadual de ensino, atendendo às peculiaridades de cada sistema... Evitou que um só estilo de tratamento facilmente adotável, por exemplo,

em São Paulo — com toda a plenitude de sua pujança econômica — asfixiasse os orçamentos dos Estados menos dotados... Talvez que o futuro indique, pela relativa nivelção das condições sócio-econômicas do chamado "arquipélago econômico" que é o Brasil, possibilidades de tratamento estatutário mais uniforme. A realidade de nossos dias, porém parece desaconselhá-lo francamente...⁷

Daí, conclui-se que o trabalho do professor, antes um artesão, um mestre do ofício de ensinar, que dominava o processo de seu trabalho, precisava ser disciplinado na sua formação e no exercício da profissão. Era preciso regular a afoiteza e o espírito de aventura desses charlatães e substituí-los pela titulação e competência cientificamente comprovada. O Estatuto poderia satisfazer estes objetivos e ele veio com todas as regras para a investidura do direito de exercer a profissão e disciplinar o exercício. "Cada macaco no seu galho." Era preciso repensar as formas de regulamentar esse campo que parecia possuir uma lógica diferente. Como disciplinar, administrar e organizar o trabalho educativo era, de fato, o objetivo. Teoricamente o que parece ser a preocupação central é o atendimento às peculiaridades e possibilidades de cada Estado, região ou comunidade, entretanto o pano de fundo dessas questões passa muito mais pela forma sutil em que é dividida a categoria. Em cada terra

7. loc. cit.

uma lei. Para cada forma de exploração um tratamento legal específico. Divididos e hierarquizados no próprio Estatuto através das classes, níveis e graus, necessário seria esmiuçar esta divisão por Estados. Outra questão que aparece é a coibição do deslocamento do docente para outros Estados. O tempo de serviço em um Estado não é válido em outro, só é contado para efeito de aposentadoria. Isso implica em começar a vida profissional da estaca zero. Sem tempo, sem direitos e à espera de um concurso. E, parodiando Camões, como fez uma professora: "Mais serviria se não fosse, para tão longa peregrinação, tão curto o salário".

O termo Estatuto, conforme o relato do grupo, engloba muitas e diversificadas acepções, portanto em se tratando de serviço público, ele possui sentido eminentemente jurídico-administrativo. Regula o relacionamento do funcionário público "*stricto sensu*", com a entidade de direito público a que presta serviços.⁸ Está claro que este funcionário não é trabalhador mas prestador de serviços, não recebe salário mas remuneração ou vencimento. O sentido pedagógico, sociológico e econômico do Estatuto dilui-se no jurídico-administrativo.

8. loc. cit.

O Regime Funcional

O que se foi fazendo no Estado através de seus gestores, com o intuito de disciplinar a formação e o exercício profissional dos trabalhadores do ensino, é de inestimável valor para alargar a compreensão de como se tenta controlar o processo educacional nos seus diferentes aspectos, através do ingresso no Quadro do Magistério, do concurso, da nomeação, progressão horizontal, etc.

O ingresso no magistério aparece como uma porta aberta a todos os interessados, entretanto transpor os seus umbrais e manter-se na casa é tarefa que exige uma boa dose de predisposição para a luta, misturada com persistência e paciência. A Lei nº 869 de 5 de julho de 1952* em seu título I, capítulo I, reza no Art. 10 "que os cargos públicos são acessíveis a todos os brasileiros, observados os requisitos que a lei estabelecer", e por esse caminho já estão excluídos muitos, pois faz-se necessário preencher certos requisitos e entre eles está o concurso como exigência, na maioria dos casos.

Revisitando a história da organização do trabalho pedagógico poderemos encontrar elementos que apontem as primeiras reações de normatização do sistema de instrução pública. A lei citada anteriormente (Lei nº 869/1952) é fruto de uma tendência histórica, cujas raízes abrangem as primeiras décadas da República, onde a maioria dos profes-

* Estatuto dos funcionários públicos civis do Estado de Minas Gerais. p. 5-20.

sores não era titulada mas possuía uma espécie de titulação conferida socialmente pelos pais e comunidade. A criação de cadeiras de instrução pública e nomeação dependia de um requerimento da comunidade, juizes de paz, de direito e outras autoridades, atestando as qualidades do candidato e depois vieram predominando os critérios políticos.

Para a comunidade o professor era competente mas para o Estado era tratado como um leigo. Os rumos seguidos pelo sistema de instrução onde o mestre passou a ser inserido como trabalhador vão ditando o tipo de profissional que dele é esperado ou que lhe é permitido ser.⁹ Constrói-se a imagem do professor zeloso e cuidadoso que dê conta de resolver os problemas que o Estado não interessa resolver. Nessa cadeia de descompromisso, o professor segura a escola para não perder o emprego, o povo ajuda para não perder a escola e o Estado vai se intrometendo nos mínimos detalhes de controle da pouca instrução que poderia existir e acontecer.

Se desordem existia na instrução pública, o problema era devido à desqualificação do mestre, sua ignorância. Culpa-se o trabalhador pela sua incompetência. E encontramos ainda hoje, bastante presente, esta idéia de que o ensino anda mal por causa dos maus elementos encros-

9. Miguel G. Arroyo. *Mestre, Educador, trabalhador: organização do trabalho e profissionalização*. Belo Horizonte, FAE/UFMG, 1985. p. 64.

tados na máquina pública. O relatório do Dia "D", elaborado na escola em 1986, apresenta entre outros, os problemas tidos como mais graves no ensino:

- . Admissão de professores e especialistas desqualificados para a função,
- . Desinteresse de pais e alunos,
- . Prioridades concedidas a apadrinhados,
- . Falhas na legislação e excesso de legislação,
- . Exigências supérfluas da Lei nº 5692/71.

Entre as propostas encaminhadas às autoridades competentes, figuram:

- . Elaboração de outra lei de ensino,
- . Maior severidade para o ingresso no magistério: testes vocacionais, seleção por concurso, novas opções empregatícias,
- . Ausência de interferência política nos cargos de liderança,
- . Cursos de atualização com dispensa de serviço, etc.

É tudo isto que o Estado vem tentando frisar, como se através de leis e mais leis ou de bons profissionais o sistema de ensino pudesse ser melhor.

Contra a força do mal

Os educadores mineiros da segunda década da República não insistem tanto na desqualificação do trabalha-

dor; percebem que a desordem era fruto de desorganização do trabalho; restava portanto moralizar o trabalho, impor penalidades, controlar o tempo, ritmo de trabalho, disciplina e o saber do trabalhador. Era preciso criar formas de controlar e diminuir os gastos com a educação. De cadeiras isoladas da instrução primária, passa-se às Escolas Reunidas, Institutos Coletivos e Grupos Escolares, vindo junto a divisão do trabalho. Professor mais mercantilizado e indefeso, dividido em categorias.¹⁰

Fala-se nesse início de século em acesso na carreira e por aí também vem a tabela de salários já hierarquizada. Neste intuito de colocar a casa em ordem, faz-se necessário integrar mais uma vez o profissional ao sistema. O concurso torna-se portanto um rito burocrático. É o Estado que marca as datas e que outorga quem tem direito a ser admitido até na inscrição. Não é qualquer um, nem o melhor, mas aquele tipo de trabalhador que melhor se integre à nova organização do trabalho. O concurso faz parte de um ritual onde deve ser amarrado o trabalhador indefeso. Depois do namoro com o professor zeloso e cuidadoso, era hora de prometer um casamento aos trabalhadores. E como toda união tem suas cláusulas, era normal o regime de direitos, deveres, proibições e penalidades. Paraíso conquistado. Exploração legalizada. Aspirações manipuladas, esperanças acumuladas: acesso na carreira.

10. Sobre esta análise, cf supra; Miguel G. Arroyo.

O professor poderia sonhar com sua escalada profissional aliada a uma tabela de salário também sedutora. É o que de certa forma temos hoje, porém as coisas foram se tornando mais complexas.

Escalado este degrau, pode-se transitar em outros cômodos da casa através da nomeação, promoção, transferência, reintegração, readmissão, reversão e aproveitamento. Quem não consegue a aprovação no concurso entra na casa como visitante. Pode ficar um mês, dois ou até alguns anos, mas na iminência de ser despejado a qualquer instante.

Se o concurso garantia de certa forma a estabilidade, ficava porém sujeito ao estágio probatório que compreendia o período de 2 anos de efetivo exercício do funcionário nomeado em virtude do concurso, procurando apurar neste estágio, a idoneidade moral, assiduidade, disciplina e eficiência do trabalhador. Para isto existia um Boletim de Merecimento onde o sujeito deveria ser decomposto e recomposto, em fichas, às escondidas. Ninguém via, ninguém sabia, restava portanto esperar um parecer favorável ou não à sua permanência. Se não fosse comprovada sua eficiência, poderia passar por um segundo estágio; caso persistisse sua ineficiência, seria exonerado. Mais uma chance para se regenerar, tornar-se dócil, seguir o figurino.

Se permanece no sistema, sua marca é registrada e o trabalhador vira um número, o MASP. O professor agora é *funcionário de um mundo dominado pelo Estado e pelas empresas. É uma entidade gerenciada, administrada segundo sua excelência profissional, excelência esta que é sempre*

julgada a partir dos interesses do sistema. Recebe um salário, tem CIC, RG e outros números, adquire direitos, soma quinquênios, escreve relatórios, assina lista de presença e quantifica os estudantes.¹¹ A pessoa foi diluída e transforma-se em P1A, P2A, P5A, S5A, etc. A partir daí a carreira é apresentada como promissora. Poderá ser promovido por merecimento ou antigüidade de classe. Fica claro que essa promoção por merecimento abre os espaços para os conchavos políticos, porém, conforme a legislação, ela será apurada segundo dados objetivos definidos em regulamento "e não serão considerados, em hipótese alguma, os pedidos de promoção feitos pelo funcionário ou por alguém a seu rogo." (cap. III. art. 43).

A Lei nº 2.610 de 8 de janeiro de 1962, que contém o código de Ensino Primário, já esmiúça mais as exigências para se ter direito de prestar o concurso e investir no cargo de professor primário (cap. V, Secção I - Dos concursos). É apresentada uma lista completa, sem nada a desejar, quanto às condições de saúde que deverão ser verificadas na inspeção médica. Serão considerados inaptos para o exercício, definitiva ou temporariamente os candidatos acometidos de alguma das moléstias ou anomalias abaixo especificadas: (p. 172-3)

I - estado geral: desenvolvimento físico insufi-

11. Rubem Alves. "O preparo do educador". In: BRANDÃO, Carlos R (org.). *O Educador: vida e morte*. 7 ed., Rio de Janeiro, Graal, 1986, p. 19.

ciente; deformidade evidente do esqueleto; falta de membro, anquilose de uma articulação importante; claudicação notável;

II - *sistema orgânico: doenças crônicas do coração e dos vasos com perturbações de compensação; doenças crônicas dos órgãos respiratórios, principalmente a tuberculose pulmonar; doenças crônicas dos órgãos da digestão, exigindo regime e precauções especiais, ou podendo ocasionar complicações graves; doenças crônicas do aparelho gênito-urinário, exigindo tratamento especial e precauções higiênicas; doenças do sistema nervoso central; paralisias importantes; crises graves de histeria; epilepsia, doenças mentais; alcoolismo; vícios entorpecentes.*

III - *doenças gerais e constitucionais: reumatismo com deformidade; anemias graves; tuberculose sob todas as suas formas, sífilis com manifestações contagiantes; bôcio colúmoso e bôcio exoftômico; hērnias volumosas;*

IV - *afecções do ouvido, nariz e garganta: surdez essencial ou sintomática dos dois ouvidos, supuração crônica do ouvido; ozena, laringite crônica, com diminuição do poder vocal; tumores no nariz, de faringe, das cordas vocais, vícios de articulação da palavra;*

V - *afecções dos olhos: acuidade visual - se o*

valor funcional dos olhos é pouco mais ou menos igual, a acuidade visual de cada olho, separadamente examinado, não deverá ser inferior a 0,5; depois de corrigidos os vícios de refração se um dos olhos tem acuidade visual inferior a 0,5 ou não enxerga, o outro deverá ter uma visão corrigida de, ao menos 0,7; nos casos que exijam o emprego de uma lente corretiva, o poder desta não deve ser superior a oito dioptrias; tumores (à exceção dos pequenos tumores benignos); afecções crônicas do aparelho lacrimal, do íris, do corpo ciliar, da coróide, da retina e do nervo ótico; glaucoma; catarata, estrabismo com diplopia;

- VI - afecções da boca e dos dentes: tumores dos maxilares, lábios leporinos; cáries numerosas; bocas desdentadas, desprovidas de aparelhos de prótese;
- VII - afecções da pele: de grandes dimensões ou repulsivas ou exigindo tratamentos especiais; prolongados e frequentes;
- VIII - moléstias contagiosas: todas as moléstias contagiosas; conforme o caso, apenas durante o período de contágio.

Coisas de dar inveja ao velho Hipócrates. O código do Ensino Primário é uma verdadeira Bíblia Escolar, coisas de serviço de espionagem, agentes secretos e toda uma para-

fernália que cuidava dos detalhes da vida da escola. Ainda hoje encontramos nas legislações vigentes menções a alguns dos seus trezentos e trinta e oito artigos, com incisos, parágrafos e alíneas. Fazia-se preciso controlar a "afoiteza e o espírito de aventura de cada interessado para se evitar a tendência suicida de profissionais que tentavam trabalhar sem títulos e isentos de controle".

Pelos poderes da lei

Não só a saúde e a titulação eram controladas mas até a vida íntima, afinal a totalidade da pessoa. O Regulamento nº 60 de 1871, já citado anteriormente, estabelece que compete ao inspetor geral *instituir sempre que julgar conveniente... um exame sobre o comportamento dos respectivos professores, ou diretores, fazendo disto circunstanciada exposição ao presidente da província, e propondo as medidas necessárias.* A Lei nº 41 de agosto/1892 também realça as atribuições dos inspetores ambulantes:

- . *visitar as escolas públicas e particulares de sua circunscrição, o maior número de vezes que lhes for possível, examinando... suas condições de moralidade e hygiene... Nestas visitas examinarão... o procedimento dos professores, a maneira pela qual desempenham as funções de seus cargos, sua assiduidade ao trabalho, si observam o regulamento, o regimento interno e o programa de ensino e si tratam seus alunos com amor paternal.*

O Decreto nº 814 de março/1895, no artigo que trata dos requisitos exigidos na inscrição para as cadeiras de instrução primária, diz o seguinte: *As senhoras são dispensadas de apresentar folha corrida; porém, às casadas, separadas judicialmente de seus maridos, cumpre provar que lhes não é desonroso o motivo da separação.* Entre o controle da vida total do trabalhador, inclusive das roupas que deveria usar (comprimento ou ângulo do decote), controlava-se também os uniformes dos alunos, que deveria obedecer aos modelos propostos. Todo elo que vise amarrar o trabalhador do ensino é fazê-lo indefeso, é construído e a normatização vai se tornando mais complexa.

A exigência do estágio probatório vai acompanhando o professor vida afora.

A Lei nº 6.277 de 27 de dezembro de 1973, que contém o Estatuto do Magistério do Ensino de 1º e 2º graus do Estado de Minas Gerais, ainda reza o estágio probatório; só que vai apertando o cerco sem explicitar a possibilidade de um segundo estágio. O professor ou especialista da educação que não satisfizer os requisitos será exonerado. Pode entretanto progredir na carreira se vencer os obstáculos. Um verdadeiro exercício físico: corridas para o concurso, apresentação dos títulos já obtidos, experiência na prova, tempo de treinamento, saltos, boas condições de saúde, boa conduta, entre outros. Percorrida todas as etapas, o trabalhador do ensino poderá passar de um para outro grau (A, B, C, D, E), dentro da mesma classe (progressão horizontal), mas... nova peregrinação. Precisa possuir alguma qualifi-

cação em cursos e estágios de formação, aperfeiçoamento e especialização. Porém só valem cursos reconhecidos pelo órgão próprio do Sistema Estadual de Ensino. A prática não conta. Ela só é considerada se aliada a cursos. Se o trabalhador preencher estes requisitos, poderá concorrer à progressão horizontal desde que tenha no grau, 2 anos de efetivo exercício. Os contratados continuarão servindo até que sejam aprovados em concurso. E nesses anos de espera lá se vai boa parte da vida. Esperar... esperar...

Tem também o acesso ou progressão vertical que é a promoção do professor de um nível para outro superior, porém dependentes de habilitação específica. Para este, faz-se outra vez necessário o interstício mínimo de dois anos de efetivo exercício no cargo. É interessante ressaltar que uma grande maioria de trabalhadores, atuando no magistério e contando tempo de serviço muitas vezes superior ao estabelecido em lei, ficava privado da estabilidade pois a lei estipulava que só seriam efetivados aqueles que tivessem trabalhando num período determinado. Muitas vezes era realmente este o período no qual o funcionário encontrava-se desempregado. Continuava a servir outros tantos anos, aprendendo a conviver com a instabilidade.

Novas leis, Novo Estatuto do Pessoal do Magistério público do Estado de Minas Gerais¹² que vigora até o momento, parcialmente regulamentado, segundo o discurso de

12. Lei 7.109 de 13 de outubro de 1977. In: Informativo Mai de Ensino, (87), mar, 1983.

nossos governantes, por falta de disponibilidade orçamentária. A realidade é que os atuais responsáveis pela condução da área educacional não desenvolvem esforços no sentido de dar ao problema solução efetiva, porque não querem, não se preocupam e nem têm interesse na educação da classe trabalhadora e portanto negam respostas às questões colocadas pelos trabalhadores do ensino nas lutas que têm empreendido a favor da educação do povo, por melhores condições de trabalho, melhores salários, estabilidade, etc.

No atual Estatuto reestrutura-se o quadro do magistério e os professores, antes (Lei nº 6.277 de 24/dez/73-1º Estatuto) agrupados em quatro classes, são agora repartidos em oito classes. O importante não é propriamente o número de classes mas o seu significado frente ao interesse do Estado, de melhor conservar suas manobras tanto no plano da organização do trabalho quanto no da escala de salários. De fato, trabalhadores de igual qualificação realizando tarefas comparáveis, são repartidos em duas ou três classes diferentes. Por outro lado a relação entre a classe que lhes é atribuída e o salário que recebem é totalmente aleatória... Os critérios de classificação são tão diferentes que, no final, o trabalhador é classificado em função do salário que se quer oferecer e não o inverso... A escala de classificação e salário é função da política de pessoal de cada empresa... Uma nova política das classificações deve portanto ligar intimamente a luta contra as disparidades de salário e a luta por uma organização de trabalho diferente, primeiro passo para o controle social dos operários sobre

o processo de produção.¹³

Esta temática do preparo do educador, da estrutura do quadro do magistério e acesso à carreira já estava presente nos discursos da velha República, portanto o que hoje temos é uma roupagem nova nas velhas formas, já consagradas na história, de institucionalizar a desigualdade entre os trabalhadores do ensino e a tentativa de dividir para vencer. Por esse caminho percebemos a distância existente entre os discursos e promessas de construção da carreira expressa na legislação e aquilo que se verifica na prática. Essa reestruturação da carreira se apresenta como motivação ao professor, apontando a progressão funcional e financeira como um atrativo para permanência no trabalho. O sistema de acesso (progressão horizontal e vertical) aparece como um estímulo à melhor qualificação do ocupante do cargo de magistério, condição "sine qua non" para o acesso. A velha estória: o ensino anda mal porque os professores são desqualificados. Oculta-se portanto a organização do trabalho na escola como responsável pela desqualificação do trabalhador no trabalho.

O sobe-e-desce

Em meio a tanto esmiuçamento da questão do acesso na carreira, a progressão vertical acaba anulando a progressão

13. Antônio Letieri. "A fábrica e a escola". In: GORZ, André (org.). *Crítica da divisão do trabalho*. Martins Fontes, 1980, pp. 196-201.

horizontal. Para se ter direito à progressão vertical, além do curso de graduação, de mestre ou doutor, o interessado precisa ter três anos de efetivo exercício na classe de seu cargo (art. 45, incisos I a III da Lei 7.109 de 1977) e para a progressão horizontal, precisa de quatro anos de efetivo exercício no mesmo grau. Se, por exemplo, um P3A tem direito a progressão vertical, ele passa a P4A. Só poderá ser P4B após quatro anos de efetivo exercício, entretanto com três anos como P4A ele é promovido a P5A e por esse caminho a progressão horizontal nunca acontece. Considerando-se algumas exceções, o professor pode passar ao grau B, C ou D, por exemplo, mas se mudar de nível (2, 3, 4...), volta ao grau anterior e recomeça de novo. É uma corrida sem glórias. É o sobe-e-desce do elevador de serviços. E os trabalhadores vão tentando se mover neste espaço burocrático.

Meu primeiro contrato foi em 65. Formatura em 68, primeiro concurso em 69, posse e efetização em 72. Em 78 troquei o P1A por R3A de 5a. à 8a. Agora vou tentar outro concurso para ver se consigo sair do caos onde me meti em 78.

Veja bem meu azar. Efetivei em 85 e em 86 já completava 15 anos de serviço. A gente entra em cada fria! Sou P1 até hoje, porque na época daquela lei de passar para P2 eu ainda não era efetiva. Quando veio o concurso em 80, eu não efetivei porque em 79 tinha trabalhado com Religião e Educação Artística, como não tinha vaga nessa área, fiquei pra trás

de novo. Em nenhuma lei eu consegui enquadrar e tanto que não mudei de nível.

Atrás da conquista de um lugar mais tranqüilo, de um aumento de salário, os trabalhadores vão adentrando espaços para garantir pontos e tempo para o concurso e às vezes encontram-se em becos sem saída. Outras vezes não conseguem se enquadrar na lei. Perdem os concursos, direitos e boa parte da vida.

Fulana fica querendo dar passos maiores que a perna. Olha só o tanto de troca que ela fez esse ano: começou como professora de... depois achou melhor e passou prá outra... vai só mudando... A situação complicou; agora quer largar e ficar com a outra matéria que está sem professor. Vai acabar e perdendo tudo e ainda fica com o tempo todo picado para enfrentar concurso... um pouquinho de cada coisa.

Esse curso que tô fazendo agora, não é prá ter conhecimento, não. Esse é prá diploma. E por menos que a gente aprenda, sempre é um pouquinho a mais. Também acho que aprender a enfrentar esse jogo é mais importante que qualquer lição de escola. Eu sempre quis aprender esta matéria porque gostava. E aprendi. Fiz o curso bonitinho, direitinho. Agora, prá acesso, vai de qualquer jeito. Não compensa morrer em cima de curso, ônibus... A gente vai aprendendo... O negócio é que curso não faz sentido

nenhum. Isso é mais uma ilusão que a gente tem.

Nós formamos na mesma época, só que eu efetivei em 79 como Regente (R3A). Já era habilitada mas não tinha o diploma registrado e ela efetivou direto como Professor (P3A) em 81. Fiquei trabalhando quase dois anos como R3A e sendo que já tinha o curso e ainda consegui registrar o diploma. Só que foi preciso esperar publicar uma resolução para regularizar minha situação e com isso trabalhei um ano e meio como Regente, sendo que já era habilitada. A diferença que eu tinha direito de receber, veio a partir de julho de 80 até 81 quando passei para P3A. O resto pra trás (de 79 até julho/80) o Estado ficou com ele.

Esse negócio de progressão não faz sentido. Qualquer coisa vale. Acho que o melhor ainda é fazer graduação nessas escolas onde você vai uma vez por mês e pegar seu diploma. Imagina: deixar a família jogada, perder noites de sono, ficar sem tempo pra respirar e receber essa miséria de aumento quando passa de um nível pro outro! O negócio é fazer o jogo do Estado e armar o nosso. Ir formar nessas escolinhas e pronto! O que conta não é o canudo? A gente também tem que ir aprendendo a aproveitar essas coisas. Já que ele (o Estado) num tá nem aí pra nós, nós também num tamos nem aí pra ele. Se ficar sem estudar, cê vai ser isso a vida inteira;

fazer um curso que te toma o tempo inteiro, não tem condição, não dá, não vale o sacrifício. Então vai esses outros mesmo. Acho até uma forma de vingança. É um dinheirinho a mais que ele tem que desembolsar, com essa pão-duragem toda. Mais despesa pra ele!

No primeiro Estatuto (Lei 6.277/73) o tempo exigido para a progressão horizontal e vertical era de dois anos de efetivo exercício. Elas aconteceriam juntas. Com o segundo Estatuto, alterou-se a escalada. Descuido dos legisladores? Somente no final de carreira, quando não houver mais níveis a escalar, é que se faz possível pensar na progressão horizontal. Contando-se o interstício de 3 anos de efetivo exercício para a progressão vertical, para se chegar ao nível 8, um professor teria que trabalhar, após a efetivação, nada menos que 21 anos^{*}, é claro, que se portador das habilitações exigidas, e o especialista, 15 anos. Nessa caminhada, já às vésperas da aposentadoria a progressão horizontal cai por terra, pois "o professor ou especialista de educação, com 25 anos de efetivo exercício de magistério, será automaticamente promovido do grau final da classe a que pertence."

* Na realidade seriam 24 anos, porém no cap. III, Art. 39, parágrafo único, abre-se uma exceção: "Respeitados os demais requisitos instituídos neste capítulo, os integrantes da classe P2, portadores de habilitação a nível de 2º grau, acumulada com licenciatura de curta duração, terão acesso direto à classe P4."

Outras pedras no caminho

Aparece a chamada avaliação de desempenho como requisito para se ter direito à progressão horizontal. As promoções, pelas quais o trabalhador deverá passar para ser bem avaliado, abrangem as fases espinhosas da carreira: ter sido regente de turma de 1a. a 4a. série no ensino de 1º grau, ter trabalhado em locais inóspitos, publicado livros ou trabalhos de interesse da educação e cultura, entre outros. Isto nos traz de volta as estórias infantis do pobre mancebo que desejava casar com a princesa. Precisava contar as estrelas do céu, os peixes do mar ou encontrar uma agulha no palheiro. Só assim ser-lhe-ia dada a mão da donzela.

O estágio probatório ainda vigora, só que dos requisitos básicos não mais se prega a idoneidade moral, porém a assiduidade, pontualidade, disciplina e eficiência do trabalhador, permanecem. Ainda bem que... *analisando como no cotidiano tem-se dado o cumprimento desses aspectos... há de se constatar, usando um dito popular, que "nã prãtica a teoria ē outra."*¹⁴

14. Maria Eliana Novais. *Professora primária: mestra ou tia*. São Paulo, Cortez, 1986. p. 38.

O que se pode apreender de tudo isto, através da história, é como se foi tentando constituir o sistema de ensino e o seu profissional e sua ligação atávica com a atual organização do trabalho escolar. Tudo bem controlado burocraticamente. Os discursos que ouvimos hoje trazem a tonalidade dos pronunciamentos de há um século atrás. Os concursos, se por um lado era um ritual do Estado, um instrumento de controle da força de trabalho, era também bandeira de luta dos trabalhadores e ainda parte da organização do trabalho que trazia junto a si a falsa imagem de carreira que se pretendia construir. Essa ética da progressão na carreira como um atrativo, uma motivação para a permanência no trabalho, vem como forma de ocultar uma relação mais mercantilizada através da exploração salarial e do lucro que advém dela. Um mesmo trabalhador é cindido em P3A e PA3, SP6A e P4A, SP4A e P2A, P2A e R3A e quantas combinações que se fizerem necessárias. O trabalhador vivencia durante anos esse sobe-e-desce. Funciona também como forma de expulsar os maus elementos. Se não foi aprovado é por falta de competência. Tem-se a impressão de meritocracia; o prêmio ao talentoso. Se a escola continua ruim, o problema não é do Estado e sim dos profissionais. O ritual foi cumprido, os professores é que são descompromissados com a causa e a ela não se dedicam.

Ao mesmo tempo que alguns trabalhadores são amarrados a estas novas relações de trabalho, outros vão ficando soltos, porém vendo acenar sempre a bandeirinha de concurso à frente. Os contratados funcionam como reservas

daqueles que porventura não se adequarem à lógica do sistema, como mão-de-obra disponível e barata e ainda como mecanismo de rebaixar o salário dos efetivos. É o trabalhador colocado em disponibilidade para ser usado quando se fizer necessário, como quebra-galho. É a peça facilmente manipulada nesse jogo, sem nenhum direito, totalmente livre. Nessa relação vai sendo constituído e se constituindo à duras penas.

Um outro aspecto é o alargamento dessa divisão que vai se expandindo a cada nova lei que venha tratar dos quadros de escola (quadro do magistério, quadro permanente, quadro complementar e suplementar). Em qualquer um deles vai se tentando decompor ao máximo as funções, deixando o trabalhador numa situação de instabilidade, como é o caso dos efetivos-excedentes e aqueles reenquadrados no quadro permanente, sujeitos à remoção ou transferência, caso diminua o número de vagas na escola, devido ao fechamento de classes.

Nesse espaço apertado, onde se esbarra na burocracia por todos os lados, fala-se em movimentação de pessoal. Vejamos o que funciona neste compartimento.

Movimentação de Pessoal

Nesta parte será acompanhada a circulação da força de trabalho, já apoiada num concurso ou na efetivação por tempo de serviço, nas dependências da terra do patrão. Através da montagem de um jogo, como um tabuleiro de damas, os

trabalhadores transformam-se em peças, cada um sujeito a um certo trânsito, dependendo de sua vontade, mas sendo esta aliada ao assentimento das autoridades competentes do sistema. O trabalhador do ensino entra neste jogo enfrentando a remoção, a lotação, a adjunção, a Autorização Especial, a readaptação e, após vagar tanto, tem como saída, a aposentadoria. A primeira vista estes processos se apresentam como algo que vêm beneficiar a vida do trabalhador do ensino, mas, de movimentação de pessoal, tem apenas o nome, pois transforma-se em aprisionamento de muitos no seu desdobrar-se. Movimentar neste contexto significa caminhar bem lentamente, ao ritmo da burocratização. O corre-corre é só atrás de ofícios, certidões de contagem de tempo, fichas de situação funcional, idas à DRE, filas... e depois aguardar a solicitação de novos documentos. Após o trabalhador ser radiografado por completo, tanto física quanto funcionalmente, novas caminhadas. Agora atrás dos políticos, para a agilização do processo.

Tô no maior sufoco. Com 3 cargos, mas aguardando a adjunção em um deles. O prefeito tá mexendo, vou ver se sai o mais depressa possível.

Tem quase um ano que estou esperando minha dispensa. Se eu pedir para sair, perco as vantagens que adquiri. Agora tem é que esperar eles me dispensar do cargo, aí eu apostilo, fico com meus dois outros cargos e vou ganhar bem mais. Já estou cansada e sabe o que mais? O deputado disse que falta a delegacia enviar um papel. E olha que a gente

vai lá sempre e só nestas alturas do campeonato é que diz que tá faltando um papel! Sempre a mesma coisa: semana que vem, sai. Vai lá, e o mesmo: semana que vem. É prá perder a paciência. Agora o remédio é aguardar, fazer o quê? Mas vou tirar licença.

Para uns, a remoção* só poderá ser feita, respeitada a lotação de cada repartição, para outros lota-se, superlota-se, respeitada apenas a boa vontade dos políticos. Não existe, no último caso, ordem de prioridade e, muito menos, data para protocolar os pedidos nos órgãos regionais de ensino.

Em 1981 enfrentei o concurso para garantir o emprego no Estado. Não passei. Permaneci rodando as escolas da zona rural até que consegui passar em outro concurso. Como não fui bem classificada enfrentei a zona rural novamente, até que consegui uma vaga na sede... Não suportava mais os morros da estrada e os boatos venenosos de que na zona rural ninguém trabalha. Pedi minha remoção para a sede e esta não tardou.

Atrás desse pedido aconteceram mais outros na mesma época e, dependendo do grau de insistência ou dos laços políticos do funcionário interessado, as lotações foram

* A determinação de deslocamento do funcionário de uma para outra localidade.

acontecendo quase que simultaneamente e deixando a escola com professores excedentes.

Qualquer entrada de pedido de remoção ou qualquer outro expediente deste nível, na delegacia de ensino, é acompanhada do aviso prévio: *Vê se arruma um político forte, se não demora demais prá sair. E não descuida não, procura saber sempre, telefonar e perguntar como vai o andamento dos papéis.*

Havendo ou não vagas, tem que se lançar mão desse expediente. É por esse caminho que se dá o encontro com os políticos, a cobrança dos votos.

Tem um coitadinho de um deputado (nem nunca vi falar o nome dele) que anda num namoro sério comigo. Devo ter umas dez cartas dele. Tã cuidando seriamente de minha carreira. Mandou recorte do 2º quinquênio, licença; férias-prêmio... Se até as eleições ele não se esquecer de mim ou eu dele, faço uma cruzinha prá ele na cédula. Amor com voto se paga.

Restam, para conquistar, inúmeros outros caminhos neste espaço burocrático.

Para *adjunção*^{*} se dada por iniciativa do sistema, para aproveitamento da força de trabalho como lhe convier,

* Incumbência de exercer atribuições junto à escola ou outros órgãos e entidades de ensino ou educação, não integrantes do sistema.

não aparecem problemas, se a pedido do funcionário seguem-se os mesmos passos percorridos na remoção.

Outra forma utilizada para movimentar e ao mesmo tempo imobilizar o pessoal é a *Autorização Especial** que dá ao professor ou especialista neste regime o direito de receber os vencimentos e usufruir das vantagens do cargo. Além de "n" documentos que precisa apresentar para a liberação do ato, o interessado assina um termo de compromisso com o Estado, de pagar em trabalho o tempo que ficou afastado de suas funções ou devolver aos cofres públicos, de uma única vez, o que recebeu durante o período, caso não queira reassumir o cargo. O que recebeu parcelado, com todos os atrasos, precisa ser reposto numa parcela única. Perde a lotação na escola, ficando apenas lotado no município e correndo o risco de ser enviado para as escolas de difícil acesso. Por este caminho, regula-se inclusive a vida afetiva do funcionário, posto que se casado e por algum motivo

* Concedida nos seguintes casos:

I - integrar comissão especial ou grupo de trabalho, estudo e pesquisa.

II- participar de congresso ou reunião científica

III-participar como docente ou discente, de curso de especialização, extensão, aperfeiçoamento ou atualização.

IV - freqüentar curso de habilitação para atender a programação de iniciativa do sistema

V - freqüentar curso de pós-graduação relacionado com o exercício do cargo.

(Lei nº 7, 109 de 13/10/77. Cap. V. art. 90 a 92).

o cônjuge for exercer atividade profissional em outro Estado, resta abandonar o Estado abrindo mão dos direitos adquiridos ou abandonar o marido.

Esse canto da sereia também não é novo. Já na segunda década da República, os professores públicos já providos em cadeiras, que forem admitidos nas escolas normais, receberão durante o tempo dos seus estudos, a importância de seus respectivos ordenados¹⁵. O casamento com o patrão é um casamento conflituoso e, nesta infeliz união, as mulheres trabalhadoras vão à luta, desbravando caminhos, sem se chegar ao divórcio.

A readaptação* é um processo especial. O funcionário pode ter a iniciativa de pedi-la mas ela é feita no interesse do sistema que estudará a melhor forma de aproveitar funcionalmente o ocupante do cargo, em virtude de alteração de seu estado de saúde. Poder-se-á tentar ajustar o funcionário numa outra tarefa antes de aposentá-lo, observando seus pendores vocacionais ou se verificado que o desajustamento funcional decorre do exercício de atribuições de nível intelectual menos elevado. Nestes casos a readaptação poderá ser feita para cargo de padrão de vencimento superior ao daquele que ocupar o funcionário, desde que mediante rigorosa verificação da capacidade intelectual do rea-

15. Miguel G. Arroyo. op. cit. p. 148

* É o ajustamento do funcionário ao exercício de atribuições mais compatíveis com seu estado de saúde.

daptando (sic.). Considerando-se a monotonia e repetição do trabalho cotidiano, uma grande maioria de trabalhadores do ensino precisaria ser readaptada, só que para este fim seria necessário que se alterasse a atual organização do trabalho; caso contrário seria submeter-se ao mesmo embrutecimento e esgotamento cotidianos. Readaptar significa re-expedir os doentes à linha de montagem. Uma aspirina, uma injeção de ânimo e recomeça-se novamente. Algumas licenças, a mesma monotonia e o tempo passando. Pálido, esgotado, cansado e o limite da tolerância.

O que me resta é só a aposentadoria. Estou afastada da regência desde 77. A gente perde algumas coisas, mas ainda é melhor que ficar com classe. Deus me livre e guarde, isso eu não aguento mais! Santo Deus (põe as mãos na cabeça) não tenho mais paciência! A gente vai ficando por aqui, fazendo essas coisas: mexer com documentos de alunos, organizar as pastas, copiar algumas coisas que os professores pedem, rodar exercícios no mimeógrafo e o tempo vai passando.

Agora é aposentadoria. Após 25 anos de serviço ou quando verificada a invalidez do trabalhador, resta liberá-lo. Os adicionais por tempo de serviço, os abonos de família* (concedidos ao filho menor de 21 anos, filho inválido

* 20,00 para cada filho(?)

ou mentalmente incapaz, filha solteira e filho estudante em qualquer idade que frequentar curso e que não exerça profissão lucrativa) serão incorporados aos vencimentos. Quando aposentado em função de chefia, terá uma gratificação especial. Tudo isto nos faz lembrar a vida miserável dos escravos, trabalhando de sol a sol vigiados pelo feitor e sujeitos às mais revoltantes brutalidades. Quando fisicamente debilitado, era morto ou alforriado para morrer de fome. Hoje, a alforria é rima de aposentadoria. Aposentar significa apitar o término do jogo, tirar do banco dos titulares aqueles que não têm mais condições de correr para fazer jogada produtiva. É tirar do campo aqueles que não produzem nada, apenas contam os dias que os separam da liberdade*. *O arrastar de pés, o rosto cortado de rugas, a boca caída e amarga... um corpo magro flutuando num macacão*¹⁶ são imagens trazidas por Linhart quando coloca a situação de um velho operário de fábrica que tinha como única ocupação importante contar os dias para a aposentadoria. *Imagem fugidia: um velho pássaro que sempre viveu na gaiola. Um dia acaba sendo libertado. Acredita lançar-se impetuosamente para a liberdade. Mas não sabe mais o que fazer. Tudo é tão novo, tão diferente! Suas asas atrofiadas não sabem mais voar. Ele cai como uma massa e morre em silêncio, bem em frente à porta da gaiola final-*

* É comum também tirar de campo aqueles que não têm a simpatia dos chefes políticos, dos patrões, aqueles que não entraram na rede da troca de favores, do apadrinhamento, como também saem os grevistas, os "cabeças" da lista negra, entre outros, porém este é um outro capítulo da mesma história.

16. Robert, Linhart. *Greve na fábrica*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980, pp. 99.

mente aberta. O corpo de Albert tinha sido programado para sessenta e cinco anos de vida, por todos aqueles que o tinham utilizado. Trinta e três anos na engrenagem Citroen: o mesmo acordar à mesma hora toda manhã, salvo nas épocas — sempre as mesmas — de férias. Nunca doente, nunca "de licença" dizia ele. Mas um pouco mais usado cada dia. E o espanto de chegar ao fim da corrida: o silêncio do despertador que não tocará nunca mais, a vertigem dessa eterna ociosidade... era demais.¹⁷

No interior dessa perspectiva é interessante realçar que essa forma de gerir o trabalho escolar traz no seu bojo formas sutis de impedir a organização da categoria, e sua politização. Com essas medidas burocráticas vai impedindo a identificação de interesses comuns de classe, vai também separando os trabalhadores, agora não só por níveis e graus, titulados ou não titulados, mas pela forma de tratamento dado aos direitos coletivos, transformados em individuais. Na escola cada um é um caso, cada um preocupado com seu problema, com suas amarras.

Explica pra mim esse negócio do seu acesso. Se você já é P5, porque eu não consegui ainda? contou seu tempo certinho??? Ah, sua situação é diferente! Deixa eu ver seu contra-cheque! No meu não veio aquele código 007. Você tem recebido sempre com ele?

17. cf. Supra, p. 100.

Não dá prá conferir, a gente nunca sabe como isto funciona!

Por que uns tão recebendo o biênio que foi publicado na mesma data do meu e o meu ainda não veio? Será que tem alguma coisa errada comigo?

Vou falar com a inspetora. Se eu não podia dobrar turno, porque a outra pode? Tã com a situação igual a minha!

Esse quadro permanente vai me deixar doida! Não sei se passo, se fico onde estou... Prã fulana até que vai ser bom porque... mas tenho que estudar minha situação... Sei não...?

Serã que seu caso foi porque você se encaixou naquela lei que... Você sabe qual é mesmo o ano que saiu essa lei? Vou dar uma olhada, quem sabe eu também enquadro nela!

Tem essa lei sim gente, eu tenho certeza! Pode informar... senão vocês vão ficar marcando bobeira.

Aquela lei de efetivação de 80, não deu prá mim. Tinha tempo de sobra e olha que tinha gente espremendo prá conseguir o tempo que precisava... Era 2 anos, nê? Pois eu tinha 9... e olha no que deu! Sou P1 até hoje.

É essa a realidade expressa na legislação e também a realidade do cotidiano da escola. Um exame da ficha funcional do trabalhador vai apontando os retalhos que vão com-

pondo os degraus da carreira. Alguns estampados e floreados assemelham-se a outros, porém o coletivo se perde em meio ao individual. *Estatui-se um direito desigual para sujeitos substantivamente desiguais.*¹⁸

O álbum de recortes da escola, que contém toda publicação oficial relativa aos funcionários, tem realmente o nome apropriado: álbum de recortes. Vida recortada nas minúcias, marcada pela duplicidade cidadão/indivíduo, às vezes lembrado com cartinha de um deputado enviando mais um recorte: aprovação de exercício, nomeação, designação, afastamento de regência, licença, acesso, lotação, auxílio-doença, férias prêmio, quinquênio, reclassificação, acúmulo de cargos, biênio, opção de vencimento... velhas idéias em novas embalagens. Bordados de mil fios, desfiar de outros, emendas, alinhavos, nós, pontos diversos e o fato: o avesso interpretado e emoldurado por aqueles que no cotidiano vão engendrando vias de sobrevivência, entendendo os absurdos, fazendo as lições intermediárias... costurando.

O Regime Disciplinar

A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos "dóceis". A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e

18. Luiz Werneck Viana. *Liberalismo e Sindicato no Brasil*. Paz e terra, Rio de Janeiro, 1978, p. 20.

diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência) (Michel Foucault.)

Fixar atribuições, deveres, proibições e ação disciplinar para os trabalhadores do ensino, é campo de atuação onde o Estado não mediu esforços.

Para a direção e fiscalização da instrução pública não faltaram sementes e outras espécies endêmicas que proliferaram história afora, atingindo de forma peculiar os trabalhadores do ensino. Dependendo das condições do clima (sócio-econômico e político) estas espécies foram adquirindo novas tonalidades, através de cruzamento, aperfeiçoamento das raças e continua hoje sendo testadas pelos órgãos competentes no ramo, deixando frutos variados. Alguns em formação, outros ainda em experimento, projetos, leis e decretos que vão sendo cultivados com cuidados especiais. Não pretendendo fazer um levantamento minucioso quanto à sua aplicabilidade e desenvolvimento desde a fecundação, apenas um arremedo de ordenação segundo as famílias e gêneros:

Lei nº 13 de 28 de março de 1835; espécie antiga cultivada no campo da ação disciplinar, destinando-se alguns de seus ramos ao tratamento do abandono de cargo, demissão e outras micropenalidades aplicáveis aos funcionários públicos que faltarem aos seus deveres.

Regulamento nº 60 de 4/abril/1871; contém no seu interior as atribuições e deveres do pessoal da recém-nascida Inspeção Geral da instrução pública.

. Lei nº 41 de 3/agosto/1892: Peça paquidêrmica com 341 artigos com seus incisos e parágrafos, abraçando tudo que enrosca no tronco da instrução pública do Estado. Boa parte é destinada a tratar das atribuições, deveres e penalidades.

. Lei nº 221 de 14/setembro/1897; Miniatura em relação às anteriores, uma degenerescência porém com objetivos semelhantes.

. Lei nº 1960 de 16/dé debatedor/1906: Exemplar cultivado num clima especial, quando a organização do trabalho aparece como temática central nos discursos de João Pinheiro. Visava atingir o ponto nevrálgico da disciplina para o trabalho, no trabalho.

Por esse caminho encontramos frequentemente o Estado normatizando sobre a escola e os trabalhadores do ensino. Ramos e mais ramos de heras e parasitas foram se alastrando pela história e com uma atenção especial para disciplinar, constituir o trabalhador do ensino:

. Decreto nº 2.735 de 11/jan/1910

. Lei nº 611 de 18/set/1913

. Lei nº 844 de 10/set/1923

. Lei nº 869 de 05/jul/1952, variedades que deram seus frutos e nos legaram alguns ainda em formação visando moralizar o sistema de ensino desorganizado desde suas origens. Os rumos seguidos pelo sistema de instrução foram ditando as formas de tudo prever, para diminuir os custos e melhor controlar o trabalhador, pulverizando com penalidades aos maus elementos que neste ramo estivessem encrostados. Classifique-se

ainda neste gênero, o Título V da Lei 6.277 de 27/dez/73, o Título XI da Lei nº 7.109 de 13/out/77, as Portarias 37, de 02/ago/65, 100 de 22/abr/63, 36 de 11/ago/65, 87 de 01/dez/62, 102 de 20/jan/66 que contêm as atribuições e deveres do pessoal lotado nas unidades escolares do Estado, o Decreto-Lei nº 477/69, as disposições dos regimentos escolares e outras flores que ainda estão se abrindo.

Mesmo que todas estas formas de penalidades não sejam tão funcionais, elas existem e a qualquer momento pode-se executá-las, tendo ainda como suplentes a instabilidade, os baixos salários, a falsa imagem de carreira, as precárias condições de trabalho, formas sutis de disciplinar e educar a força de trabalho.

Na oficina, na escola, no exército, funciona como repressora toda uma micropenalidade do tempo (atrasos, ausências, interrupções das tarefas), da atividade (desatenção, negligência, falta de zelo), da maneira de ser (grosseria, desobediência), dos discursos (tagarelice, insolência), do corpo (atividades "incorretas", gestos não conformes, sujeira), da sexualidade (imodéstia, indecência). Ao mesmo tempo é utilizada, a título de punição, toda uma série de processos sutis, que vão do castigo leve a privações ligeiras e a pequenas humilhações. Trata-se ao mesmo tempo de tornar penalizáveis as frações mais tênues da conduta e de dar uma função punitiva aos elementos aparentemente indiferentes do

*aparelho disciplinar.*¹⁹

Um primeiro passo é bem definir os espaços de atuação de cada trabalhador específico e esmiuçar ao máximo suas atribuições e deveres, estipulando minuciosamente o tempo que deve ocupar em tais atividades e delas prestar contas. O controle desce a tal nível que chega a invadir a esfera doméstica com atividades bem específicas. Vejamos algumas atribuições da Portaria 100 de 22/04/63.

Diretor: . Planejar nos 3 (três) últimos dias de matrícula o trabalho do ano letivo, com o concurso das auxiliares, orientadores de ensino e todo o corpo docente...

. Rever na 1a. (primeira) quinzena de agosto, com suas auxiliares e pessoal docente, o planejamento feito.

. Manter em dia os livros de escrituração escolar...

. Prestar contas do dinheiro da Caixa Escolar...

. Apresentar... o balancete das prestações de contas dos gastos realizados.

Professor: Corrigir periodicamente, em casa, os exercícios dos alunos, como as composições, problemas, questionários...

. Manter-se, ... atualizado, lendo novos livros, frequentando cursos, assistindo conferências, etc.

19. Michel Foucault, *Vigiar e Punir*, 4a. ed. Petrópolis, Vozes, 1986, p. 159-160.

. Vestir-se com propriedade e manter atitude digna dentro da escola...

Nomeia o Delegado de Ensino, o Inspetor e seus auxiliares diretos como os fiscais dos outros trabalhadores, como os juizes que aplicam as penas, proíbem, prestando às outras autoridades as informações solicitadas sobre assuntos diversos. É uma espécie de SMI (Serviço Municipal de Informações), através do qual se monta uma rede de vigilância do trabalho escolar. Um técnico para cada quadriculamento do espaço tentando cumprir e fazer cumprir as ordens recebidas. Sujeito e objeto de zelo, do bom nome da repreensão e das penas impostas. Pode responder civil, penal e administrativamente pelo exercício irregular de suas atribuições, através de indenização de prejuízo causado à Fazenda Estadual, através da repreensão, suspensão temporária, da cassação do registro de professor contra o qual fique provada a desídia no cumprimento do dever e ainda a demissão ou dispensa a bem do serviço, se contratado. A história nos mostra que as coisas não eram muito diferentes, tempos atrás. Ao inspetor geral da instrução pública e inspetores dos círculos literários competia, entre outras funções:

. Impor as penas de admoestação, repreensão e suspensão até 15 dias aos empregados da inspetoria geral que cometerem faltas no cumprimento de seus deveres.

. Instituir sempre que julgar conveniente... um

exame sobre o comportamento dos respectivos professores, ou diretores... (Regulamento nº 60 de 4/abr/1871).

Ao diretor da Escola de Pharmácia, incumbe:

Exercer a polícia no recinto da escola, procedendo de modo prescrito nesta lei e nos regulamentos aprovados contra os que perturbarem a ordem, e empregar a maior vigilância na manutenção de bons costumes. (Lei nº 41 de 3/ago/1892).

E também vedado aos professores de qualquer categoria ou classe terem sua residência fora do lugar onde estiver a sede de suas funções, ausentarem-se sem licença do inspetor escolar e ocuparem os alunos em mistêres extranhos ao ensino. (Decreto nº 1960 de 16/dez/1906).

. Apresentar-se com pontualidade e decentemente na escola... manter o silêncio e a exactidão e regularidade necessãrias. (Dec. nº 1960/1906).

Algumas "pérolas" cultivadas na história do profissional do ensino e hoje avaliadas por alguns funcionários mais antigos.

E a gente procurava seguir direitinho as recomendações. Era vestido de manga, gola e sem decote. A gente era até mais imponente, importante. Tinha uma moral com os alunos, cê precisava ver! Hoje, não! Bagunçou tudo. Também professor virou uma coisa comum, quase todo mundo é. Professor de hoje

também não aceita aquele sistema não. A gente era mais boba. Tinha umas professoras que eram meio assanhadas ... e todo mundo olhava enviesado pra elas. Até nós.

Tinha aquelas que vinham, de fora, trabalhar aqui. Eram formadas. Viviam falando de Canaã, riam, falavam de tudo. A gente morria de raiva delas, acho que mais até era inveja porque elas eram formadas...

Uma vez até denunciaram uma professora porque dizia que ela não procedia direito. Aí eles informaram lá na delegacia se podia tirar ela daqui mas, lá, disseram que se ela procedesse direito na escola e perante os alunos, não tinha problema.

Calça comprida não podia usar porque era imoralidade. Mostrava os contornos do corpo. Só começaram a usar quando o inspetor autorizou.

A diretora é que precisava ficar chamando a atenção. Tinha professora que vinha até dar aula com chinelo de dedo... Se exigia sapato e uniforme dos alunos, a professora também não podia aparecer desarrumada.

É ... mas foi-se a época das vacas gordas e gente boba! Vem o Estado ou sei lá quem mais querendo ser mãe da gente pra indicar até as roupas que precisamos vestir! Ele leva, ah, se leva...! Pode até ter lei, mas a gente vira cowboy fora da lei.

Faz o jogo que eles pensam que a gente faz. Pode tentar espremer de um lado mas a gente escapa do outro...

Como toda coisa pública, tenta-se cercar os espaços, interditar o trânsito em determinados locais e fazer aparecer placas fantasmas dando noção de proibido.

Cerca-se o terreno e isola a escola do resto dos espaços da cidade. Porteiro na porta, portão com cadeado, placas, nomes, portas trancadas. Tal como acontece com outros "prédios públicos", o poder torna o lugar interdito, justamente por ser público.²⁰

Ao funcionário público é proibido:

. Referir-se de modo depreciativo, em informação, parecer ou despacho, às autoridades e atos da administração pública, podendo, porém, em trabalho assinado, criticá-los do ponto de vista doutrinário ou da organização do serviço.

. Retirar...qualquer documento ou objeto da repartição.

. Promover manifestações de apreço ou despreço e fazer circular ou subscrever listas de donativos no recinto da repartição.

20. Carlos R. Brandão. Casa de Escola. Papirus, Campinas, 1983, p. 142.

- . Valer-se do cargo para lograr proveito pessoal em detrimento da dignidade da função.
- . Coagir ou aliciar subordinados com objetivo de natureza partidária.
- . Praticar a usura em qualquer de suas formas...
- . Receber propinas, comissões, presentes e vantagens de qualquer espécie em razão das atribuições.²¹
- . A prática de discriminação por motivo de raça, condição social, nível intelectual, sexo, credo ou convicção política. (Lei nº 7.109/77 - art. 173).
- . Participar de greve e para ela concorrer (Art. 162 da Constituição Federal e Art. 6º do Decreto Lei nº 1632 de 04/ago/78).

A desídia no cumprimento do dever caracteriza-se, segundo o disposto no artigo 13 do Decreto Lei 8.777, de 22 de janeiro de 1946 e no artigo 119 da Portaria Ministerial nº 501 de 19 de maio de 1952:

- . pela insuficiência de conhecimento da matéria que leciona e dos processos de seu ensino;
- . incapacidade manifesta e reiterada de manter a disciplina em classe;
- . procedimento incompatível com o bom nome do estabelecimento..., etc.

21. Lei nº 869, Estatuto dos funcionários públicos e civis do Estado de Minas Gerais, de 5/jul/1952.

São tais contradições da máquina pública que escamoteiam o modo depreciativo no qual legislações como estas são dirigidas aos trabalhadores do ensino e que de fato deveriam ser endereçadas àqueles passageiros que oferecem e àqueles que "pegam carona" com a burguesia, para chegarem lá.

O trabalhador pode ser punido pela insuficiência de conhecimento da matéria que leciona e dos processos do ensino, entretanto este despreparo do profissional deve-se ao fato de que o Estado e a burguesia nunca pretenderam a elevação dos níveis de instrução do povo, pelo contrário, tudo fazem para mantê-lo na ignorância, pensam com isso melhor articularem suas manobras. Pune-se o trabalhador por um pecado que ele não cometeu mas que tem suas origens na omissão dos gestores das coisas públicas. Qual trabalhador estaria disposto a dedicar-se ao magistério público estadual, após permanecer por 21 anos nos bancos escolares, obtendo o grau de doutor e recebendo ao final de carreira um salário de 5.226,00? Não é vestindo o mito da habilitação ou pregando o maior preparo dos educadores que se poderá desentravar o processo escolar. Uma relação estreita entre escola e sociedade não pode ser esquecida e o Estado e a burguesia... mostram pouco interesse real em terem trabalhadores-cidadãos instruídos e participantes. A saúde e instrução do povo não foram nem são queridas... Profissionais competentes não faltam mas onde eles se encontram? a quem servem?²²

22. Miguel G. Arroyo. *Quem de-forma o profissional do ensino?* Mimeo, sd/, fls 05-06.

Como num comando militar, o pessoal lotado nas unidades escolares do Estado, assim como os alunos, têm seu espaço quadriculado. Alunos repartidos em filas, masculino e feminino, maiores na frente, mãos para trás, cada turma em uma sala, obedecendo à idade, novatos e repetentes, condição social e nível de aproveitamento, professores agrupados em níveis e graus, cada um responsável por uma série e obedecendo a marcha do dia de trabalho: abertura dos portões. Entrar. Caminhar para as salas. Parar para a merenda. Recreio. Filas. Salas e finalmente o toque de descansar. Toque provisório, pois há os cadernos, questionários, provas, composições a corrigir, planos a fazer. Sujeito às penas disciplinares já enumeradas, ainda precisa conviver com a tabela de faltas. Cada atraso, um desconto. Entretanto, ameaças, recompensas, ordens, gratificações, promoções, nada adianta. Os trabalhadores vão aprendendo a conviver com a ilegalidade e dela tiram os ensinamentos elaborando sua cartilha de luta. Este processo será abordado detalhadamente no próximo capítulo.

Direitos, Vencimentos, Vantagens e Incentivos

Circulando no mercado de trabalho e encarnação do trabalho humano, isto é, soma do trabalho do MEC, do CFE, CEE, Secretaria de Educação, DER e de outros trabalhadores-professores, o trabalhador do ensino aparece etiquetado com um preço X. *O valor da força de trabalho é determinado como o de qualquer outra mercadoria, pelo tempo de trabalho*

necessário a sua produção e, por consequência, a sua reprodução...²³ É um trabalho seriado de lapidação que adquire sua forma final na grande escola que serão as próprias relações materiais de trabalho, onde tenta-se amaciá-lo, lubrificá-lo. A tecnologia empregada na fabricação é a mesma de anos e anos. Não há despesas extras, aliás o processo de produção do trabalhador do ensino torna-se cada vez mais barato, o que tem alterado é a legislação que o regula. Em cada venda uma maquiagem nova. O trabalhador ora se vende como supervisor, ora como professor ou regente e em cada venda de sua força de trabalho vale um salário.

Existem mercadorias que passam anos e anos embrulhadas nas prateleiras do mercado, outras retornam às fábricas para a limagem e polimento. Conforme o primor do acabamento (cursos de reciclagem, atualização, treinamentos, graduação, pós-graduação e outros títulos que somam valores) paga-se um ágio para obtê-la. Como existe um grande exército de reserva, o seu preço desce e por esse caminho a força de trabalho vai sendo vendida aos poucos, diariamente, semanalmente, anualmente e até definitivamente: O que dizer dos milhares de trabalhadores desempregados ou subempregados: engenheiros, administradores, médicos, professores? Alguns dos escolhidos justificam de certa forma o mito da escolarização ampliada. Escolhidos pela habi-

23. Karl Marx. *O Capital* (Livro I, IV, 3-p. 191). 10ed. São Paulo, Difel, 1985.

litação que possuem. E por aí a escolaridade é prolongada para retardar o ingresso de mais trabalhadores no mercado de trabalho.

Inicia-se a caminhada em busca do diploma e permanece de certa forma uma indefinição quanto à funcionalidade dos mesmos. A questão de habilitação é encarada algumas vezes como necessária, como forma de proporcionar mais segurança e conhecimento, outras vezes chega-se a duvidar da necessidade dela e na maioria dos casos ela surge como um abrir as portas para o emprego e acesso, simplesmente. Mescla-se a toda esta indefinição o discurso da habilitação como forma de melhor competência no exercício das funções, como incentivo ao aperfeiçoamento do profissional e como consequência a melhoria do ensino. Vejamos:

Para o P1 a habilitação não é necessária, mas para os demais sim.

Não é só habilitação que é necessária, é necessário ser capacitado.

É bom, pois dá mais segurança e melhor conhecimento.

Não sei definir claro, porque há muitos caminhos a traçar.

Habilitação não é necessária, o que vale é a prática. Há tempos atrás quase não existia professor habilitado e a educação era 60% melhor.

É boa, mas não é suficiente.

Acho que tenho domínio da matéria que leciono, mas

acho que a habilitação é necessária e não terminei porque não foi possível.

As vezes é necessária, desde que a pessoa tenha consciência do que faz.

Aperfeiçoar é sempre necessário, desde que seja habilitação mesmo.

É necessária porque só depois de habilitada é que consegui retornar ao trabalho.

Dá uma base melhor mas não é suficiente se não houver vocação para tal.

Não só a habilitação mas a habilidade também, pois só o diploma não dá competência a ninguém.

Acho necessária a habilitação para o cargo se tiver mesmo vocação.

Para mais conhecimentos não acho necessário, pois o conhecimento adquirimos com a prática do dia-a-dia.

É um incentivo para as pessoas estudarem e se atualizarem.

É boa, porque quanto mais conhecimentos teóricos você tem, melhores informações você passará para quem delas precise.

É uma boa para ser contratada.

Sinceramente não sei. Este ano trabalhei com uma disciplina durante 7 meses e me saí muito bem. É

lógico que isto não quer dizer que sei tudo, mas duvido que alguém saia de uma faculdade sabendo tudo. Citei uma experiência minha mas como existem muitos outros cargos, não sei.

Como ficaria neste contexto da habilitação, os não habilitados? Terão de se conformar em permanecer no nível que estão ou correrem à caça dos diplomas nos cursos corridos das indústrias de ensino. A própria dinâmica do capital... necessita deslocar cada vez mais a população economicamente ativa... A ampliação da escolarização serviria, então, a um mesmo tempo, para que o capital pinçasse de seu bojo tanto aqueles necessários à produção imediata como aqueles que se alocam nos serviços, criando dentro desse âmbito a elevação constante dos requisitos educacionais e também funcionando como justificativa de prolongamento da escolaridade e conseqüente retardamento do ingresso dos jovens no mercado de trabalho, fazendo da própria escola um mercado improdutivo.²⁴

Este preâmbulo abre os encadeamentos da política salarial, da questão da qualificação, direitos, vantagens, incentivos e gratificações, utilizados como elementos que procuram "educar" para se poder mais explorar e também desmobilizar.

As férias, férias-prêmio e licenças aparecem como

24. Gaudêncio Frigotto. *A produtividade da escola improdutiva...* São Paulo, Cortez, 1984, p. 99.

direitos mas por detrás do direito existe a finalidade de quem comprou a força de trabalho, de mantê-la em boas condições psicofísicas e politicamente adaptada. A preservação da força física, muscular e nervosa justifica de uma certa forma o sistema de licenças. E estas são também utilizadas pelos trabalhadores como formas de protesto, como fuga a rotinização e este aspecto escapa ao controle do Estado.

Eu ia tirar férias-prêmio, mas não vou gastar este tempo à toa. A gente custa tanto pra conseguir que tem que pensar bem como aproveitar delas.

Tem gente que fala com o peito cheio de orgulho, que só tirou licença pra gestação ou ainda... que em 8 anos de serviço só tem um mês de licença... Não acho vantagem nenhuma. Morrer pra quê? Acho que sempre que alguém tira licença é porque tá precisando, seja por qual motivo for, até pra namorar é válido. Então vai ficar ganhando falta e deixando o dinheiro pros cofres públicos? Enquanto um deixa de mamar, milhares estão mamando. Posso não estar apta para ser trabalhadora mas posso muito bem estar apta a desempenhar outras funções mais agradáveis (risos).

Sou a campeã das licenças. Esse peso não levo pro tumbulo. Chego no médico e falo assim: Não vim consultar, quero licença. Ele põe lá o que quiser: apendicite, faringite, bronquite, pneumonia, anemia, histeria... ia... ia. E cá estou eu. Cansei de fazer papel de boba.

Um mês de licença, voa. Não dá prá descansar, sô mesmo prá tomar um fôlego. E a gente ainda fica pensando nos alunos! É claro que temos um compromisso com eles, mas quando penso que o "patrão" não assume nenhum compromisso com a gente nem com os alunos, aí ganho força. Vou tirar licença mesmo. Acho que não vou gosar as férias-prêmio. Vou trabalhar enquanto estiver boa. Se não precisar delas é bom porque conta em dobro para aposentadoria.

As licenças, convocações, substituições funcionam muitas vezes como forma de desmobilizar os trabalhadores, acirrar a concorrência entre eles. Com a rotatividade há sempre um começar de novo, sondar o terreno que se pisa, impedindo muitas vezes uma ação mais integrada, uma participação mais ativa dos substitutos.

O acúmulo de cargos é outro direito dos trabalhadores do ensino. Direito que vem realçar de frente o salário mingüado e a extensão da jornada de trabalho. Economiza-se não contratando outros funcionários, pois cada contrato implica em mais vínculos com os trabalhadores do exército de reserva, enquanto que deixá-lo disponível evita-se a criação de laços e as pressões para os concursos e outros direitos. O acúmulo redundando portanto na utilização dupla de um mesmo trabalhador que ora atua como P5A, por exemplo e recebe um salário X, ora como P2A, recebendo um salário inferior.

A diferenciação salarial se coloca através dos

níveis e graus nos quais se encontram divididos os trabalhadores do ensino. A passagem de um nível a outro culmina com o aumento de 402,00 ao salário anterior. A diferença de salário do P1A para P8A, totaliza pois em 2.814,00. Mudar de grau (A, B...) implica num aumento que oscila de 72,00 a 111,00, contando-se para estas promoções a habilitação específica alcançada, um tempo X de efetivo exercício. O ingresso no magistério é sempre feito na classe inicial da carreira, no nível mais baixo, independente da habilitação possuída pelo candidato, visto que a mudança de nível só acontece após três anos de efetivo exercício. Mesmo que o candidato já tenha completado este tempo de serviço como contratado, não importa. A vida recomeça somente após a efetivação e o tempo que a antecede só é contado para concurso, quinquênios, abonos, férias-prêmio, aposentadoria, ou mesmo uma melhor classificação como convocado. A estabilidade é o prêmio conseguido, pois a situação de contrato só gera lucro para o Estado pelo pagamento de um salário inferior e pela negação dos direitos de promoção, quinquênio, decênio, etc. Os convocados são os trabalhadores temporários usados como força produtiva quando o Estado deles necessita e vivenciando mais de perto a superexploração.

A política salarial desempenha pois importante papel educativo visto que além da exploração da força de trabalho funciona como mecanismo de desmobilização dos trabalhadores do ensino. No caso em estudo, o magistério não é um "bico" mas sim uma profissão, um trabalho. O "bico"

é a acumulação de cargos que em algumas ocasiões ainda é combinada com outros biscates: venda de roupas, jóias, um pequeno comércio, etc.

A hierarquia entre os trabalhadores estabelecida pela estrutura salarial transforma a habilitação quase que exclusivamente no trampolim para o acesso. O objetivo primeiro é a promoção no curso e não havendo espaços para conciliar acúmulo de cargos, casa, filhos, e estudo, muitos trabalhos da faculdade são divididos com outras pessoas que têm mais tempo disponível e assim vão participando do jogo. Como pois falar em cassação do registro de professor contra o qual fique provada a desídia no cumprimento do dever? Para se eximir da responsabilidade da desqualificação do processo de ensino e jogá-la ao professor?

É importante salientar que a definição do salário é dada pelo cargo ocupado e não pela habilitação do trabalhador. Todos os supervisores da escola têm o acúmulo de cargos e recebem como, supervisor, um salário e, como professor, salário inferior. Outros trabalhadores combinam os cargos de maneira as mais variadas. Formas diversas de exploração da força de trabalho, uma vez que existe oferta de mão-de-obra com qualificação superior à exigida e que pode ser utilizada sem que isso implique mais gastos para os cofres públicos.

Localizada nesse emaranhado de fios aparecem as vantagens, incentivos e concessões:

- adicional de 10% sobre o vencimento, por quinquênio de efetivo exercício;

- adicional de 10% sobre a remuneração por 30 anos de efetivo exercício;

- gratificação de 20% sobre o grau de vencimento, à título de incentivo à produtividade;

- honorários a título de alguma obra modelo realizada pelo trabalhador (cursos de treinamentos, especialização, realização de trabalho técnico e científico de interesse da educação, exercício em locais inóspitos, etc.);

- auxílio financeiro para publicação de trabalho considerado pelo Sistema Estadual como de valor para o ensino, educação e cultura;

- prêmio pela autoria de livros de interesse do ensino, etc.*

As concessões permitem ao funcionário público faltar ao serviço até 8 dias consecutivos por motivo de casamento, falecimento do cônjuge, filhos, pais ou irmãos, horário especial de trabalho que possibilite a frequência regular às aulas para o funcionário estudante, etc.

Este pai-patrão, que se preocupa com o bem estar de seus filhos, vai através dessa proteção controlando o trabalhador, visando sua eterna e espontânea submissão e gratidão. Aqueles que se rebelam contra essas manobras são as ovelhas negras da família. Após colocadas outras iscas — ajuda de custo em função de transferência, de remoção para outra

* Lei nº 6.277 de 27/dez/73. pp. 30-31

localidade para as despesas de viagem e transporte do funcionário e da família, o auxílio para diferença de caixa, as diárias, tudo regulamentado — elas vão sendo retiradas, minguadas e desaparecem como anda acontecendo também com o salário. As idas e vindas às repartições para se conseguir um pedaço deste bolo consomem praticamente a maior parte dele. Neste movimento o trabalhador vai percebendo o caráter de exploração que está por trás desses mecanismos de estímulos e aprende para seu próprio interesse qual a sua melhor posição neste jogo.

A filosofia das leis, que regulam o trabalho escolar, também expressa no próprio estatuto, vem pois colocar as relações de trabalho como relações mercantis individuais. Não se trata de trabalhador coletivo. A *apropriação do público pelo privado, através do sistema de representação produzirá um homem marcado pela duplicidade de sua natureza — a de cidadão e a de indivíduo —...* Aí, onde o Estado político alcançou seu verdadeiro desenvolvimento, o homem tem, não só no pensamento, na consciência, mas na realidade uma vida dupla, celestial e terrena — a vida na comunidade política em que é considerado como ser coletivo, e na sociedade civil, em que atua como particular.²⁵

25. Luiz Werneck Vianna. Op. cit. p. 17.

A Outra Ponta da Mesma História

A história da constituição do sistema de instrução popular vai nos aproximando da forma pela qual foi se consolidando este sistema nas grandes linhas de sua atual organização* e deixando claro que foi uma das áreas mais controladas burocraticamente. É possível arrolar-se o caso dos advogados, dos contabilistas, dos economistas e, mais recentemente, de técnicos de administração e especialistas de relações públicas, estatísticos e psicólogos. Até mesmo em setores para os quais não se exige qualificação regular anterior, como no dos corretores de imóveis e representantes comerciais, a lei veio a estatuir regras para a investidura no direito de exercer a profissão e disciplinou esse exercício.²⁶ Entretanto foi sobre o cotidiano da pouca instrução produzida pela sociedade, pelos mestres da arte de ensinar, que a atenção foi mais concentrada. Esse campo não permaneceu por muito tempo como domínio estranho à regulamentação jurídica. Porém quanto maior fica a intervenção do Estado e quanto mais ele se mete a querer fazer tudo, melhor é avaliada sua inaptidão para a gestão do público. Não conseguindo cumprir com um mínimo de decência as incumbências básicas que seria sua obrigação natural desempenhar, como é o caso da instrução

* cf. Miguel G. Arroyo.

26. cf. GRUPO Especial para elaboração do Estatuto do Magistério de 1º e 2º graus.

pública, ao mesmo tempo que bloqueia alguns caminhos, outros vão sendo conquistados no cotidiano escolar.

As festas de formatura vão perdendo as pompas de outrora, o brilho dos anéis vai se acabando, ficando as cores escuras das togas e becas. Não se vê mais diplomas dependurados nas paredes. Forma-se um canudo com um amontoado de papéis para se apresentar nas escolas ou DRES quando solicitados. É o adeus às ilusões perdidas e o inaugurar de um novo período histórico. Cada dia uma lição é aprendida. As injustiças cometidas, os descontos, cuja razão o trabalhador nunca descobre de fato, os atrasos no pagamento das vantagens adquiridas, o esgotar-se com a dobra de turnos. É demais. As idas à Delegacia causando desfalque em seus orçamentos e a perda de um dia de trabalho descontado no salário, o dinheiro gasto nas passagens e lanches, a revolta presa, a injustiça invadindo os espaços. Cursos de treinamento ou aperfeiçoamento ministrados em Ponte Nova (sede da DRE), mais dinheiro que precisa ser desembolsado, férias e finais de semana invadidos. Vem a greve. Entram a todo vapor. Quando das ameaças de desemprego, voltam ao trabalho. Conviver com os dias de greve descontados em folha pesa em muito o orçamento familiar, as contas do final de mês, as prestações... a não greve. Porém isso não significa que os trabalhadores estejam anestesados. Esta estratégia representa muito a tranquilidade no emprego, o salário pouco mas certo, a política muito usada do "antes pingar do que secar". Está aí implícita a noção de salário minguado como também o medo de perdê-lo.

Os trabalhadores sentem-se amarrados, presos a laços que parecem não mais se desfazer mas vislumbram caminhos. As casadas desejam para as solteiras (agora pouquíssimas) um emprego melhor.

Este cotidiano já não mais coincide com a visão romantizada de professor. A mística criada em torno do ato educativo, da carreira, vai sendo gradativamente congelada, assim como vem sendo congelado o salário. As manifestações de protesto pelo agravamento do descaso pela educação vão entrando em fervura. É conveniente realçar que a participação política nas organizações de professores e manifestações de greve ainda é tímida. Contribuem para tal, além dos aspectos já mencionados, laços ainda fortes das relações de vizinhança, da troca de favores, do compadrio, que inibem algumas iniciativas neste sentido. A própria monotonia da cidade, a falta do que fazer acaba por transformar o local de trabalho numa fonte de lazer e é também forma de fugir da esfera de trabalho doméstico. Os professores vivem com o salário mas não chegam a perceber, de fato, sua precariedade. O marido tem sua rocinha ou se ajeita de uma forma ou de outra no comércio ou outros serviços, no fundo do quintal tem sempre uma horta, frutas, galinhas, porcos e até um pequeno sítio. Muitas compram na caderneta e quando recebem fazem uma compra maior onde entram algumas roupas e até mesmo móveis à prestação. Umas moram com os pais e vão devagar construindo as casas. Há uma permuta de roupas das crianças, onde os membros mais novos da família vão aproveitando as roupas dos mais velhos

e por esse e outros caminhos as dificuldades são amenizadas.

Outro fator que ainda está presente e que limita a maior participação dos professores é o seu prestígio social ambíguo: pobreza e grandeza como símbolo social. Esse enfrentamento da questão da pauperização é muitas vezes rejeitado como se fosse ainda possível conservar o status. Algumas casas, as mobílias, jóias, roupas, posturas, procuram embaçar aquilo que hoje tornou-se o trabalhador do ensino. Há muito que o professor deixou de ser o que parecia. O mundo do servidor foi se desmoronando e das ruínas vai-se construindo aos poucos um novo trabalhador do ensino que vai se cansando de assistir à História no Jornal Nacional e no "Minas Gerais" e descobrindo formas de escrever e fazer sua própria história. Fragmentadas ou desarticuladas, as peças deste quebra-cabeça vão aos poucos se encaixando, abrindo caminhos para a compreensão desse jogo e alargando as possibilidades de reelaboração destas questões. O enigma do sutil esconde-esconde é decifrado, porque é nesta dimensão jurídico-legal das relações de trabalho que o Estado se faz realmente presente.

As experiências vividas fora da escola e na escola desmentem o discurso oficial. A escola cai-naõ-cai está de pé porque é vontade dos trabalhadores do ensino e comunidade conservá-la. Ela não se enquadra na categoria de nenhum presente do Estado, mas está associada ao esforço coletivo da população de um modo geral. Mesmo com as sucessivas investidas para separar os trabalhadores,

ser P1, P2, P3... vai aos poucos não definindo muita coisa, mas abrindo espaço para uma melhor identificação dessa política do dividir para vencer.

. Que nível mesmo cê é?

- Nível baixo, explorada, ralê miúda, povão... (parenteses) Nível 2 até hoje... Cê viu o Bresser falando na televisão aquele negócio de abono pros trabalhadores? Deu 250 contos para os trabalhadores pobres que ganham até 9.000,00 por mês. E nós, onde ficamos? Indigentes, miseráveis, João-ninguém, bôia-fria. E olha que a gente não entrou nessa. Não sei também se a gente entra em alguma coisa! Sô pro Quadro Permanente eles deixam a gente entrar (risos). Entra em fria, beco sem saída... Ahh... entra em GREVE

. Se deu abono pro trabalhador pobre e nós não ganhamos, o que qui a gente é então? Não é trabalhador?

- Trabalhador a gente é, sô que não é pobre... é miserável. Dessa vez não tivemos progressão na carreira, descemos foi de nível.

O concurso, o ingresso na carreira, a progressão, o contrato, tudo serve de motivo para uma piada.

Sabe porque as contratadas não têm direito a abono, quinquênio e aquelas outras coisas todas? Porque não casaram de papel passado, sô passaram contrato.

Hoje as serventes foram tomar posse. Cês viram o chique? Doce ilusão, vão ficar empossadas até o pescoço!

Ela resolveu não tomar posse no Quadro Permanente. Disse que o Negrinho do Pastoreio iluminou a idéia dela para não entrar nessa. (risos).

Um novo culpado vai surgindo em meio a essa contraditória realidade cotidiana e já despido das vestes do Super-Homem.

Acho bom a gente continuar brigando aqui dentro, um espetando o outro, porque uma hora a gente vai acabar descobrindo que a coisa é mais em cima e essa briga aqui dentro não vai nos levar a lugar nenhum.

Essa heterogeneidade e riqueza do cotidiano vai se contrastando com a pobreza daquilo que é proposto formalmente e redesenhando, na relação, um novo perfil do trabalhador do ensino, ciente de suas desigualdades perante as leis. E é desse novo trabalhador que cuidará o próximo capítulo.

CAPÍTULO IV

DO PÁTIO DA ESCOLA ÀS PASSEATAS NA RUA

O que se pretende nos próximos itens é recolocar algumas questões que vieram sendo desenvolvidas no trabalho e centralizá-las em torno da forma pela qual o trabalhador do ensino enfrenta o cerco e atua neste terreno e como em cada luta ele se faz diferente.

É na tentativa de olhar de frente estes sujeitos, fotografá-los em diversos ângulos, enfrentando a luta ou mesmo ensaiando os primeiros passos, recuando, assumindo os medos, olhando de longe e participando da linha de frente, que se descobre o educador-trabalhador atuante que não se deixou fascinar pelas cantigas de ninar. *As relações de apropriação do saber, de apropriação de um saber novo, engendrado nas relações de trabalho assalariado e de resistência, dão-se de maneira articulada no interior de um mesmo processo: o social. Dessa forma, vários saberes se cruzam nesse espaço, ou pela imposição de uma nova pedagogia ou pela negação da educação.*¹

É percorrendo este caminho que se pode avistar um novo trabalhador do ensino, lutando contra o anestésico da jornada de trabalho cada dia mais ampliada, em condições

1. Olinda M. Noronha. *De camponesa a "madame"*. São Paulo, Loyola, 1986, p. 126.

materiais precaríssimas, contra os fantasmas que o ameaçam de morte: contra os baixos salários que para muitos aparecem como gorjeta ou esmola, contra a desvalorização profissional, o enfado das rotinas, afinal, pesadelos que invadem suas vidas e acabam por despertá-los agitados ou ainda meio sonolentos, para um mundo possível. Mesmo ainda na solidão, o despertar já traz em si um embrião de mudança que pode caminhar do indivíduo para o grupo e também deste para um movimento mais organizado, conforme o ressoar das experiências por eles vividas.

O ensaiar de passos no dia-a-dia, através de uma releitura dos trajetos e estudos dos roteiros, vai configurando um novo real possível. O trabalhador vai aprendendo a se organizar, reivindicar seus direitos, descobrindo nessa relação as armadilhas colocadas pela organização do trabalho.

Percorridos os fios da teia em todos os sentidos, descobertos alguns buracos onde se tropeça, cai, pára, levanta, caminha, resta pois acompanhar este trabalhador concreto, no seu caminhar manso, cauteloso, com medo de cair, mas caminhando. Como equilibrista, malabarista, gato pingado*, domador de leões e às vezes o próprio leão, ele vai aprendendo com mestria a traçar seu próprio caminho e evitar outras amarras.

*Expressão presente num pronunciamento do nosso governador, referindo-se aos professores em greve.

Importa neste ponto, apresentar os trabalhadores do ensino no seu fazer-se cotidiano, sem "saudades da professorinha que me ensinou o b-a-bã" e trazer ao palco mulheres trabalhadoras que permanecem de pé, dão a volta por cima, sacodem a poeira, cobrando os salários, melhores condições de trabalho, afinal um povo em luta por sua liberdade.

Revirando Gavetas — Encontrando as Chaves

Porta aberta. É hora de entrar. O ritmo não é rápido, o elevador desliza silenciosamente. Nada aparentemente novo. Não há opções, as salas lá estão à espera, um pouco maquiadas com cartazes; os personagens de Disney, Chapeuzinho Vermelho, Davi, Lula, jipe, papai, a,b,c,d,e... z. Um cartaz na porta da diretoria: "Que bom que você veio!" Uma imagem de Nossa Senhora (das Graças, disseram) quietinha lá em cima no espaço a ela reservado. Uma parada, uma reza, um gesto automatizado: Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém. É preciso unir os pontos e formar a figura. Cotidiano, história, escola, trabalhador.

Silêncio? Não existe. É aparente. Os passos falam, o olhar, o rosto, a rotina, os atrasos, o olhar a esmo. Mil barulhos que trazem o trabalhador entrando em becos sem saída, perdido, apertado, espremido, esmirrado, incomodado, resistindo, sonhando, compondo os elos, emendando. Mistura de mulher, mãe, filha, esposa, trabalhadora, na escola. Toda

uma vida, síntese de relações sociais construídas no curso do cotidiano.

Assim começa o dia. Retalhos de histórias imediatas e mediatas da escola, do município, dos sujeitos envolvidos, do social, que vão dando concretudo à constituição dessa relação e aos conteúdos da existência cotidiana.

Nesse enfoque uma tonalidade nova vai se espalhando.

Eh, vidinha, todo o dia a mesma coisa! Fazer plano, dar aula, voltar para casa, almoço, meninos, marido, tomar banho, engolir a comida, pegar os objetos, chegar aqui correndo... UUFA! Não deu tempo nem de passar um batonzinho.

Mesmo submetida a esse corre-corre, horário, calendário, pressa, adaptar-se como pode a essa roda-viva, vida retalhada, essa brava gente resiste.

Eu não aguento mesmo. Sem empregada, dois cargos e ainda tenho 11 trabalhos de faculdade pra fazer. Vou tirar licença. Tã uma loucura. Tô igual máquina. Ligada às 5h da manhã e vai até de noite. Gente, não aguenta isso não.

Já aqui uma percepção do tratamento desumano que perpassa essa relação de trabalho. "Gente, não aguenta isso não... Vou tirar licença." Por esse caminho, ao se reconhecer meio burro-de-carga, o profissional está compreendendo de certo modo as condições as quais está submetido. Ao apelar

para a licença, uma das formas mais tradicionais de resistência, descobre-se sujeito explorado mas que bem conhece as estratégias de se defender, lutando contra o trabalho, negando este cotidiano, buscando saídas.

A escola vai penetrando nos poros e o corpo rejeita ser atravessado por ela. Uma repulsa em deixar levar-se sendo dividida com outros companheiros na mesma situação. Há propagação da resistência, conselhos e um reativar os ânimos dos outros.

Esperar outubro nada! Tira licença de uma vez. Enquanto cê tã trabalhando, o corpo tã quente, cê não sente tanto. Não deixa passar mais tempo não, des-cansa logo! Na hora que parar é que cê vai ver cumê que tava. Junta tudo de uma vez e a vontade é ficar sô de papo pro ar, dormir. É nesta hora que cê percebe como tã cansada. Num fica te enrolando não. Ninguém aĩ é burro de carga!

Quando você começar a pensar muito nos alunos, preocupar, perder sono, lembra do Estado que não pensa nem um pouquinho em você.

Em todos estes discursos e comportamentos, aparece uma consciência política mais estruturada e o profissional do ensino dá conta de sua mercantilização, procurando maneiras de afastar-se do modelo de trabalhador desejado.

A gente precisa negociar esse negócio das faltas, decidir alguma coisa. Esse negócio de ir falta no Q.F. (quadro de freqüência) é atraso de vida. Prã

quem que fica esse dinheiro? Pro Estado, não é? Não precisa ficar andando tanto na linha! Já que esse dinheiro vai pro Estado, ao invés de pagar para ele, a gente dá esse dinheiro para a caixa. Aí também não precisa ficar fazendo promoção sempre. Pode até dar quase no mesmo, mas tem diferença. A gente não vai com falta e economiza as energias que fica gastando nas festas. Quando a Caixa não tem, o dinheiro sai é do nosso bolso mesmo.

A novidade disso tudo é que o trabalhador não se rende facilmente às dificuldades, vai através dessas formas simples, fazendo uma releitura, mesmo que não muito fluente, das relações de trabalho a que são submetidos, impedindo o firmar de um traçado mais forte das prescrições formais.

A alfabetização neste sentido é um processo lento, mas gradual. Algumas palavras levam tempo para serem dominadas: acesso, remoção, os níveis e graus, a carreira, o concurso, o contrato, outras são fáceis, não obedecem a nenhuma graduação de dificuldades: licenças, faltas, salário.

Da entrada neste compartimento à compreensão de sua condição, o caminho é sinuoso, perpassado de avanços e recuos. Alguns se adiantam, outros vão ficando para trás, capengando, se arrastando, conjugando a pressa com a impossibilidade de avistar mais adiante. Uma minoria de trabalhadores dançam conforme a música, são levados ao bailado e neste grupo enquadram-se os leitores da cartilha das práticas eleitoreiras, aprendendo as lições nos capítulos de fa-

vores políticos, que, embora não ceguem a visão da situação, colocam obstáculos para a caminhada.

Esse time fica de certa forma dividido em grupos: aqueles que vão se adiantando, assumindo a linha de frente, no ataque e defesa, outros ainda em meio do campo, aproximando-se mais dos primeiros que compõem o time maior e alguns como banco de reserva e ao mesmo tempo, parte da torcida, esperando a hora de pegar a carona. Nesse vaivém, abandonar a luta é para uns expressamente proibido, para outros existe uma confessada falta de esperança mas lá estão correndo no campo, apoiando-se nos mais ativos com o intuito de se fortalecerem. É o pedido de mais combustível para continuarem. É assim esse percurso, carregado de altos e baixos como a própria rua da cidade, cheia de redutores de velocidade. Aqui e ali, mulheres-trabalhadoras assalariadas. Cada grupo é um caso. Cada um com sua história, porém ruminando no dia-a-dia sua tática e tateando a sua maneira em busca de saída.

Percorrer este universo não é tarefa fácil, uma névoa parece envolver e ofuscar a visão de espaços possíveis. Barreiras aparecem em meio do caminho, na frente, atrás, dos lados e interrompem a trajetória. O cotidiano da experiência na escola e fora dela vai ensinando as lições. Discutindo, ouvindo, silenciando, indagando, olhando de longe, o trabalhador vai entendendo sua ação, aprendendo a questionar seu fazer e não-fazer, avaliando o papel que desempenha neste jogo.

Este espaço contraditório vai mostrando à farta que razões não faltam para entregar-se à luta. No entanto, razões ou causas não são o mesmo que atos. Os seres humanos não reagem ao estímulo da fome ou da opressão através de nenhuma resposta automática ou estandardizada de revolta. O que eles fazem ou deixam de fazer depende da sua situação entre outros seres humanos, do seu envolvimento, sua cultura, tradição e experiência. Neste sentido é que devemos dar atenção ao universo social e mental dos trabalhadores... ressaltando, sobretudo, o conhecimento que possuem a respeito de organizações coletivas e formas de protesto.²

Fixar-se na história de cada um na diversidade de suas experiências, poderá dirigir a questão para becos sem saídas, porém apreender o que há de comum nas experiências destes trabalhadores, como membros de uma classe, poderá levar à superação dos sentidos evidentes da situação e proporcionar um avançar neste sentido.

Os discursos que se seguem, retratam as formas como os trabalhadores vão decifrando o avesso, separando o supérfluo, o sutil, descobrindo segredos, a chave do cofre, soltando as feras, levados a reboque, arriscando palpites, repetindo o inquieto e muitas vezes desenterrando monstros que pareciam sepultados. Vejamos:

2. E.J. Hobsbawm e G. Rudé. *Capitão Swing*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1982, p. 58.

Foi difícil admitir isso que vou confessar... as cabeças formadas à antiga e confinadas num lugarinho como o nosso são mais difíceis de mudar. Foi difícil também porque eu não queria e nem podia admitir que estava tão por fora. Já que eu tenho uma "mente aberta" era para ter entendido... mas uma crosta foi se formando junto à abertura e esta se fechando. Neste momento comecei a entender como eu estava parada no tempo. O que é pior, eu acho, é que eu continuava caminhando; devagar, mancando, mas continuava e pensando que estava na frente. E juro que acreditava que estava na frente dos outros daqui...

... A minha revolta contra tudo isto aumentou. Se eu tivesse ficado cada vez mais para trás seria melhor. Pelo menos conformaria e deixava esse barco correr onde a água quisesse levar. Agora estou mais perdida que cocô na água... Essa educadora, agora acordada, se perdeu, mas continuo presunçosa. Acho que acordei primeiro, só que não sei ainda o que fazer da vigília. Tenho lido, lido e lido. Pesquisado, pesquisado e pesquisado. Estou só acumulando informações. E pra que elas não se tornem "cultura inútil" estou pensando um meio de utilizá-las. Sei que leva tempo e eu sou imediatista e sei que as mudanças demoram e demoram. Sabe o que mais? Acho que nem tenho saco para tentar mudar alguma coisa. E se continuo na educação não é por vontade,

ē por interesse, comodismo e falta de condições de jogar tudo pro alto. Isso, não concluí agora. Há muito já sei...

Não direi aos iniciantes que estou desiludida. Pelo contrário, posso até dar uma forcinha, mas é só. Acho que não dou conta mais. Estou velha para acreditar que teremos uma chance. Cansada, calejada e enojada com tudo isso que nos tornaram (a mim e a maioria das sofredoras)... acho que vou voltar a cochilar.

A descoberta da parada no tempo, dos passos a esmo, da caminhada complexa e a revolta contra tudo isto. A inquietação, a busca, a destruição da cotidianidade, a desilusão ... a história sendo recuperada aos capítulos, conhecimentos sendo articulados.

As raízes vêm de longe e cada dia é um latejar de novas feridas incomodando a passividade, esgotando a paciência, remexendo as humilhações. É o ajuntar das pedras que apertam o sapato, a resistência, os limites: "uma crosta foi se formando junto à abertura e está se fechando." A descoberta que incomoda, o desânimo, a esperança, os planos, o acordar, os sonhos, o querer cochilar, a revolta:

A mesma mão que dá é a que toma.

Os mesmos dentes que sorriem são os que mordem...

Aqueles do meio do campo entram em jogo, se vêm e se reconhecem através do outro:

Fiquei emocionada naquela reunião. Ver como ainda tem professor forte, que fala, briga, tem coragem, luta e entra com tudo. Ai, não tenho jeito pra essas coisas, mas admiro a força dos outros. São de lembrar, arrepiou. Corre um negócio corpo a fora ... Mas é assim que a gente precisa ser, tem que aprender.

Algumas sombras vão ficando para trás, porém vez ou outra repete-se o inquieto, já imaginado cinzas. O Alfabeto da Mestra aparece em flashes. Vem e vai. Sombra e luz: Ame seus alunos, bendiga sua profissão, creia no poder da educação... firme-se em Deus,... vença pela fé... Pai-nosso que estais no céu, estamos dormindo? Vertigem? Não há tempo para cochilar. Promessas não cumpridas, o salário, o cruzeiro, o cruzado, o Cruz-Credo.

São Deus, mesmo pode ajudar...

Deus? Ele cochilou e esqueceu da gente!

Se num partir pra luta, a gente fica nessa a vida inteira.

Chorar pra que? A vida continua!

Porém mesclada vez ou outra de belas cantigas nas filas:

Eu tenho um burro que não gosta de carroça

E um menino que não gosta de estudar

Eu qualquer dia ponho o burro na escola

E o menino na carroça a trabalhar.

Eu quero ver o burrinho diplomado

Com anel de advogado

No escritório a trabalhar
E quero ver o menino preguiçoso
No varão de uma carroça
Noite e dia sem cessar.
Bom dia a professora
De novo aqui estou
Deixei a mamãe em casa
Da senhora agora sou
Palma, palma, palma
Pê, pê, pê
Viva nossa escola
Que gostosa que ela é...

E algumas degenerescências da espécie, altamente perniciosas a toda a vida profissional, mas já sob controle da categoria. O discurso mudando e a prática ainda um pouco atrás.

Escreve prá mim aquele pensamento aqui. Não me lembro direito, aquele... o que fizeste da flor-zinha que te confiei?...

— Ai, pelo amor de Deus, esquece isto. Nós temos agora é que criar outras coisas (Ergue a cabeça, o corpo, faz uma pose imponente, imitando o ajeitar a gravata.)

Eu sei, mas ele é tão bonitinho. Eu gosto.

Revirando estas gavetas, ajeitando cuidadosamente as peças velhas no fundo, remendando outras, a experiência do cotidiano atrelada ao trabalho assalariado vai proporcionando ao trabalhador do ensino a compreensão da sua

exploração e assim ele vai elaborando formas de superá-la . Os passos vão acompanhando não só a cadência dos rufos de tambores mas a riqueza de outros barulhos que levam a marchas diferentes. A confusão dos sons (fofocas, brigas) vai entrando em ordem e vem uma percepção para além do agir imediato e o avistar da possibilidade de fugir do final da fila, organizar outro pelotão de resistência.

O ônibus, o caminhar a pé, a pobreza, os morros e as estradas da zona rural, a descoberta, mesmo fragmentada e individual, a descoberta do possível nestas relações de trabalho bem específicas.

O burro de carga sou eu. Quem vai ajudar a gente a sair dessa? Quem?

A vontade de ser elogiada e valorizada nesse trabalho penoso, a percepção do abandono e da rotina a qual estão submetidas, tudo isso vai fervilhando e o caldo vai se entornando:

Esse negócio de Quadro Permanente num tá com nada. Quando fiz a opção, achei uma boa... descansar de sala... mas vai ficar aí? Parece que 'tavam dando o céu pra gente, mas é o suplício, um martírio. Tô me sentindo um caco... um paradeiro só. Pior que num dá nem pra dormir... Vem menino pra pegar um livro, mexe nas estantes, olha... olha e depois fala: "Eu? Num vou caçar mais serviço pra mim não! Ler livro? Num vô levã nada, quero sossego!" E eu tô aí, oh! Ainda ficaram fazendo corpo mole

querendo que eu pegasse outra coisa e não biblioteca. Belo presente! Acho que vou sair disso...

Não vou fazer nada prã escola. Num precisa mandar fazer nada. Tô descrente de tudo. Agora tô ē com fulana. Ela qui tã certa. Olha minha posição! (Sentada numa cadeira, um pé sobre o assento e outro no chão) Quando essa aqui (perna) cansa, troco e ponho a outra cã em cima. Tô cansada disso, eu quero ē mexer, movimentar...

Outras formas de resistência criadas no próprio cotidiano vão sendo inventadas para maquiar o desânimo e a insatisfação no trabalho e com o trabalho. Muitas das situações maçantes são cobertas por uma ironia fina, uma crítica mordaz e esse comportamento é generalizado na escola. Pia-das, casos engraçados, gargalhadas, versos, repentes, segredinhos de pé de ouvido, comentário das novelas, conversas sobre greve, pedidos, perguntas, lembretes, algumas discussões sobre as notícias do "Jornal Nacional", tudo é dividido para dar outra tonalidade ao tempo.

"Sabe a última do...?"

Olha quem vai chegando! Prã que este chique todo? Mais respeito comigo! Sou da Delegacia de ensino (faz trejeitos, imita os gestos das trabalhadoras da DRE). Vim saber quantos alunos tem na sala, quantas cadeiras estão estragadas e o que foi feito daquele dinheiraaão que veio para a Caixa. E a greve? a reposição das aulas está indo direitinho?

E o ciclo básico? Estas apostilas amarelinhas - de velhas-são para vocês. (Finge entregar alguma coisa). Tem tudo: ortografia, sugestões de redação, EXCELENTE.

Santa Maria! Cadê a toalha da mesa, a jarra, a coca-cola, os biscoitos? A delegada tá chegando! Óculos de sol... Enquanto isso, sopa, macarrão e canjiquinha pra nós...

Viram o "MG TV" hoje? O homem chamou a gente de gato-pingado. E falou que pode berrar, espernear que ele não dá o aumento. Já sou P4: professora, pobre, pisada e pasmada.

O professor
É da classe da humilhação
Por isto já estou pensando
Em mudar de profissão
Professora antigamente
Era uma alta posição
Mas hoje em dia, esta classe
Só serve de gozação.

Melhor salário
Acham que não merecemos
Então será justo
Que nós nos esforcemos?
Não nos pagam bem
Porque só trabalhamos 4 horas

Os trabalhos extra-classe
Estão sempre por fora.

No governo de Hélio Garcia
Teve um tal de dia "D"
Atê hoje não entendi
E nem sei dia "D" quê

A respeito da educação
Nada parece mudar
Pois um povo ignorante
É bem melhor prã governar

Desta maneira já não posso lecionar
Nem mais prã roupa
Isto tã dando prã comprar
Esse salário dā atê prã envergonhar
Eu vou parar.

Eu vou parar

Eu vou parar de lecionar...

Se faço greve

Ele põe outra em meu lugar...

Silêncio! Ouçam suas atribuições:

CAP. IV

São funções do professor:

Vender chup-chup, roupa usada, pipoca...

Pedir... Pedir... Pedir.

Perseguindo essa direção é que percebemos que cada espaço fala. As ações e discursos acesos no trabalhador do

ensino não se dão num vazio, mas num espaço social bem definido. Estas atitudes vêm mostrar que os pontos das estratégias são encadeados. Entrar na roda, ser engolido, perder as esperanças, ferver o sangue, ser acometido de pressões altas e baixas, sair da cama, banhar-se em águas mornas, quebrar a maquinaria, maquinar outras façanhas são, entre outras, maneiras de sobreviver a um sistema que nega aos trabalhadores, tudo. Porém eles aí estão, alguns espalhados mas se organizando para não se renderem.

Dificuldades na Saída: Redutores de Velocidade

Vista de fora, a integração na produção é uma coisa que parece clara: arranja-se o emprego e começa-se a organizar. Mas aqui a integração na "classe operária" dissolve-se numa multidão de pequenas situações individuais, nas quais não consigo encontrar um terreno firme. (Robert Linhart)

Um dia, um mês na escola pode não trazer novidades mas, meses e meses lá dentro, descobre-se subterrâneos ainda inexplorados que observados pacientemente, caso por caso, fato por fato, vão se juntando páginas, formando capítulos que amarrados e costurados, compõem a história dos trabalhadores do ensino. Não experiências individuais mas experiências comuns se entrelaçando vida afora, compondo um quadro no tempo. Um tonalidades vão ficando amareladas, algumas desaparecem e outras sendo acrescentadas pela continuidade das relações sociais.

Como encontrar uma pista? Acompanhemos o ritual.

Sinal, entrada, filas, salas, chamada, atrasos, faltas e a percepção do contínuo deslizar dos ponteiros do relógio. Peças pequenas do quadro facilmente ajustáveis às outras que parecem soltas. Adição de cansaço, subtração de salário e direitos, divisão do trabalho e multiplicação da revolta = organização do trabalho.

Em meio a tudo isto o trabalhador, um dia mais animado, outro, corpo pesado, cabeça cheia, medos, vigias... a insubordinação. Máquina emperrada. Defeito em todas as peças: giz, carteira, quadro-negro livro didático e a interrogação: habilitado? para quê? Adeus saudades da professorinha. "Cadê o aumento? O gato comeu?" Não tem significado as lições do dia: *Lã longe, muito longe, ... os três viviam felizes, muito felizes! Mas um dia... Um dia...*³ Apareceu o controle e formas de disciplinamento do trabalhador do ensino, juntamente com a resistência destes últimos. Este universo aparentemente pobre passou a ser regulado: regulamentos, códigos, decretos, leis, estatutos. Agora já não é tão livre e simples o trânsito: tem que ter ingresso, carreira, licença, penas, disciplina, concurso, zona rural, remoção, políticos, politicagem e acima de tudo a hierarquização de funções: ... delegado, inspetor, diretor, supervisor, professor, bibliotecária, secretária, auxiliar de escrita, servente, contínuo servente, chefe de disciplina... gente demais e não dá conta. Uns lá em cima, outros cá em baixo.

3. Zélia de Almeida. *Aconteceu no bosque* (pré-livro), 2.ed. São Paulo, FTD, 1976, p. 11-12.

Muitas tarefas: ler o "Minas Gerais", fazer REMG, QI, QF, preencher fichas, dar aula, datilografar, orientar, apurar, registrar, recortar, limpar, zelar, disciplinar. Por que não dá certo? Brigas, fofocas, choro. E o culpado?

Trabalho dividido, hierarquização das funções e como resultado a rivalidade entre os pares.

Vem com aquela carinha de santa pro lado da gente... mas é um autoritarismo sô. Enquanto cê concorda com a opinião dela, ela é sua amiga mas se for contra, aí acabou...

Aquela fica ali. É ela que envenena a coisa aqui dentro. Põe todo mundo no fogo e depois ainda se faz de vítima.

Vigiar, fiscalizar, inspecionar, manter a disciplina são tarefas atribuídas aos próprios pares, caracterizadas pela necessidade de controlar o trabalhador. O inspetor, o diretor e o supervisor são as figuras-chave desse processo, entretanto os outros trabalhadores também entram nesse esquema, mas vemos que a prática mais compactada de jogar água fria na fervura, colocar panos quentes, vem sendo revolvida e surgindo novas formas coletivas de tratar a questão.

Temos que colocar as coisas em pratos limpos. Não adianta ficar querendo tapar o sol com a peneira. Vamos colocar as diferenças sim, às vezes um dia a gente chega num acordo. Se até aqui a coisa não

melhorou... fica essa briga o tempo todo, vamos mudar prá ver cumê que fica. Nada de "deixa isso prá lá, vem prá cá, que que tem". Falou, inventou? Todo mundo tem que saber, aí não vai falar mais. Quem sabe se assim pára com as fofocas. Se continuar é porque a coisa não é aqui, é mais em cima.

A gente vai percebendo quem pisa a gente de verdade. Vai aprendendo e enxergando melhor as coisas e vê o quanto a gente tá sozinha. Levar as coisas pro lado pessoal não vai ajudar a resolver os problemas. Acaba ficando no mesmo lugar.

Por mais que esses mecanismos de disciplinamento impeçam a identificação de interesses comuns de classe e visem romper os laços de solidariedade, estes não são totalmente destruídos. Essa relação hierarquizada vai se afrouxando e os trabalhadores vão percebendo que os outros navegam no mesmo barco. Questiona-se a posição daqueles que tentam se impor pela ameaça, pela força, pelo cargo que ocupam, alargando o campo de percepção desses aspectos. A lucidez sobre como são manipulados no trabalho, faz com que se desenvolvam traços que vão se constituindo nesta luta e que levam à denúncia da situação atual bem como a procura de meios para enfrentá-la.

Olha gente, vejam bem minha posição! Eu fico entre a faca e a espada. Eu também sou mandada e não sou eu sozinha que vou resolver os problemas da escola.

A gente tem que lutar. Dia 9 (abril) vem uma paralisação aí. Vamos pra rua, vamos nos unir e reclamar as coisas com aquele que pode e deve nos dar. Não vamos ficar em casa. Fazer paralisação em casa não resolve. A gente vem pra escola e faz uma reflexão sobre o porquê desta paralisação.

Justiça seja feita! Eu até não gosto muito dela não, mas que teve um cambalacho contra ela, isto teve.

Esse ano as coisas melhoraram bastante. Num tá aquele ambiente de antes, onde a gente tinha até medo de abrir a boca pra falar alguma coisa... Toda vez que eu entrava aqui, punha o pé direito na frente e rezava até o Credo.

As fofocas e brigas vão diminuindo, mesmo que se tente controlar o ritmo, o tempo, as faltas e outros pecados, o perdão sempre aparece.

Ele não aparece em nenhuma reunião, não entrega as notas em dia, falta e não avisa... tem lá seus motivos, mas também dentro da sala, dá conta direitinho do recado. Tem uma cabeça e tanto... Agora, o outro, pelo amor de Deus, só falta perder a cabeça! Ainda bem que faz parte de uma minoria. Se a gente olhar bem, vê que as coisas estão caminhando. O pessoal tá mais maduro.

As formas de aprendizagem que os trabalhadores desenvolvem para conviver com as ameaças de faltas, fechamento de classe e vigilância do horário, indicam outros rumos tra-

çados, diferentes daqueles propostos formalmente. Mesmo compreendendo e vivenciando as amarras do cotidiano de trabalho, essas mulheres-trabalhadoras também participam de sua gestação. O medo do fechamento de classes e diminuição das vagas levam as trabalhadoras a sair pela zona rural e grotas, à procura de alunos. Arruma-se roupas, sapatos, lápis e cadernos. Ainda para fugirem à fiscalização da DRE, quanto às exigências do número de alunos em cada classe, aparecem em muitas listas, alunos fantasmas, mãe e pai fantasmas e esse processo vai longe. Alguns desses, são promovidos, eliminados, reprovados e a corrente continua.

*Esses aqui são os fantasminhas. Tem até os gêmeos. Roberto Carlos e Carlos Roberto. Eles vão ser promovidos. São excelentes. Agora esse Paulo Eduardo vai tomar bomba. Me dá muito trabalho! Tem dia que eu esqueço e ponho presença prã ele, depois precisa apagar, e ainda atrapalha as contas que faço prã ajeitar tudo naquele REMG.**

Se defunto vota, viúva morta recebe aposentadoria, deputado biônico recebe salário, por que aluno fantasma não pode frequentar escola? Me explique

* Registro Geral do Estabelecimento de Ensino, onde consta o resultado final (aprovados-reprovados) por idade, segundo a série e o sexo e ainda a mobilidade escolar: matrícula inicial e final, alunos admitidos, afastados por transferência e abandono, encaminhados a classe especial, etc.

Direito é direito. Não somos todos iguais perante a lei?

São nestes caminhos que os profissionais se encontram como categoria. Todos são réus e cúmplices. Estas mesmas ameaças que funcionam para separar os trabalhadores acabam por uní-los. Nestes momentos não existem rancores, brigas, fofocas, supervisor, diretor, P1, P2, Regente ou servente. São todos trabalhadores unidos, pela exploração e desconfiança quanto às políticas de gestão do público. Alia-se a este enredo a ambigüidade vivida pelos especialistas e outros que na escola são chamados a fiscalizar a ordem e a disciplina, para que haja bom andamento do trabalho. Ao mesmo tempo que são especialistas ou do gabinete, são também professores, possuem dois cargos. Como pois equilibrar o mandar, vigiar, controlar com o ser mandado, vigiado e controlado? Até o diretor, que também já foi trabalhador de linha, tem aí seu espaço, devido ao fato de que sua permanência no cargo obedece ao som da valsa da política local. Candidatos à Prefeitura já têm na pasta o nome da eleita diretora. Mesmo que esta ocupe o cargo por mais de uma gestão, é "convidada" pelos outros trabalhadores a participar da corrida.

No interior desta questão, é importante chamar a atenção para o salário mais elevado daqueles agentes encarregados da ação disciplinadora e como isto é jogado de maneira sutil. Fiscalizadores da ordem e disciplina dos subalternos, ocupando degrau superior na hierarquização das funções, resta portanto obedecê-los. Entretanto, como também

exercem a função de professores, são usados duas vezes, por um lado como agentes disciplinadores exigindo determinados comportamentos dos subordinados e, por outro, como trabalhador de linha, resistindo.

Esta questão já foi abordada em itens anteriores mas recolocada porque vem aprisionada à carroçaria da dissolução dos direitos coletivos numa multidão de direitos individuais e destes últimos em outros tantos mais individualizados, estratégia super refinada, visando transformar a escola numa arena de luta livre, onde todos devem por lei ser inimigos. Também aí o tiro sai pela culatra. Esse nevoeiro não impede que os trabalhadores desenvolvam uma ação contrária, articulada a seus interesses imediatos e contra as regras do jogo proposto pelo Estado que também por seu lado é desafiado a alterá-las constantemente. Uma espécie em formação, a título de lembrança, é a nova modelagem dada ao Quadro Permanente.

Os trabalhadores não desistem e saem à procura de seus direitos, atrás dos biênios, quinquênios, contratos, acumulação de cargos, substituições e outros. Os fios são tão emaranhados e cheios de minúcias que muitas vezes não se sabe bem de quem é o direito. Contrata-se, por exemplo, um professor e após os contatos com o diretor, inspetor, telefonemas e idas à DRE ou mesmo SEE, outro trabalhador descobre que o direito era seu. Dispensa, novo contrato, brigas, fofocas. Uns atijando os outros, sendo levados a tomar partido e se unindo na resistência por já haver vivenciado situações semelhantes.

Ficaram esquentando minha cabeça. Começaram a me chamar de boba, que o direito era meu e que eu tinha que lutar.

Vou levar isso até o fim. Fica pensando que a gente é boba. A delegacia fala uma coisa, a inspetora outra e a diretora outra coisa. Fica querendo é confundir a gente. E olha no que dá! A gente acaba brigando e vira uma fofoca só. Mas eu não vou desistir facilmente não.

Esse negócio de ir à DRE enche o saco. Chega lá e falam assim com a gente: "Não é comigo, procura fulana, espera, vá ao 3º andar, é lá no 2º, volta depois que a delegada tá viajando. Quanto mais tempo cê deixa passar, mais enrola sua vida.

Uê, Delegacia é prá isso mesmo, prá enrolar sua vida.

Esse negócio é assim mesmo, se num for atrás, insistir, dança. Fui lá protocolar meus papéis dia 21 de novembro. Telefonei antes e o que pediram eu levei. Depois, dia 28 veio um ofício de lá pedindo mais documento e que eu comparecesse com urgência. Volto lá mais duas vezes e fica aquele jogo de empurra. Ninguém esclarece nada. Delegada viajando, eu sem tempo, vem Natal, Ano Novo e só dia 8 de janeiro consigo arrumar tudo e ainda tive que esperar umas duas horas prá mulher me atender. Que urgência é esta? A gente corre atrás, mas a coisa

num anda. É assim mesmo mexer com Estado!

Está em jogo uma política educacional que prejudica, além dos milhares de trabalhadores todo o processo educativo. É a guerra para vencer o trabalhador pelo cansaço, porém ele resiste e vai avançando a descoberta daqueles que o jogaram neste atoleiro. A briga no interior da escola ainda persiste, surgindo porém um maior nível de compreensão dessas amarras. Aqueles que entram em contendas pela disputa de lugares, tentam, após acalmar os ânimos, esclarecer com o outro a situação.

Veja minha posição! Não estou brigando com você mas procurando meus direitos.

Isso não é briga pessoal. Sei que na hora o sangue ferve, a gente fala o que não deve mas, se a gente deixa passar, fica prejudicado nesta história.

Ao mesmo tempo que essas medidas administrativas separam os trabalhadores, também os reúnem, pois de uma forma ou de outra todos já participaram desse jogo de perde-ganha. Aquilo que um vive e sofre repercute nos outros, sendo muitas vezes necessário e exigido tomar partido da situação. Alguns problemas mais delicados são levados às reuniões, para votação, independente do parecer da DRE e tenta-se desta forma ir transitando estes espaços minados. Outras vezes, grupos se unem para ajudar um outro menos experiente, desatar suas amarras.

A prática tem nos mostrado que talvez aí, neste tratamento individual dado aos problemas coletivos apresentados

pelos professores, resida um veio que mereça ser explorado dentro da atual organização do trabalho, para melhor pensar os limites colocados a organização dos trabalhadores do ensino.

Sinal Verde: Pode Passar

Um dia acordei

Trinta e tantos anos

.....

É o dia a dia que se acumula

é a idade que pesa

não nos ombros como uma carga

mas na mente no corpo nos atos

como um fardo.

Ter tinta e tantos anos

.....

suprimiu sonhos que eu acalentei

Podiam ser trinta os anos

mas não tantos (trabalhadora do ensino)

Trinta, quarenta, cinquenta e tantos anos. Dez, Onze, dezesseis, vinte, vinte e um de magistério. Práticas e saberes provenientes de outros domínios da vida entrecruzando e interpenetrando o domínio escolar e este por sua vez invadindo o primeiro. "É o dia a dia que se acumula", histórias que se entrelaçam. Filhos-alunos, marido-patrão, casa-escola, dinheiro necessário-salário pouco, presença e au-

sência em casa - presença e ausência na escola, mulher-mãe, esposa, avó, filha, amante, trabalhadora. Planos, sonhos, desejos, projetos, tateios, titubeios aqui-acolá.

É toda uma vida. Pensa bem, isso é sério! Dez anos pra mim é muito tempo. Dentro de uma sala de aula, duplica.

O não saber por onde começar, o sonho com as metas a serem atingidas, a doce ilusão de que se pode acabar com a evasão e repetência, a persistência dos mesmos problemas. E então, onde está o erro? Prêmios, quadro de honra, disciplinar, chamar a professora de "Dona", nada adianta. Perder-se. Começar de novo. Como incentivar a frequência, melhorar o relacionamento entre os pares? Por que os objetivos da escola para os filhos do povo se perdem em meio a tantos papéis, métodos, técnicas? Não resolve exigir mais dos companheiros. Tentativas, seculares. Não sai nada. Explorar o outro e ser explorada. Ser sugada, perder a cor e a coragem.

Acho uma bobageira ficar lendo coisa de educação. Lê... lê... cabeça ferve. Essa coisa num vai mudar nunca. Duas páginas e o sono. Agora tô lendo é coisa leve: Nova, Capricho e até tarô.

Outras especialidades da casa: a divisão do trabalho na escola, os limites do espaço de cada trabalhador, os chefes, a dilapidação e imobilização da força de trabalho, as leis, o estatuto, o regime disciplinar, tempo, horário, calendário, pressa, vencimentos, a resistência presente na es-

pera ansiosa das sextas-feiras, nas zombarias, na auto-ironia do corpo caricaturado — "cada dia descubro uma ruga"—, nas montagens e cartazes que se fazem com as figuras de nossos governantes, da recusa em se falar sobre a escola, fora dela, afinal, resistência que está à flor da pele e reveste-se de múltiplas formas:

Ficamos conversando mas sô saiu assunto de escola. Parece praga. A gente quer sair da escola mas ela não sai da gente. É bom falar da vida, dos amores, dos homens, do prazer...

É o arrastar dos dias que pesa na mente, no corpo, nos atos como um fardo. É o repetitório, o enfado das rotinas, o desfilar de giz, quadro-negro, planos de aulas, planos. Trabalhador apto a buscar outras estações. Adquirem a passagem das diretas para diretor, acrescentada a outras páginas soltas da história de sua participação nas lutas da categoria.

Precisamos fazer alguma coisa. Do jeito que está não dá mais. Isso aqui tá um caldeirão a 100°C, o caldo tá grosso.

A caminhada em direção à organização da categoria é alterada repetidas vezes pelos limites impostos ao cotidiano, onde se aplica doses excessivas de tóxicos para impedir a gestação sadia de um contra-saber.

Gente, esse governo é muito forte, a gente perto dele num representa nada. Somos um zero à esquerda.